

LUIZ ANTONIO
SIMAS



MARCELO
OUTINHO

(ORGS.)

PAVUNA **GLÓRIA** **E** **COSME**
PENHA **VELHO**



CASCADURA

Meu



MA
RÉ
vila

LUGAR

PIEDADE

ISABEL **FUJUCA**

COPACABANA **BOTAFOGO**

mórmula EDITORIAL ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★ ★



LUIZ ANTONIO
SIMAS



MARCELO
MOUTINHO

(CORGE)



GLÓRIA E COSME

PENHA E VELHO

CASCADURA



COPACABANA

mórmula EDITORIAL ★★ ★★ ★★ ★★ ★★ ★★



LUIZ ANTONIO
SIMAS

MARCELO
MOUTINHO (ORGS.)

O Meu LUGAR



mórmula EDITORIAL





O meu lugar

LUIZ ANTONIO SIMAS
MARCELO MOUTINHO (ORGS.)

REVISÃO
Ana Julia Cury

CAPA
Reprodução do lambe-lambe gravado em linóleo
por Victor Epifanio – Eban Studio (ebanstudio.com.br)

DESIGN E DESENVOLVIMENTO
Mórula Editorial

Todos os direitos desta edição reservados à MV Serviços e Editora.
É proibida a reprodução total ou parcial sem a autorização da editora.



R. Teotonio Regadas, 26 – 904 – Lapa – Rio de Janeiro
www.morula.com.br • contato@morula.com.br



ESTE LIVRO COMEÇA A NASCER nas mesas do Bar Brasil, em pleno coração da Lapa. Passa pelo Escondidinho, pela Adega Flor do Coimbra e ganha feições finais, entre muitos copos de cerveja, no Al-Farábi, na centenária Rua do Rosário. A ideia da editora Mórula, encampada de imediato por nós dois, era falar do Rio de Janeiro a partir dos diferentes bairros que o compõem — e sob a perspectiva de olhares igualmente diversos.

Após demoradas conversas e animadas trocas de e-mails, chegamos aos 34 nomes aqui reunidos. O time mescla cronistas já consagrados a escritores que só há pouco começaram a trilhar suas trajetórias. Em comum, a capacidade de observar a cidade para além do óbvio, do efêmero, do tempo cronológico.

Não à toa, o título de *O meu lugar*. Referência ao conhecido samba de Arlindo Cruz e Mauro Diniz sobre Madureira, a expressão traduz à perfeição a essência das crônicas que integram o livro, todas inéditas. Cada cronista escreveu sobre o “seu lugar”, aquele espaço com o qual mantém uma relação de profunda intimidade.

Da Zona Norte à Zona Sul, passando pela Zona Oeste, pela Baixada e pela Ilha do Governador, os textos descortinam uma cidade que não cabe no mapa. Feita de memórias, histórias, afetos. E, claro, da singularidade de seus bairros, que

transformados em crônica acabam por ratificar a frase de Marques Rebelo: o Rio é mesmo uma cidade com muitas cidades dentro.

Luiz Antonio Simas e Marcelo Moutinho

[ORGANIZADORES]

CENTRO

Rolezinho com Nabuco

MARIEL REIS

DE CARTOLA, FRAQUE E BENGALA, Joaquim Nabuco salta do pedestal, espana-se com o lenço à mão. Dirige um olhar enternecido à cidade. Nota, ao lado esquerdo, numa escrivaninha, um escrevente contumaz e circunspecto, esboça uma saudação.

As carruagens mudaram bastante: são mais barulhentas. E a moda se tornou extravagante para os homens, e escandalosa, para as mulheres. Entretanto, encostado a uma árvore, vislumbra um jovem negro, entretido com objeto retangular cuja superfície é tamborilada por dedos ágeis. As momices, como também o alvo sorriso, são atinentes à idade. Sua memória, se coberta de fogo, em vez do entrudo, se Nabuco adivinhasse o carnaval, veria, ali, um mestre-sala com um estandarte esdrúxulo.

Qualé, meu chefe? Tã com algum problema? É gringo, certo, meu lorde? A linguagem bárbara do jovem e a desenvoltura com que era desvendado — um inglês em calor senegalesco — lhe

indicou a inadequação de seus trajes. Nenhum problema, respondeu Nabuco. E saiu de fininho, com medo da bifa que lhe pudesse aplicar, pela intromissão, o rapaz.

Em sua caminhada saudava aos transeuntes, tocando, repetidamente, a aba do chapéu. Esbarra em um e outro rapazote, maldizendo o azar. Tantas mocinhas e topo justo com um... Joaquim Nabuco? Exclamei perplexo, em plena Rua Santa Luzia, distante, poucos metros, da igreja.

É um prazer, estendeu-me a mão para o cumprimento. Tá lelé, homem? Fraque, bengala e cartola? Parecendo um exu branquelo, num sol de rachar a moleira... A inapropriação de Joaquim Nabuco atingiu a estratosfera. Subimos até a Rio Branco, em franca conversa. Ele, calado, me escutava: Quincas, tu tá inteiro, compadre. Mortinho da silva, e com tudo no lugar. Tem algum nas algibeiras? Olha a mofa do mestiço, pontuou com malícia; se é a minha roupa, podemos trocá-la, em meu alfaiate, na Rua do Ouvidor, finalizou Nabuco. Alfaiate na Rua do Ouvidor? Lá só tem a livraria Saraiva... Ou a gente vai ao Saara ou às Lojas Americanas...

A menção dessa última pareceu empolgá-lo devido a uma experiência passada na terra dos ianques. O Passeio Público o deslumbrava, mas a guitarrada da banda Calypso o torturava.

A grana do gajo tinha bolor.

Passei o cartão (de crédito) num conjunto de moletom que o transformaria num *portuga* em férias pela Cidade Maravilhosa. Vendemos toda a tralha — *moda dândi*? — no brechó, ao lado do teatro Brigitte Blair, por uns bons trocados e tocamos Senador Dantas acima.

Agora, Quincas, você está nos trinquês!, disse a ele. As cabines telefônicas — raras — lhe chamaram a atenção e, ao investigá-las, descobriu, nauseado, os reclames dos serviços de travestis, com sugestivos anúncios: Thalita. 23 centímetros de prazer. Ativo e passivo. Telefone.

O Convento de Santo Antônio lhe restituiu a fé na humanidade. Bitencourt da Silva. Banca de livros do Francisco Olivar. Rapaz, quem é? Olivar, vendo o sujeito, de óculos escuros, carapinha branca, bigode bem cuidado, em moletom, descuidava da identidade do visitante. Revelei. Tá de sacanagem... Joaquim empostou a voz e recitou um trecho de “Minha Formação”. Só pode ser um ator, emendou, em descrédito, Olivar. Subestimado, Nabuco tascou “O Abolicionismo”, tão comovedoramente que a gente do metrô estacou para aplaudi-lo.

Machado de Assis era mulato? Olivar disparou. Contrafeito, Nabuco grunhiu, era. No duro, no duro mesmo? Reforçou Olivar. Mulato, mulato, sem essa de *grego da melhor época*, consentiu Quincas. Senti firmeza, velhinho, pisquei para ele. Mais solto, e espevitado, Como é que se consegue mulher por aqui? Despencamos para a Treze de Maio. Tava me saindo caro o homem (quase) bicentenário.

Vai dar no couro?, perguntei, folheando o catálogo. What?, gastou, em língua de bife, o Quincas. Reformulei minha pergunta: Está se sentindo em forma? Nabuco assentiu com a cabeça. Escolheu? Tem um outro lugarzinho na Buenos Aires...

A atendente chamou por uma moça em indumentária mínima, em linguagem nabuquiana. Pimpão — outro sarampão da língua —, ele saiu com um largo sorriso da cabine. Preciso comer,

sentenciou. Primeiro, um bom copo de leite. Leitaria Mineira, Rua da Ajuda. Depois, um bom prato — Esquimó, Travessa do Ouvidor. Quase cinco horas da tarde. Retornamos à Rua Santa Luzia e lá o escrevente contumaz e de carne triste olhava o pedestal vizinho, vazio.

Sem fraque, sem cartola, sem bengala, tá uma bagunça, cara. Vai subir aí assim mesmo? Do que tenho que me envergonhar? De nada. O dentuço, com cara de fuinha, arrematou “Foi homem — sonhou — e amou na vida”. Nabuco agradeceu, mas o epitáfio pertencia a outro.

Obrigado por ser meu cicerone, apertou minha mão. Avistou o jovem negro que se reaproximava, batucando o *tablet*, deixando cair a fuleira: Vai pagar de estátua viva, tio? Pelo menos tá no clima da cidade (referia-se ao moletom). Esta cidade é tão minha quanto sua, meu caro, e é por mais lhe pertencer é de que tenho orgulho, finaliza ele, Quincas. É verdade que virei nome de rua? Sim, respondo, lá em Copacabana. Chique, não? Pra caramba...



GAMBOA

Serpentina avoa, que hoje tem barricada!

ZEH GUSTAVO

FUSO HORÁRIO DA GOTA É esse do carnaval! (A Gota mora na Gamboa, vocês sabiam?) Manhãzinha, *pulta* dor de cabeça e eu acordando zoadado zureta com um jumento de um mosquito zumbindo danado dentro do meu crânio em preju de ressaca. Tô cabreiro: quero cantar nesse zaraio! Até um dia antes, nada certo. (Daí bebi, fumegado nos goró que compensa os infurtuno?) “Não tem grana pro som”, disse lá o muquirana mais parça e risota que um portuário pode ter, o Fábio Sarolvsky. Mas, como tava dizendo, o Prata Preta iria sair sem minha gogó, esta mesma que a natureza *não* me deu mas que insisto em usar, que produz voz mais rouca que a de taquara chamosa do baiano Paulo Diniz.

Caroleta ronca, ao meu lado. Tudo bem, essa é a minha versão. Na verdade eu me desguio da cama e quem eu encontro na sala?

Porra, Dercy Gonçalves! Maquiagem borrada, lábios de boca pra baixo num desenhado falso-triste de rabisco mudo, peitinho centenário muxibento e tudo. O que fizeram com a minha companheira?! Quem era você, Carmem Miranda? Ou seria a Björk com seu ganso ganhador de Oscars do estranhamento *be quiet?* É muita fantasia-informação, vou *fazer* um café pra nós dois.

Boto pouquíssimo açúcar e com seu afeto infindo Caroleta Dercy Björk Miranda saltita bacana na Martinica de nossa pequena casa de festas, vulgarmente ocupada por residência de um casal sem filhos mas que *cria* livros, entre outros bichos do imaginário. Há mais de mil palhaços no meio da multidão de confetes. Pego meu nariz vermelho-sangue tal qual o coração que bateu forte quando viu a Alerj queimar, num tal de junho passado e pouco duravante (até agora). Ah, sim, me monto e saio.

Jogo fora o nariz de palhaço e seguro a mão de Carmem Caroleta Gonçalves, a Björk. Cruzamos esse Porto gigante de memórias, estou cheio das capoeiras nas ideias (o corpo, além de fracote, é ranzinza pra gingar), sigo caminho, ancestral, pela Rua do Valongo hoje nomeada Sacadura Cabral, vislumbro que lá no horizonte acha-se uma praia da Gamboa etérea, entre montes pré-aterros. É o Prata Preta, o Zumbi da Saúde, que me espera na praça da Harmonia que teimam chamar, nos oficialmente, com o nome de um coroné qualquer — de coroné já nos basta uns tais, aí!

É tanto pensamento zonzinho torto que, divinha? Chegemo! Desalembro por ora dos desejos de cantoria, meus pés saboreiam a areia que ameaçam tirar do largo, amealho um mé de minha

garrafinha de reserva moral trazida no bolso roto da bermuda puída. Afinal, em casa.

Sob o comando do maestro Bergolino Generoso, a banda do Prata já entoa suas marchas e ranchos e o publicueto se vai desabrochando na Gamboa, que hoje é dia de chorar o riso. E de barricada — mas ninguém ainda sabe da revolução *armada* que se avizinha.

“Alô, Prata Preta chegou!” Convocado, me junto ao naipe de metais. Tem som ao menos para a abertura dos trabalhos. Meu *palco* é a base em pedras de uma árvore experiente. Sinto-a farfalhar, à altura dos refrões. Carecíamos de um coro resposta como este! O bloco sai, largo o microfone e iniciamos uma *sutil* debandada. O que esses malucos estão aprontando? Vamos diretos à Rua do Propósito, ao nosso *aparelho* redivivo, a Sociedade Dramática Particular Filhos de Talma.

No ano anterior o Prata plantou quizumba, junto ao parceiro de farras e forras Boi Tolo, ao receber a Serpentina Engambelada de Ouro Gentrificado do lesadíssimo jornal O Lodo, em cerimônia de ovação à tentativa de tomada da alegria das ruas pelo conglomerado de cervejarias de milho que galinha que se preze não bica. Isto depois de um desfile-catarse de descomemoração dos 50 anos do golpe canalha-militar de 1964...

Mas a hora é de montar a nossa barricada farsesca, que tece recordata da Revolta da Vacina, *empreendimento* vândalo e audaz da rapeize do batalho aqui do Porto, nos antanhos de novembro de 1904, sob o leme lendário de Horácio José da Costa. Ou: Prata Preta. Desde 2004, um senhor cordão carnavalesco do qual este escriba fuleiro tem hoje o privilégio de se fazer cantorador.

Um canhão de mentirinha é levado até a esquina mesma da luta novecentista, na antiga Rua do Cemitério. E eis que chega reforço no *auxílio* do levante folião: Kimura Varrelas, nosso heróico mexicano; Serjão Dumont, veterano galã da Rádio Nacional; Ais Lan, venerável cartunista; Orlando Doctor Rey, outrora discólide, dono de uma ostensiva coleção de vinhos ranhados daquela melancolia nelsoncavacanheira que parece fundar o samba para além de seu aparato musical. Renan Piranha surge botando banca de *cabrón*, acompanhado de Dayana Cambalhota, grandalhona famosa nos baixios de Realongo. Essa, só Vó Jacy curandeira salva!

O bloco faz a volta, vem ao encontro de nosso motim. Conseguimos ainda mais adesões. Vamos triunfar, moçada! Então, claro, bebamos. Notável Carolice incorpora uma espécie de Maria Bonita do Morro da Favela e eu ali de chapéu e paletó, lenço no pescoço, rosto coberto — meio que *cavalo* de meu intempestivo e pequeno circo íntimo revolução. Então a loura-índia Kiev Prateada atira a primeira salva de tiros: é o furdunço dentro do furdunço!

A marcha-frevo acústica faz embate sonoro com os metais: “O Prata Preta tem raiz no nosso chão...” A (des)ordem é: pula! Se cair, levanta.

Pois não. Mas saúdos e gamboas sabem a hora de dar nos pés. Com ou sem pernada. Como quem parte mas dá jeito de guardar inventário do passado. Dou sorrateiro o bote nesta crônica, vou até ali picar uma mula, que este folguedo termina mais não. É como cortejo de sonhos, a plantar estória pela proa dos tempos. Com ou sem sacolejos — a barca pode até ancorar que não breca!



MORRO DA CONCEIÇÃO

O inverso que nos salva

RAPHAEL VIDAL

O APITO DO NAVIO QUE zarpa do cais atravessa ouvidos e namora a britadeira rasgando o asfalto da avenida caótica de buzinas que não saem do lugar. Prédios cercam a respiração refazendo brisas, transformando curvas cheias de caráter em quinas da arquitetura dissimulada. Os bufarinheiros com suas quinquilharias coloridas e iluminadas confundem-se com letreiros, revistas em bancas e os mais variados tons da indumentária urbana. Dos sentidos impuros da rendição não nos resta o cheiro: entre tantos, não há mais aromas.

Somos reféns no Rio de Janeiro que nos ultrapassa. Mas que também é farsante, engana, trapaceia, amante de si mesmo, banhando de lágrimas pela ambiguidade: a cidade que se faz atravessando as rachaduras de seus muros. É na insatisfação, levando a mal, desacreditando, que ela vai deixar sua vergonha de lado. Mas também é sorrindo que se conquista seus amores. Por

isso só encontramos o que resiste dela em nós mesmos, o que desejamos, enfim, exigindo mais do que é oferecido, buscando além do que visão, audição e olfato podem sentir em nossa volta. Nesse caos a fresta da cidade pode ser uma ladeira, um beco ou uma escadinha. No entanto, só enxergamos essas possibilidades quando entramos em tábula rasa, suspensão do cotidiano — dormência absoluta do ordinário.

— Ladeira do João Homem, Rua do Jogo da Bola, Ladeira do Pedro Antônio, Rua Major Daemon, Ladeira do Escorrega, Travessa do Mato Grosso, Beco das Escadinhas, Beco João Inácio, Travessa do Sereno, Valongo, Pedra do Sal.

Diante da visão, o arrebatamento: sobe-se. É a metáfora invertida do paraíso. Se pra descer todo santo ajuda, pra subir o Morro da Conceição é preciso deixar de ser fiel. É necessário abandonar. Tomar coragem diante do medo. Em cada passo uma perda. Um renovar de pele. A vida que transforma. O tempo se dissipa em minutos, horas, dias, anos, décadas, séculos e nos esquece. Subir o Morro é um ritual de iniciação aos mistérios que realmente importam: como realizar a vida desejada. E ninguém que deseja é realmente feliz brincando no *playground*. Aqui a rua é o espaço de brincar. Os pequenos correm, jogam, sujam, riem, choram. Há até aquelas que se machucam. Sim, ainda existe um lugar na cidade onde as crianças ralam o joelho brincando. E onde há casas de quase um século que fazem da calçada uma varanda, as janelas abertas sem grades, paralelepípedos ao invés do asfalto, botequins, armazéns e o padeiro de bicicleta. Aliás, um lugar com nomes: Frigideira, Tibira, Pará, Kitan, Crioula, Dácio, Javali, dona Eva, Kuru, Chico, Espanhol, dona Ivete, Brucutu, Beto

Furinga, Menininho, Zéu, dona Regina, Mineiro, Fran, Negão, Baiaco, Nice, Seu Renê... São eles que nos acompanham, nos ensinam o lero-lero do fiado, a manha do jogo de Aliado e a viver o momento certo em que o bolo de fubá fica pronto na vizinha.

— Ô de casa!

O silêncio tem voz no Morro da Conceição. Ele soa e ecoa pelas folhas das árvores que balançam quando os micos pulam em seus galhos e chegam até a nossa cozinha pra roubar — nós como cúmplices — nossas frutas. O mesmo que ouvimos na madrugada a nos defender com latidos das assombrações da vida adulta. Aqui conseguimos escutar a quietude dos pássaros que cantam sem parar. Estamos suspensos, como que a planar pela realidade, nessa fantasia que é morar em um lugar onde a metafísica é o folclore que nos explica. Aqui há uma igreja sem padre, uma fortaleza sem canhões: a rigidez dos costumes nos falha. É essa contradição que os desatentos percebem. Despidos da cidade que existe e vestidos da cidade que persiste, o encantamento é o próprio encantado. As misturas são em si, unidade. Um orixá é o Morro da Conceição. Não se trata de um clima de subúrbio de antigamente ou uma cidade de interior que não cresceu: o Morro da Conceição não se compara. Ele está no vácuo entre sonhar e tornar real. É o que faz conviver num almoço de domingo — amizade profunda — o espanhol dono do botequim e o negro que fia cachaça. O traficante moleque, fazendo estica, e o soldado que fuma um baseado no posto de guarda: entre eles há um abismo que aqui os aproxima. O que não deu certo, a cidade que se foi, o que não se encontra, se desembaraça. No lugar onde a memória é feita de chão,

esquecemos e fincamos o pé ao mesmo tempo. A flecha que mata Estácio de Sá é a mesma que nos funda.

— Morro?

Tal qual as águas do oceano que envolvem a terra firme, a cidade nos cerca. Mas é justamente o inverso que nos salva. O Rio de Janeiro que precisa ser descoberto. Por isso as ladeiras estão para o movimento que também é descida: é preciso descer.

Há que se descer o Morro da Conceição.



VILA ISABEL

Na rua, até hoje...

ALDIR BLANC

“...e eu que saí de casa olhando a lua
até hoje estou na rua.”

“FEITIÇO DA VILA”, NOEL ROSA

EU NASCI NA CHAMADA RUA da Pedreira (Santos Rodrigues), no Estácio, num apartamentinho escuro. A rua, na época, não tinha saída. Era muito pobre, com vários terrenos baldios. Estou só dando uma ideia do cenário. Aí, com quase 4 anos, finalzinho da década de 1940, houve a mudança — e botem *mudança* nisso! — para a Rua dos Artistas, em Vila Isabel. Os chatos insistem em afirmar que o bairro era Aldeia Campista, mas, como meu vô português botou um papel em meu bolso com o endereço, telefone e estava escrito que o bairro era Vila Isabel, foi, é e sempre será Vila Isabel. Os que discordarem podem, em fila organizada, ir à merda.

Por mais que a amável leitora ou leitor se esforcem, acho que jamais conseguirão saber o que o menino sentiu quando, pela primeira vez, viu o quintal cheio de árvores: laranjeiras-da-terra, limoeiros, jaqueiras, mangueiras e, entre insignificantes goiabeiras vermelhas, a gigantesca, o que é incomum, goiabeira branca que se curvava até o chão para que eu subisse por seus galhos a um recanto especial, onde, recostado, lia Monteiro Lobato. E sol, sol, sol no céu remendado de pipas. O quintal também tinha uma parte cimentada para acirrados jogos de futebol em que eu, sempre chegado a ficar sozinho, enfrentava o Aldirzinho, um adversário faltoso e desleal.

Outro deslumbramento eram os almoços de domingo. Se fosse Páscoa, um dia santo especial, festas natalinas, armavam uma mesa de tábuas e cavaletes no quintal. Não raro eram 30, 40 pessoas mandando ver no garfo — e no copo, claro. Pra vocês terem uma pequena ideia, nas feijoadas, as laranjas ficavam em enormes bacias, as cervejas suavam em tinas de madeira e havia literalmente dezenas de garrafas de cachaças e batidas. Rolava de tudo: porres, brigas conjugais, concurso de charadas, alguém carregando na pimenta e se cagando em pleno repasto.

No quarto dos fundos, a estranha mesa hexagonal com centenas de lápis de cor, de cera, pincéis, tinteiros, vidros com penas, vários tipos de cadernos, carimbos, réguas, compassos e esquadros ainda de madeira, sem falar de uma tralha que eu não sabia como utilizar digna de um Harry Potter da Zona Norte. O destaque era meu imenso cavalo com rodinhas (bem maior que eu), o laboratório de química e o “cabaré”. Isso aí, ca-ba-ré. Eu fechava a janela, trancava a porta, acendia um abajur velho e

dançava um treco entre o tango e o vodu com as filhas das empregadas. Bom começo, né?

Aos 11 anos, como uma punhalada, me devolveram ao Estácio, pra Rua Maia Lacerda, transversal daquela em que nasci. Um antro. A infância acabou — ou quase. É inacreditável a falta de respeito dos adultos com o que pertence às crianças. Cavalo, trem elétrico, gangorra, escorrega, patinete, rema-rema, centenas de soldadinhos e carros, sacos de bolas de gude, caixas cheias de figurinhas duplicatas de vários álbuns, milhares de gibis, tudo isso sumiu da noite para o dia. Para sobreviver à esmagadora tristeza, eu “brincava de Vila Isabel”. Lia os capa-e-espada fingindo que estava na goiabeira branca. Fazia longas e silenciosas viagens pelo rio Amazonas, espingarda e cigarros de chocolate ao alcance da mão. Acho que a necessidade de brincar com a mente me levou a escrever letras de música. Eu precisava sonhar. A realidade na Maia eram trabalhos de cartolina rasgados e atirados na sarjeta, raquetes de pingue-pongue Procópio destruídas, bolas furadas... O que um garoto de 12, 13 anos faz com maconheiros de 25, além de PMs, mecânicos e motoristas de caminhão de porre? Sonha com a infância dilacerada. Reconstrói a Vila, as árvores, as chuvaradas com barquinhos de papel jogados da janela. Nesses torós, o quintal enchia tanto que apareciam peixinhos entre as árvores. Não me perguntem como.

Hoje, com 69 anos, estou escrevendo esse texto — mas não sou eu. É o menino quem lança essas garatujas no papel, o menino correndo atrás da infância, agarrado aos cacos que sobraram dela. A rua e a Vila viverão enquanto o menino viver.



ESTÁCIO

Deixa Falar

MAURÍCIO BARROS DE CASTRO

QUANDO PENSO NO ESTÁCIO SEMPRE me vem à cabeça a turma do Deixa Falar, os “malandros históricos” que revolucionaram o samba carioca. Isto por volta do final dos anos 1920, quando o bairro, assim como acontece hoje, era uma espécie de epicentro que acolhia as ideias de tradição e modernidade. Ali se conjugaram os elementos principais da cultura do Rio de Janeiro, o ritmo, a sabedoria do corpo, a fé, os tambores ecoando pela noite da cidade, acompanhados por vozes lamentosas, cânticos e preces. No Largo do Estácio também circulavam as novidades do país que se pretendia moderno; a moda, os automóveis, o rádio. E o mais importante, nas cercanias fervilhava um espaço multicultural, o Mangue, “uma cidade dentro da cidade”, como escreveu o poeta Manuel Bandeira.

No Mangue, além da presença arrebatadora das putas polacas e negras, transitavam marinheiros vindos de diversos países,

poetas como Bandeira e Jaime Ovalle, pintores como Lasar Segall, e reinavam os bambas do Deixa Falar. Brancura é a figura mitológica desse espaço, negro enorme, capoeira e batuqueiro habilidoso, elegantemente metido num terno S-10, amante de muitas mulheres, às quais dedicava a cafetinagem.

O Deixa Falar reunia sambistas como se fosse uma seleção de futebol dos bons tempos. Só craque. Rubem Barcelos, Mano Edgar, Baiaco, Brancura, Juvenal Lopes, João Mina, Tancredo Silva, Aurélio Gomes, Heitor dos Prazeres, Nilton Bastos, Ismael Silva e Bide, nomes mais conhecidos daquela que ficou celebrizada como a primeira escola de samba.

Tudo bem, há controvérsias. O jornalista e pesquisador Sérgio Cabral já escreveu com todas as letras que o Deixa Falar nunca foi uma escola de samba, e sim um bloco de carnaval, criado em 1928, que terminou sua existência como rancho. Isso é verdade, em 1932, na hora de escolher entre um concurso de escola de samba e outro de rancho, o Deixa Falar optou pelo último. Foi um erro histórico. O resultado da disputa foi catastrófico e o grupo se desfez.

Muitos dos jovens do Deixa Falar não sobreviveram para manter o grupo. Mano Edgar levou um tiro num jogo de ronda. Brancura também teve um destino trágico, morreu acometido pela sífilis. Nilton Bastos, parceiro de Ismael Silva, sucumbiu a uma tuberculose, assim como Mano Rubem, irmão de Bide, sempre citado como uma referência fundamental, mas que não deixou nenhum registro de suas composições. Ismael Silva sobreviveu, mas ficou preso durante alguns anos após ter atirado num homem que molestou sua irmã.

A marginalidade e a morte prematura rondaram os jovens do Deixa Falar, que no final das contas viviam todas as dificuldades pelas quais até hoje passa a juventude dos morros e favelas. Mesmo assim, sua importância ficou marcada para a história do samba.

A revolução teve início com a mudança do ritmo, que antes era fortemente influenciado pelo maxixe, muito em voga na época. Os compositores do Deixa Falar criaram um samba com andamento sincopado, propício para acompanhar o cortejo carnavalesco, e introduziram instrumentos de percussão que permitiam seguir o desfile, como o tamborim, o surdo de marcação, inventado por Bide, e a cuíca, trazida pelas mãos do misterioso João Mina.

E aqui surge um dos nomes mais importantes e menos celebrizados do Deixa Falar. Aquele que trouxe uma das mais expressivas marcas sonoras do samba, que é o ronco da cuíca.

Encontro mais informações sobre João Mina no trabalho de um repórter anônimo. Ele publicou, em 1948, uma reportagem no Estado da Bahia, intitulada “João Mina quer ver Muleque Bimba na boa capoeiragem”. O texto é uma das mais preciosas peças literárias do jornalismo brasileiro e, obviamente, é completamente desconhecido, assim como o nome de seu autor.

Ao mesmo tempo, a reportagem é singular e pitoresca. Parte de um ponto inusitado. Aproveita a notícia da visita ao Rio de Janeiro do “Muleque Bimba” — na verdade, Mestre Bimba, inventor da capoeira regional baiana — para entrevistar João Mina, que o repórter anônimo descreveu de forma poética: “Tem

mais de setenta anos o preto velho e arrasta seus atuais pesados dias ali pelo Estácio.”

Fico imaginando quem seria o repórter anônimo. Provavelmente um jovem fascinado por essas figuras centrais da vida das ruas do Rio de Janeiro, da sua cultura, do seu sentido como crença. Um jovem em busca de suas histórias. Mas é claro que posso estar completamente enganado. É o trabalho da imaginação, obviamente.

De qualquer maneira, o repórter anônimo tentou reunir o que ele chamou de “os três últimos remanescentes da já remota época das batucadas e capoeiragens que até o primeiro quartel deste século perturbaram a ordem e a tranquilidade públicas”.

Numa “tendinha no morro”, o repórter anônimo entrevistou João Mina, que falou sobre sua vida e sobre o samba. O mítico bamba do Deixa Falar, mestre da cuíca e das pernadas nas rodas de batucada, descortinava sabedorias para o meu imaginário jovem repórter. Entre outros ensinamentos, o velho batuqueiro explicou: “Homem não dançava samba. Samba é nome de filha de santo, mas todo mundo de fora que subia o morro procurando mulher, dizia que ia ver samba.”

Os três bambas que o repórter anônimo tentou reunir foram João Mina, Tancredo Silva e Bernardo Sapateiro, que faltou ao encontro.

Creio que jamais saberei quem foi Bernardo Sapateiro, mas a figura fundamental para o desfecho da história foi Tancredo Silva, descrito como o mais jovem dos três. Foi ele quem explicou ao repórter anônimo por que João Mina, durante a entrevista, não quis falar sobre o rabo de arraia. O batuqueiro matou um homem

com esse perigoso golpe de capoeira num carnaval da Praça Onze. “João Mina foi para a detenção e ficou na sombra uns anos. Quando voltou, trouxe a cuíca e nunca mais quis saber de batucada. Era só cuíca. E batucada virou samba.”

A única vez em que me deparei com a figura de Tancredo Silva foi por acaso, quando visitei a sacerdotisa de umbanda Fátima Damas. No seu terreiro, na Rua Sampaio Ferraz, ela guarda um documento raro, uma fotografia de *Tata* Tancredo, num quadro fincado na parede, acima dos três atabaques. Com o semblante sério, ele é retratado vestido como um *obá* africano, ostentando um pano da costa sobre o ombro. Foi uma surpresa quando Fátima Damas me confirmou que a imagem era dele, Tancredo Silva, grande liderança da religiosidade afro-brasileira e também autor da famosa música “General da banda”, gravada por nomes como Jamelão e Elis Regina. O samba é uma homenagem ao orixá Ogum e os versos remetem ao universo das rodas de batucada.

*Mourão! Mourão!
Vara madura que não cai
Mourão! Mourão!
Oi, catuca por baixo
Que ela vai!*

Como um fio que entrelaçava as histórias, a minha visita ao terreiro da sacerdotisa Fátima Damas me revelou a figura imponente de Tancredo Silva, amigo do velho João Mina.

Não há dúvida. Quando penso no Estácio sempre me vem à cabeça a turma do Deixa Falar.



PRAÇA BANDEIRA

Rua do Matoso, um portal

EDUARDO GOLDENBERG

A RUA DO MATOSO, CAUDALOSA, que começa na Praça da Bandeira e vai desaguar na Rua Barão de Itapagipe, é um verdadeiro portal capaz de transportar o sujeito que se dispõe a explorá-la para um tempo que não existe, para o anti-tempo, para a ausência de pressa, de compromisso, de contato mais amiúde com a realidade que nos assola nesses dias em que as 24 horas parecem não nos bastar.

A Rua do Matoso é como a veia femoral, cuja oclusão pode ameaçar a vida. E a vida, ali, naquela verdadeira avenida que praticamente margeia a Tijuca, que faz fronteira com o Estácio e com o Rio Comprido e cujos meandros e linhas limítrofes só um nativo reconhece, minha aldeia pulsa pujante, vivíssima, alheia às modas, aos modismos, às regras que ditam comportamentos.

Descer a Rua do Matoso, e me perdoem se recorro ao poeta que mais me fala à alma, é ver de perto, ao vivo e a cores (embora desbotadas) os personagens do Rancho da Goiabada do panteão de Aldir Blanc: boias-frias, mulatas, pais-de-santo, paus-de-arara,

passistas, flagelados, pingentes, balconistas, palhaços, marcianos, canibais, lírios pirados e faraós embalsamados. Todos estão ali, ancorados nas dezenas de balcões que infestam os dois lados da rua, em busca de espantar a tristeza, balcões que são os mais vagabundos (aos quais não resisto) e onde tantos iguais se reúnem contando mentiras pra poder suportar. Ai.

Há o Bar Matosinho, parede com parede com o Galeto Rex, que serve o melhor frango assado de que se tem notícia, feito no carvão e com um molho que é segredo guardado há sabe-se lá quantas gerações. Ao lado do Galeto Rex, um motel digno de beira de estrada, acostamento pros amantes que buscam prazer em meio ao caos. Há, ainda, uma loja de passarinhos, uma sapataria secular com uma vitrine das mais tristes e pouco mais de meia dúzia de pares empoeirados à espera de um cliente que não virá. Há também uma loja de apostas do Jockey Club onde homens perdem o dia na esperança da trifeta e do azarão, casas de ferragem, um aviário que não deve nada aos aviários do fabuloso Mercado de Madureira, uma loja de produtos religiosos pra quem é do babado, um relojoeiro, o Carlão, que resiste ali, na Travessa Angustura sob a música contínua e solitária dos incontáveis cucos pelas paredes. Numa das esquinas, com a Barão de Iguatemi, o Café e Bar Almara, capitaneado pelo Paulo, uma espécie de síndico informal daquele trecho da rua, um verdadeiro hospital de almas na definição de um amigo que frequenta o Baixo Matoso — nome com que é conhecido o primeiro quarteirão da rua. Passei anos escorado no balcão do Almara sem trocar palavra com ninguém até que fui abordado por um sujeito que levantou-se, amparado por um par de muletas: — Seja bem

chegado, doutor. Esse bar é nosso, é do pessoal que mora na rua, o senhor é bem chegado aqui, e passei a ser cumprimentado por todos dali em diante. Eu fui, a partir daquele dia, e lá se vão anos!, um dos tantos iguais (também contando minhas mentiras).

Há, na Rua do Matoso, um bar onde um amigo, desavisado, pediu uma bala no balcão pra disfarçar o bafo ao chegar em casa. Ouviu, na lata: — Bala? Qual calibre?

Há pontos do jogo do bicho, mesas de carteados, uma loja de enceradeiras (onde mais?), uma casa lotérica pra dar ares de legalidade à gloriosa via de jogatinas suspeitas, o Beco do Mota, paraíso sem saída encravado quase na esquina da Doutor Satamini, e uma quitanda, a Abronhense, há mais de 60 anos vendendo frutas, legumes, bebidas de todo o gênero e São Jorge guardando a fiel freguesia do seu José, desde a inauguração à frente do empreendimento.

Há, na Rua do Matoso, o espectro do Cine Madrid, do Divino, bar que viu nascer a Jovem Guarda e aquela esquina, com a Haddock Lobo, onde toda a confusão começou — é o que grita, até hoje, a voz poderosa de Tim Maia, que ainda ecoa por ali para os que têm olhos de ver e ouvidos de ouvir.

A Rua do Matoso não é um rio, mas se transforma em rio quando chove forte. É onde eu navego, todos os dias, em busca de uma simplicidade que nos é cada vez mais escassa. É onde aporto quando aderna meu navio. É onde eu rio, quando dói. É onde o Rio resiste, ainda que triste e de dedo em riste apontando o Redentor que, sim, é visto dali também. Meio de lado, é verdade, sem prestar muita atenção, dizem, mas cuidando com zelo de protetor das tradições mais bonitas da minha aldeia tijucana.



TIJUCA

A rua mais doce da cidade

JOSÉ TRAJANO

A TIJUCA É UMA TREMENDA barafunda.

Comeu parte do Estácio, do Maracanã, da Praça da Bandeira, da Vila Isabel, do Andaraí, engoliu a Aldeia Campista e anda dando mordidas no Grajaú. E há séculos deixou de ser Engenho Velho! Mas que ela é do cacete, isso é!

Mas não é sobre isso que vou tratar. Vou falar de um pedacinho da Tijuca.

Para tanto peço licença à imprensa falada, escrita e televisada para o passeio que farei pela encantadora rua da minha infância: a Afonso Pena. Uma paisagem tijuicana da cabeça aos pés, ou melhor, da Haddock Lobo à Mariz e Barros, as enormes transversais da acolhedora via.

Com um andar arrastado de quem não tem pressa, você vai em oito minutos de uma ponta a outra da rua. E nos mais ou menos

850 passos que se leva ao fazer o trajeto, minha história vai junto. Bem devagar.

Há sessenta anos, quando me mudei do Catumbi para o prédio de três andares, número 103, os pontos extremos eram conhecidos não só pelos nomes das ruas, mas pelas instalações do Asilo Santo Isabel na Mariz e Barros, internato mantido por freiras e onde estudou Wilson Simonal, que ficava em frente à sinuca e ao ponto de bicho, e do Colégio Vera Cruz na Haddock Lobo, onde meu pai deu aulas no curso noturno durante uns bons anos. Os dois prédios davam frente para a Afonso Pena.

Pontos também conhecidos pelos bondes que circulavam pelas ruas. Na Mariz e Barros se impunham o Lins e Vasconcelos (75) e o São Francisco Xavier (63); na Haddock Lobo chamava a atenção o Tijuca (66). Estes eram bondes enormes, que andavam sempre apinhados de gente. Ao contrário do minúsculo Malvino Reis (62), o único a passar pela Afonso Pena, e que ligava o bairro vizinho do Grajaú à Praça Tiradentes, no Centro.

Pois foi tentando correr atrás do Malvino Reis, quando o bonde passava pela Praça da Bandeira, que o craque Danilo Alvim, ‘O príncipe’, foi atropelado por um ônibus e fraturou as duas pernas. Danilo jogava pelo América e morava em frente à praça Afonso Pena. Mais tarde virou ídolo do Vasco e da seleção brasileira.

Quando falo da Afonso Pena, que leva o nome do sexto presidente da República, um advogado mineiro que morreu antes de terminar o mandato em 1909, não esqueço das ruas paralelas e pequenas transversais com as casas quase sempre de dois andares, varandas no estilo *art déco* e com os prédios no máximo

de três pisos. Havia ainda pequenas vilas. Todas charmosas. Com o tempo, várias casas foram abaixo e deram lugar a prédios de oito andares. As vilas resistem e são disputadas a tapa por quem deseja um lugar tranquilo para morar.

Pela rua passavam a ‘vaca leiteira’, um caminhão que vendia leite e até o qual as pessoas levavam o vasilhame para encher; o tripeiro, com carrinho repleto de bucho, fígado e miúdos de boi; o amolador de facas; o paneleiro, que consertava as peças na calçada; e o padeiro, que entregava de porta em porta, num cesto de vime, pão quentinho, pão doce, mariolas e doces de beterraba e abóbora.

As paralelas são a Professor Gabizo, onde moraram o tricampeão mundial Mário Jorge Lobo Zagalo e o ‘Tremendão’ Erasmo Carlos, e a Campos Sales, onde ficava o campo de futebol do meu querido América e hoje dorme a sua abandonada sede social. As pequenas transversais são a Doutor Satamini; a Martins Pena (na esquina com Afonso Pena ficava a pensão do seu Ângelo, moradia de jogadores do América, entre eles Alarcon, o craque argentino que teve a perna quebrada pelo zagueiro Tomires, do Flamengo, na famosa melhor-de-três decisiva do campeonato carioca de 1955); a Gonçalves Crespo; a Silva Ramos e a Pardal Mallet.

E, em meio a tudo isso, num quadrado cercado pela Doutor Satamini, Martins Pena, Campos Sales e a própria Afonso Pena, está a praça Castilhos França, orgulho do lugar, mas que todo mundo só chama de Afonso Pena. No início do século XX funcionava ali um hipódromo.

Durante muito tempo, já morando em São Paulo, toda vez que viajava ao Rio me hospedava em algum hotel da Zona Sul. Deixava a Tijuca meio de lado. Quase não passava por lá. Mas, depois da morte de minha mãe, moradora do pedaço, como num reencontro comigo, me hospedei no apartamento de minha irmã, defronte à praça Afonso Pena. Quando eu dava as caras por lá, dona Nilza me esperava sempre com delicioso feijão-guando e sardinha frita passada no fubá que comprava na feirinha da Vicente Licínio, transversal da Campos Sales e a dois minutos a pé de casa.

Fico olhando então pela janela durante horas o vaivém do lugar por onde andei durante a juventude. Me vejo entre os estudantes que vão atrás de condução, alguns com o uniforme do Colégio São Bento igual ao que eu usava. A Rua Afonso Pena era a passarela das normalistas, que seguiam a pé para o Instituto de Educação, e também dos meninos do Colégio Militar, do Pedro II e do Instituto Lafayette. Por lá ainda circulam alunos da Escola Técnica, do Francisco Cabrita e do Orsina da Fonseca, que fazem algazarra no ponto de ônibus da pracinha.

A Afonso Pena pode se orgulhar de fazer parte da história da nossa música popular. Lá viveu, durante anos, o sofisticado cantor Mário Reis, o 'bacharel do samba', que se mudou adulto para Copacabana, depois que o pai, que foi presidente do América, morreu. Mário Reis é tido como o cara que influenciou a maneira de João Gilberto cantar. Outra estrela que enriqueceu a Afonso Pena: Tim Maia. Ele morava numa pensão do pai e entregava marmita nas casas vizinhas. Além de Erasmo Carlos, notório frequentador da pracinha. Morou ali também, na esquina

da Martins Pena com Campos Sales, em frente à praça, o cantor e compositor Osmar Navarro, que fez enorme sucesso, em 1959, com a canção “Quem é?”, quando vendeu um milhão de cópias.

A rua pode colocar no currículo e se vangloriar de ter sido cenário de várias chanchadas da Atlântida, porque os estúdios da produtora ficavam ali pertinho na Haddock Lobo. Os astros Cyl Farney, Eliana Macedo, Violeta Ferraz, Zé Trindade, Renato Restier, Dercy Gonçalves, Wilson Grey eram figurinhas fáceis de se encontrar na pracinha.

Nos dias de jogos do América, a multidão vestida de vermelho, portando bandeiras e fazendo zoeira, invadia as ruas do bairro em direção à Campos Sales. Vinha da Mariz e Barros e da Haddock Lobo. A Afonso Pena fervia e a praça era local de encontro de animados grupos. Eram os momentos mais felizes da minha vida, principalmente quando o América ganhava. A festa se arrastava até de noite, com os bares repletos de torcedores cantando o hino do Lamartine Babo, outro morador dali. Isso durou até o América destruir o campo de futebol e o transferir para o Andaraí no início dos anos 60.

As ruas em volta da praça, principalmente a Afonso Pena, ficavam coalhadas de carros em dias de jogos da seleção brasileira ou de grandes clássicos no Maracanã. Eram carros pretos enormes: Chevrolet, Ford, Chrysler — ainda não havia indústria nacional. E o estádio ficava a cinco minutos a pé. Nos dias de chuva pesada, o número de carros aumentava. Os donos tinham receio dos automóveis serem carregados pelas águas do rio Maracanã, que já transbordava e muito. O dia de maior agito na Afonso Pena, me lembro bem, foi na noite de Brasil 4 x 1 Paraguai,

em 1954, quando mais de 170 mil pessoas foram ao maior estádio do mundo.

Tudo o que mestre Luiz Antônio Simas escreveu sobre a Tijuca se encaixa como uma luva para a Rua Afonso Pena.

Diz ele: “... ela (a Tijuca) é uma entidade, alma que vaga generosa, afável, aberta, solar, cafona, mesquinha, moralista, com cheiro de lírio e merda... A minha aldeia, camaradas, não é cenário de novela. Cheira e fede, a Tijuca — terra de futum, bafio, aroma, cecê, flor de laranjeira, pés mimosos de moças de família, coturnos de generais, sapatos de couro e sandálias esculhambadas que ornamentam dedos sujos de bebuns valentes em seus bares vagabundos — e moças sonhosas de amor que não virá, mas deveria.”

Podia ter escolhido destacar as glórias da Tijuca.

A floresta na Mata Atlântica, lá pelos lados da subida do Alto da Boa Vista, maior floresta urbana do mundo, com seus micos, cotias, araras, cascatas, cachoeiras e até pinturas de Portinari.

Ou o rio Maracanã, que nasce lá na Cascatinha até se encontrar com o Trapicheiros e correr até a baía de Guanabara. E que foi cantado com maestria por mestre Aldir e o saudoso Paulo Emílio.

A praça Saens Peña, a Cinelândia da Zona Norte, que chegou a abrigar 14 cinemas ao seu redor e que virou até filme longa-metragem.

O América, meu time do coração e uma paixão que nunca se acaba. E por quem hei de torcer até morrer, como diz o hino.

As escolas de samba, Salgueiro, Unidos e Império da Tijuca, e seus grandes mestres compositores: Noel Rosa de Oliveira,

Geraldo Babão, Gargalhada, Zuzuca, Anescar, Bala, Djalma Sabiá, Marinho da Muda.

O Sinatra-Farney Club, que reunia músicos jovens na Rua Moura Brito — como João Donato, Johnny Alf, Dóris Monteiro, Paulo Moura e Carlos Lyra — antes da bossa-nova.

A Jovem Guarda, com Tim Maia, Erasmo, Roberto e Jorge Ben, que começou ali no bar Divino ao lado do cine Madri, divisa com o Rio Comprido.

O pessoal da Rua Jaceguai — Aldir, Gonzaguinha, Silvio da Silva Jr., Márcio Proença, Ivan e Lucinha Lins —, que fundou o MAU (Movimento Artístico Universitário).

Mas escolhi a Afonso Pena.

Ziguezagueei muito tempo por ali, atrás da vida. Hoje, volto sempre lá. A vida tem passado rápido demais! Porém ainda convivo bem com ela. Fico observando e curtindo. Da janela do apartamento, do banco da praça, da mesa na calçada no Chico (onde se come o melhor cabrito com coradas e se faz a melhor batida de maracujá da cidade), do balcão do Salete, que ainda serve as famosas empadas e o sensacional risoto de camarão, ou devorando um galetinho no Colúmbia.

Quando dá, ainda pergunto se tem bolinho de bacalhau no belíssimo casarão verde da Casa do Porto (um dos oito clubes portugueses do bairro). Também atravesso a Haddock Lobo e vou petiscar carne seca no Cantinho do Céu, na Heitor Villa Lobos, onde era o Colégio Vera Cruz. De quebra aproveito a gostosa sombra debaixo das frondosas árvores da viela.

Para quem não conhece, recomendo fazer um roteiro pela Afonso Pena. Pode no fim sair pela Mariz e Barros, entrar na Lúcio

de Mendonça e escapulir até a General Canabarro para se deliciar no Bode Cheiroso. Lá, não deixe de provar o pernil, acompanhado da cerveja mais gelada do bairro. Depois dê uns 150 passos e veja o Maracanã. Pena que não é mais aquele. O que foi nosso! O da geral, dos arquibaldos e geraldinos. Fazer o quê?

Deixei para o final, de propósito, a explicação para o cheirinho adocicado da rua. Na verdade, não existe mais. Desapareceu lá pelos anos 70, se não me engano. Mas pra quem foi criado ali, como o autor desta crônica tijucana, basta passar em frente ao Salete, quase esquina com Mariz e Barros, para sentir o cheiro das deliciosas tortas e doces, que eram confeccionados na famosa Confeitaria Gerbô, de propriedade de uma família húngara. A inesquecível fábrica de chocolate da Afonso Pena.

A rua mais doce de que se tem notícia!



MARACANÃ

Sururu no Maracanã

RODRIGO FERRARI

SALTOU NA PRAÇA DA BANDEIRA, pois o trânsito àquela altura estava insuportável. Passou correndo entre os carros parados, as buzinas comendo soltas, um barulho dos diabos, um monte de gente correndo e gritando Mengo, Mengo, Mengo! Uns poucos desavisados que não tinham nada a ver com o jogo passavam por ali sem querer, ficando putos da vida. Esses aprenderam: dia de Flamengo no Maraca, melhor é dar a volta.

Mas ele corria apreensivo, pois ainda não tinha o ingresso e sabia muito bem o que isso significava. Com aquele tanto de gente ali a bilheteria devia estar uma loucura! O radinho rubro-negro na mão esquerda ia apertado, os passos acelerados no compasso do coração, na cabeça apenas a esperança de que todo o esforço não fosse em vão, que o time correspondesse...

Ia sempre ao Maracanã, desde que jogasse o Flamengo. Nos domingos de jogo já acordava diferente, todos os pensamentos

giravam em torno da partida, queria ler os jornais, ver os noticiários, estar por dentro... O Mengo era tudo, as esperanças, desilusões, aspirações... Quando comemorava um gol na arquibancada parecia um deus, voando pelos céus com asas de euforia, abraçando desconhecidos irmanados pelo mesmo sentimento de grandiloquência.

Mas agora só pensava na galera em volta da bilheteria. Aquilo lhe tirava o sossego. Devia ter comprado ingresso antes, como sempre, mas dessa vez não deu. Subiu a pé o viaduto Oduvaldo Cozzi, pois adorava aquela visão do cume da ladeira e adorava descer correndo a rua, facilitado pelo engarrafamento homérico. Quando bateu o olho lá de cima correu-lhe um frio na espinha: a bilheteria era uma muvuca só!

O radinho vinha colado ao ouvido, mas não prestava atenção nenhuma no que os comentaristas diziam. Desligou o aparelho e chegou perto dos camelôs que vendem cerveja e camisas em volta dos guichês. A massa era inacreditável! E pensar que o Flamengo era um dos últimos colocados no Campeonato Brasileiro e aquele era um torneio caça-níquel qualquer. Precisava golear o time argentino, então a diretoria diminuiu o preço dos ingressos e convocou a torcida.

Pensava na galera e se emocionava. Todos tinham aceitado o chamado naquela quarta-feira à noite, a Praça da Bandeira estava intransitável, um tumulto federal. Ouvira no rádio a previsão de cem mil pessoas e ficara abismado. Esse clube despertava paixões inenarráveis. Cada crioulo, cada dona de casa, cada playboy daqueles tinha um compromisso de fé com as cores rubro-negras

e estavam dispostos a levar aquilo às últimas consequências. O Flamengo era tudo pra eles, e eles eram acima de tudo Flamengo!

E no momento eram acima de tudo massacrados. Enfrentar aquela selva pra comprar ingresso era um absurdo! Ficava pensando nos jornalistas e dirigentes falando dos problemas do Maraca sem saber quais são as reais dificuldades e sem tocar no ponto crucial da questão: o tratamento ao torcedor. O verdadeiro torcedor, aquele que sofre nas mãos dos profissionais que se instalaram em torno do jogo, pessoas sem envolvimento com o assunto e que enriquecem com a sua desmoralização.

— Porra, e ainda por cima só três guichês abertos! Isso é coisa de vascaíno, não pode ser! Manda a mãe dele vir comprar, seus...!!!

Não havia fila. Um bolo de gente parada, muitos ainda decidindo se iam encarar ou não, uma gritaria dos diabos... Foi ganhando caminho, passando por alguns indecisos, até parar quando não dava mais pra seguir. Ali ficou naquela dança que a moçada vai fazendo, um passinho miúdo que parece não estar andando, mas que quando se vê não dá nem pra voltar. Os corpos vão se juntando e chega uma hora que todo mundo fica tentando ultrapassar o outro, sem cerimônia nenhuma.

Olhava pros lados e percebia na fisionomia dos outros o desespero que também devia estar estampado na sua. Faltavam três metros para chegar à boca do guichê, mas parecia que não chegaria nunca.

A todo tempo se ouvia: “não empurra, porra”, “ai, eu tô passando mal” ou “eu quero um ingresso, filho da puta!”. Ele ia quieto, sem dar um pio. Já tinha passado aquilo algumas vezes,

mas essa era sem dúvida a mais custosa. Foi aí que percebeu que a única maneira de sair depois de comprar o ingresso era por cima das pessoas. Isso mesmo, por cima! Alguns tentavam voltar normalmente, mas não dava, a massa era compacta, não havia mão e contramão. Numa hora de muito esmagamento não se conteve: “calma, porra, não empurra que tá chegando!”. E mordia o lábio, esperançoso.

Ninguém se mexia, parecia que ficariam ali pelo resto da vida. Cada espaço conquistado era milimetricamente ocupado, senão o vizinho já se chegava, não dando moleza. Também gritava quando algum felizardo tentava voltar na marra: “sobe, sobe!!!”. Um gaiato, poliglota, mandava: “up, up!!!”. O cara ficava meio indeciso e finalmente, com o ingresso na mão e a ajuda dos outros, subia.

É certo que não sem dificuldade. Teve um que não chegou nem a comprar o ingresso, lá pelas tantas gritou pra trás:

— Não ‘tô guentando’, quero sair!

Quase rolou uma gargalhada geral. Um tapa só não voou por falta de espaço. O gordinho tava desesperado, e viu que ia ter de subir. Apoiou os cotovelos em alguns ombros e fez toda a força que podia. Não saiu do lugar, seu corpo estava totalmente comprimido pela massa. Algumas mãos surgiram pra ajudar e ele foi alçado e logo depois transportado por outras mãos para fora da multidão.

A saída daquele gordinho fora sensacional. Pulara pra frente, já estava a quase um braço da bilheteria. Ali na boca todo mundo esticava o dinheiro e gritava ao mesmo tempo.

— Vai logo, filho da puta, que eu tô morrendo aqui!

— Cinco! Cinco!

Enquanto ajudava os outros a subir, preocupava-se em arranjar um jeito simples de fazer o mesmo. Já vira que era a única saída e queria resolver aquilo o mais rápido possível. Antevia o momento delirante da aquisição do ingresso e já pensava nos detalhes com que iria contar essa façanha pros outros. A camisa do Flamengo estava encharcada. Teve uma hora em que o radinho, preso na mão esquerda, foi quase esmagado, chegando a fazer *crec*. Inacreditavelmente, tava chegando...

Encostou a mão na parede e forçou o corpo pra trás, conseguindo um espaço razoável naquela loucura toda. Na boca do guichê várias mãos choravam um ingresso, enquanto o bilheteiro, impassível, parecia que estava no Municipal. O problema da galera não era nem com ele, e pelo que pôde perceber ele atenderia mais rápido os menos exaltados.

Já arquitetara tudo: havia um buraco em forma de meia-lua pra passar o dinheiro na altura da cintura e um quadrado na altura dos olhos. Ia ficar segurando aquele espaço e quando tivesse comprado colocaria o pé no buraco de baixo e, forçando o corpo contra as pessoas, se impulsionaria pra cima. Todos mostravam o dinheiro pelo quadrado e gritavam, ele ficou mirando o olho do sujeito e segurando o dinheiro pela janelinha de baixo, sem dizer nada, só mostrando a grana e olhando firme. Deu certo, o cara terminou de dar o troco pro outro e foi direto no dele. Só não contava com a indagação do bilheteiro:

— Quem foi que me deu esse dinheiro aqui por baixo?

Quase meteu a mão dentro do guichê e a sorte foi que ninguém gritou junto. Gelou por um segundo só de pensar que

outros poderiam requisitar o seu ingresso. Já imaginou, naquele sururu! Segurou o radinho com força, espremeu o ingresso entre os dedos da outra mão e tentou colocar o pé no buraco. Ia subir direto, não ia nem olhar pro lado. Levou um cutucão do cara de trás e não alcançou a altura. Botou foi a canela mesmo, que neguinho já tava querendo sumir com ele pra ocupar o espaço, fez força pra cima e sentiu a galera empurrando. A canela esfolada seria a prova do esforço e um troféu merecido. Colocou o outro pé e deu um pulo, caindo em cima de todo mundo.

Estava feliz, uma felicidade vermelho e preta, um sentimento que ele já tinha experimentado e que considerava privilégio só de rubro-negros. Não concebia um vascaíno ou tricolor poder sentir essa alegria. O futebol só tinha graça pelo Flamengo, e mesmo a Seleção só servia se tivesse um jogador do Flamengo como craque.

Missão cumprida, virou de barriga pra baixo e olhou pra cara dos outros, apavorados, sem saber se deveriam ou não estar ali, com um outro deitado na cabeça deles. Por um momento ficou parado, sem ninguém deslocá-lo, então gritou:

— ‘Vambora’, gente, agora é com vocês!

Todo mundo que podia se mexer levantou os braços e foi espalmando seu corpo sobre as próprias cabeças, ele radiante, sendo carregado até o fim da muvuca pra aterrissar com as mãos no chão e sair comemorando como um doido o feito inesquecível. Era Flamengo, era um herói! Daria tudo pra alguém ter visto! Olhava pros lados sem saber direito pra onde ir. A canela sangrando estava ali, graças a deus, para não deixá-lo mentir.

Fizera sua parte, agora era com o time.



6 de dezembro de 1995, Flamengo 1 x 0 Independiente, final da Supercopa dos Campeões da Libertadores, gol de Romário aos 17 minutos da segunda etapa. Não foi suficiente, o Flamengo havia perdido o jogo de ida por 0 a 2 na Argentina.

GRAJAÚ

Laranjas, tangerinas

ALBERTO MUSSA

EMBORA TENHA VINDO AO MUNDO numa quarta-feira, o dia da minha fundação como pessoa, o dia que de fato me deu à luz, foi o de terça. Na verdade, foram muitas terças, todas que passaram enquanto vivi no Grajaú.

Terça era o dia da feira, a feira da Borda do Mato. Em frente ao número 63, na minha porta, ficava a barraca das tangerinas e laranjas. À direita, tomando parte do portão da garagem, se amontoava a grande tribo das bananas, das nanicas às de São Tomé. Do lado oposto, já na calçada do vizinho, eram os melões e as melancias.

A descrição é exata, em seu aspecto cartográfico. Do ponto de vista existencial, contudo, a feira acontecia dentro da minha casa. E começava cedo, na escuridão da madrugada, com o barulho dos caminhões e o estrondo das barracas que iam sendo atiradas pelo meio da rua. Depois, vinham outros ruídos de motores (dos

veículos que traziam mercadorias); e, fundamentalmente, as vozes dos feirantes.

Foi a minha grande iniciação: porque meu quarto era o da frente. Logo, todo aquele tumulto me acordava; e eu ficava ouvindo gargalhadas, xingamentos, discussões, provocações, cantorias. Além de histórias, naturalmente. Histórias de feirantes — tão maravilhosas quanto as que eu lia nos livros, mas imbuídas de um saber todo particular.

Tive contato íntimo com personagens ao mesmo tempo reais e míticos — como o Homem Sem Nariz, figura maléfica e aterrorizante, que raptava crianças. De vez em quando, ele aparecia por entre as barracas, acompanhado do seu escravo, um menino ruivo, raquítico e fanho, que pedia esmolas em seu nome. Tinha o Homem das Muletas, que era o próprio Saci disfarçado e que enfeitiçava quem o mirasse de frente. E tinha a Grande Bruxa Má, uma velha andrajosa, que aparecia na hora da xepa e era capaz de envenenar qualquer alimento com um simples toque.

Disse que a feira acontecia, existencialmente, dentro da minha casa. Isso também é verdade numa perspectiva concreta, porque nenhum dos nossos portões tinha tranca, nem o principal, nem o da garagem. E justo no corredor da garagem, encostada no relógio da CEDAE, havia uma bica com água da rua — água essa que (quem lembra sabe) era de graça.

Minha mãe permitia que entrassem todos, sem obrigação de bater para pedir licença. E o povo ia mesmo, para matar a sede, lavar o rosto, encher latões. Convivi, assim, desde muito cedo, com a molecada que frequentava a feira. E dessa convivência sobreveio uma outra experiência fundadora: eu tinha um anel de

caveira (se bem me lembro, do Fantasma, personagem dos quadrinhos); e, certo dia, dois meninos me pediram para ver o anel. Naturalmente, tirei do dedo e entreguei. E eles saíram correndo, pelo insondável labirinto da feira, levando o que para mim era uma preciosidade. Conheci, naquele dia, o grande conflito mítico entre o malandro e o otário — e decidi que nunca mais representaria o último papel.

Mas houve um contraponto ao episódio da caveira: um dos meus amigos feirantes era o vendedor de picolés. Parava sempre na carroça dele, quando voltava da escola. E conversávamos sobre vários assuntos. Um dia, ele me pediu um dinheiro emprestado. Para um garoto como eu, era uma pequena fortuna. Minha mãe não podia dispor daquela quantia. Eu precisava conseguir com o meu pai — tarefa difícilíssima, potencialmente impraticável. Mas nasci com o dom da mentira — e contei uma história sofisticada cujo final foi o dinheiro no meu bolso.

Na terça seguinte, quando eu ia entregar o dinheiro, um outro feirante (não sei como ele soube do caso) me advertiu, afirmando que o sorveteiro nunca iria me pagar. Eu tinha jurado nunca mais fazer papel de otário, mas havia algo naquele conselho que afrontava radicalmente minha sensibilidade. Para encurtar a história: emprestei e recebi, centavo a centavo, a dívida inteira, paga na moeda que eu mesmo tinha escolhido: picolés.

A feira, assim, me fez homem: me deu a oportunidade de experimentar o equilíbrio necessário entre o bem e o mal.

Quando me tornei adolescente, a feira já estava dentro de mim. Tudo que veio depois, todos os fenômenos da rua que formaram a minha personalidade — o bicho, a sueca, a porrinha, a

capoeira, a macumba, o Maracanã, as escolas de samba e, sobretudo, o morro do Andaraí (que é a negação do próprio Grajaú) — só se tornaram possíveis porque antes houve a feira, porque nasci na frente da barraca das laranjas e das tangerinas.



MÉIER

Você sabe, eu sou do Méier

MOACYR LUZ

SÓ CONHECIA O MÉIER DA estação, ramal Santa Cruz, trem que parte de Campo Grande e cruza o bairro vinte paradas depois. Os olhos brilhavam com o coreto à esquerda da janela. Outro destaque na lembrança era o rubro do Corpo de Bombeiros, na Rua Castro Alves. Só depois descobri que esse lado era ‘o outro lado’ da localidade.

Pra quem vinha de Bangu, suando em bicas mesmo num vagão de portas arrancadas, o Méier já era a Zona Sul da cidade. O mar devia banhar o Lins de Vasconcelos.

Essa imagem morou na minha retina até o destino me dar a chave do apartamento 510, na Rua Constança Barbosa, pertíssimo do viaduto que une os dois lados.

Corri um pouco.

Quando meu pai faleceu, em 1973, uma tia por parte de mãe morava na Aquidabã, caminho pra Boca do Mato. Existia um ônibus que fazia ponto naquela comunidade, o 606, vindo da Rodoviária.

Na primeira noite como ‘arrimo de família’, dormi no Méier e, dois dias depois, conheci o Helio Delmiro, um dos maiores violonistas do mundo. Foi quando percebi que eu não precisava de mar, nem marés. O meu mar era a música.

Lembro o dia da semana, terça-feira. Eduardo, um primo querido, iria à aula de violão. Fui junto pra tentar esvoaçar da cabeça o silêncio ensurdecedor de um velório. O destino dessa caminhada: Rua Barão de São Borja. No itinerário, a Travessa da Corrente. Seria uma vila se não houvesse saída. Ali morava a compositora Gisa Nogueira. As casas, lindas, eram exemplares da nossa maior arquitetura carioca, muros baixos, telhado escoando pro dois lados, e uma pequena varanda com cadeira antiga.

Depois, saltando a Vilela Tavares, a minina Rua Carijós que desaguava na paróquia Sagrado Coração de Jesus. À direita, Rua Barão de São Borja, e, no número 68, a casa da família Delmiro, Juca, Paulo, Maria Helena, Lucinha, Carlos e Helio Delmiro. Carlos era o professor. Só de lembrar a dedicação em ensinar novos acordes, me dá vontade chorar.

Na casa, a mesma varanda. Eu sentado, esperando meu primo que ‘tirava’ a cifra da música “Debaixo dos caracóis dos seus cabelos”. Joelhos dobrados pra fora da edificação, os bordões rondando a parede divisória, sou despertado pelo ranger do portão: — Chegou o Helio.

Nunca mais fui a mesma pessoa.

Todos os dias eu circulava pela ‘travessa’ na esperança de ver e ouvir a Gisa cantando “Amor Desfeito”, depois gravada pela diva Clara Nunes.

O Méier tinha orgulho de ter o primeiro shopping da América do Sul. Nem Copacabana. O complexo abrigava extintas marcas como Sears, Lobras e Casa Tavares. No térreo, a novidade: Bob’s.

Ainda não era proibido soltar balões, por isso aos sábados, no mesmo piso da lanchonete, se reuniam baloeiros e suas fotos reveladas custando o preço de uma viagem ao céu. Nos fundos, uma enorme pista de autorama e, glamorosa, no último andar, a boate Gargalo. Os dentes ficavam arroxeados com a luz negra do salão, pivôs de uma juventude desdentada.

Bem, com 15 anos e trinta dias de existência, fui morar na Constança Barbosa, trecho de um quadrilátero hoje tratado como Baixo-Méier. Compramos os móveis na Rua Honório, Cachambi, um luxo.

E a vida tomou rumo.



Minha amizade com o Helio foi crescendo na mesma intensidade da determinação de ser compositor — título iluminado no bairro em que reluzia a estrela de João Nogueira. A paixão por ele era musical e pessoal. Assim, além da voz, o paladar apurado.

Helio me levou pra conhecê-lo na Rua José Verissimo, onde nasceria a primeira sede do Clube do Samba. Eu seguia, anônimo,

os passos desse mestre do samba.

Na Silva Rabelo, rua do antigo Art Méier, uma bela taberna chamava atenção pelas rãs que vendia. Taberna Dom Rodrigues. João, vez por outra, marcava a presença acrescentando outras estranhas iguarias ao cardápio de que, tempos depois, aprendi a gostar.

João liderava um bloco na Ana Barbosa, o Labareda. O som entrava na minha janela feito um incenso de boas energias. O tempo passou e, em 1995, estreei num Seis e Meia ao seu lado. Ainda tocamos em outras paragens, mas esse é assunto pra outro livro.

Estudei em dois colégios, o ginásio (não sei classificar de outra forma) no Educo, e o científico no ADN, já na subida da Rua Oldegard Sapucaia. Hoje posso dizer: — Conheci mais os bares que os professores e suas apostilas multicores.

Do requintado Rei do Bacalhau e seus bolinhos e vinhos em caneca na esquina da Dias da Cruz com a Amaragi, você seguia a mesma calçada pra encontrar uma das entradas do Só na Brasa. Do balcão, de incontáveis metros, o sujeito acompanhava o ponto da sua carne. Acho que ainda não haviam descoberto a picanha, muito menos esses novos cortes importados, anchos e t-bones graúdos. A alcatra era servida com molho e farofa ou sanduíche. Até hoje não encontrei nada parecido.

Olhando pras Casas da Banha, o Imperator, ainda cinema, era um dos maiores de toda a Zona Norte. Na chegada à galeria, mesas vermelhas de fibra, e o El Chopp com seus garçons engravatados. Preço de prato-feito, mas serviço de *à la carte*.

Morei na Pedro de Carvalho em dois endereços. Antes, Rua Vilela Tavares.

Parágrafo.

Minha mãe Irene, viúva aos 35 anos, realiza um segundo casamento aos 38. Bancária, se transfere pro Nordeste, Recife: — Vamos todos!, disse com as passagens na mão, a três dias da viagem. Helio, sim, Helio Delmiro, me oferece um quarto na sua casa, junto à esposa e os filhos Helinho e Marcela.

Fiquei. A música me plantou aqui e as raízes estavam frágeis pra tentar trocar de vaso.

Segue o parador.



Minha primeira apresentação foi no terraço do prédio da Constança Barbosa.

Minha primeira namorada foi na Rua Borja Reis. A segunda morava na Carolina Santos.

Meu primeiro baile, Mackenzie. O primeiro cigarro, o primeiro porre, acho até que a primeira mentira aconteceu no Méier.

No dia que subi a Hermengarda, kombi à frete, dois violões e poucas roupas mudando pro Grajaú, entendi a solidão.

A casa na Barão de São Borja permanece como há quarenta anos, o mesmo quintal, a mesma varanda.

O cinema virou casa de shows, depois igreja de religião evangélica e, milagrosamente, ressuscitou como Centro Cultural João Nogueira. Outro dia cantei por lá “Albatrozes” em

homenagem ao padrinho do palco e o coração disparou de tanta saudade.

Frase de efeito, o Méier saiu de mim, mas eu não saí do Méier.
Minha mãe mora em Búzios e eu, na Glória.

Quando preciso, recorro as últimas árvores da Venceslau, subo a Rua Oliveira dos desgarrados paralelepípedos, procuro os velhos amigos, Fernando, o Mauro da Vila, os irmãos Kiko e Afonso, referências e inspirações.

Quase uma regressão. Transformei esse texto em redação escolar. Fosse manuscrito, teria a caligrafia dos meus primeiros versos, dos sonhos que ficaram no papel, claves de uma canção apaixonada.

É necessário compor um samba. O título, vou plagiar: “Você sabe, eu sou do Méier”.



PIEDADE

A rua e o olhar

FERNANDO MOLICA

CID PACHECO, PUBLICITÁRIO QUE FOI meu professor na UFRJ, costumava acentuar o privilégio dos nenéns que, nascidos em Paris, eram levados para passear na Avenue des Champs-Élysées. Dizia que, deitados em seus carrinhos, aqueles bebês tinham, de um ângulo privilegiado, uma experiência estética que os marcaria para o resto da vida. Desde pequenos eram acostumados com o equilíbrio da paisagem majestosa, formada por árvores e prédios dispostos de maneira regular e harmônica ao longo de uma avenida larga e comprida que tem como alegoria final o Arco do Triunfo, marco que ressalta a perfeita simetria de um conjunto elegante e preciso como o futebol do marseilhês Zidane.

Nascido em Quintino e criado em Piedade, minha Champs-Élysées foi a Belmira, ruazinha que nasce na José Mariano, escala uma ladeirinha e vai morrer, 350 metros depois, na Avenida Suburbana. Caminho marcado pela desafinação das casas de

diferentes estilos e cores, composição aqui e ali interrompida por algum terreno vazio e um ou outro bloco de três ou quatro andares. Construções grudadas umas sobre as outras, que, como fofoqueiras, olham por cima dos muros dos vizinhos. Cenário que aos sábados era ocupado por barracas da feira cobertas de lona listrada, pelos cheiros de peixe e abacaxi, pelas cores das laranjas, mamões, morangos e alfaces; pelo sotaque português que gritava pela freguesa. Mundo apertado, via de mão e contramão que não deslizava por asfalto — o carrinho em que eu era transportado tropeçava nos paralelepípedos.

Ruas, acreditava, eram todas assim. Feitas para abrigar casas e acolher seus donos, as crianças que soltam pipa, brincam de queimado e ralam joelhos jogando bola — de vez em quando, a gente deixava um carro passar por lá. Calçada de rua serve pra andar de bicicleta. Rua era lugar acolhedor e seguro; como aquela, afluente da movimentada e perigosa Suburbana. Nesta, não bastassem os riscos oferecidos pelos muitos carros e ônibus que a cruzavam, vivia um misterioso e desafortunado rapaz. Segundo minha avó Adelina, todas as suas pequenas travessuras terminavam em tragédia. Uma ida à praia fez com que se afogasse; o pisar descalço no chão frio transformara seu sangue em água; a exposição ao vento encanado lhe causara uma pneumonia. Apesar da sina, o jovem tinha pra lá de sete vidas, sempre escapava para que suas desventuras fossem renovadas e usadas para atualizar a lista de medos domésticos.

Se a Belmira era padrão de rua, vilas de todo o mundo certamente obedeceriam à fórmula daquela, plantada no número 279, onde moravam meus avós e uma de minhas tias. Dezoito

casas iguais e grudadas, nove de cada lado, centros de vigilância e solidariedade. Testemunhar os sucessivos acolhimentos de minha avó ao menino que fugia da mãe de vassoura em punho me ajudaria, mais tarde, a entender o conceito de asilo diplomático. A fixação naquela vila nunca me permitiria entender que diabo eram aquelas requintadas e grandiosas *villas* italianas de uma casa só — onde estariam as outras 17?

Bares seriam todos como aquele do recuo, balcão revestido de mármore que ocupava mais da metade do espaço. Duas ou três mesas de madeira habitadas pelos bêbados sonolentos de sempre, lugar de se comprar guaraná ou coca-cola tamanho família. Botequim que teve entre seus donos um ex-jogador do Vasco e da seleção que, por conta da guerra, perdeu a chance de disputar uma Copa do Mundo. Aquele era o bar — os outros, todos os outros, estavam errados (onde já se viu bar que serve uísque, que tem cardápio e garçons de gravata-borboleta?). Religião era católica na Divino Salvador, protestante na Igreja Batista colada ao bar, umbandista a cada 31 de dezembro, quando a vizinha incorporada distribuía passes e baforadas que abriam os caminhos do Ano-Novo.

Se a simetria parisiense produz meninos com visão equilibrada, deve ser por conta de Piedade que ganhei um olhar assim meio torto, que, acostumado aos solavancos dos paralelepípedos, viu católica receber santo e aprendeu a respeitar o convívio da casa amarelo-mostarda com o prédio meio ocre, meio rosa, e a admirar o diálogo do quintal povoado de anões de cimento com o pátio forrado por cacos de cerâmica. Aqueles francesinhos teriam, talvez, dificuldade para entender essa

harmonia imprecisa e dinâmica, feita de contrastes, adaptável às armadilhas do terreno, improvável como um drible de Garrincha.



CASCADURA

Labaredas, probabilidades, sapotis

JULIANA KRAPP

COMO EM QUALQUER HISTÓRIA, NO começo era o lume. A fogueira nascia rente à calçada, obra do afã de muitas mãos que amontoavam galhos secos e quaisquer outros resíduos passíveis de combustão, alimentando as chamas de onde brotariam, algumas horas depois, nacos de batata embrulhados em papel-alumínio, espigas de milho ressequidas, pedaços de carvão que iriam pintar pelos no rosto dos garotos. A espera parecia infinita, mas era nela que nasciam Marias Pretas.

E valia a pena ser engabelado por uma Maria Preta. As folhas de jornal velho precisavam ser bem amassadas e o molde, que imitava o de um balão, muito simétrico, para que o voo se prolongasse o máximo possível, e só mesmo no alto, depois que ultrapassasse as copas das árvores, pudesse se incendiar e virar apenas uma labareda solta no céu, até desaparecer

completamente, sob aplausos, antes que pudesse tocar de novo o asfalto.

Mesmo quando não era São João, havia fogueiras. Surgiam à beira da linha do trem, nos terrenos baldios ou em trechos mal iluminados de rua, para exterminar montes de lixo, móveis velhos, bichos mortos. Ao deparar com elas, de dentro do carro, ainda não nos ocorria que fossem indícios da localização periférica do bairro ou dos ares primitivos de nossos vizinhos. Em vez disso, éramos tomados por estranha euforia: estávamos, enfim, chegando em casa.

Havia, também, outros vestígios. O movimento de cadeiras que, à borda da tarde, migravam das varandas para os portões. O sumiço dos prédios, cedendo lugar no horizonte para fileiras uniformes de muros baixos. A modorra das manhãs de domingo, interrompida apenas pela passagem de balões, pelos reclames da kombi de guaraná e pelo rumor das famílias caminhando rumo à igreja. Os sapotis caídos na calçada, trazidos pelos morcegos — a única árvore do gênero, em muitos quilômetros quadrados, ficava na Rua Cerqueira Daltro, de modo que aqueles frutos eram quase motivo de orgulho cívico. Mesmo que encontrados em Campinho ou em Cavalcante, sabíamos de sua procedência legítima. Podiam nos surrupiar tudo — a pujança comercial, a tradição das serestas, a prioridade na melhoria da iluminação pública —, mas a origem dos sapotis, não.

“Cascadura é o subúrbio de Madureira”, costumava ditar a práxis maledicente dos ginasiais. Mas para mim o epíteto, longe de incitar a rixa entre os dois bairros, sempre pareceu mais próximo ao elogio. Em vez de lugar subalterno, definia um

enclave algo excêntrico, algo singular. Madureira todo mundo sabe como é. Cascadura, não. Aos forasteiros, poderia sinalizar algo como um istmo envolto em *fog*, de onde alguma hora iria emergir um inglês de sobretudo e cigarro no canto da boca. Para nós, moradores, era o quinhão de terra no qual, sob aparente placidez, dormiam histórias do arco da velha — e onde, muito distante do clima londrino, fazia um calor dos diabos.

O lugar onde, ao indício de doenças que fugiam ao óbvio, mandavam chamar dona Aurora. Ela tirava as sandálias para entrar em casa, depois sacava o terço, pedia o copo d'água e lançava um olhar distante pelo recinto, que ia se enchendo do cheiro de benjoim. A ladainha seguia veloz e indecifrável, acompanhando a frenética coreografia das mãos e os bocejos que eram, alguém me disse, maus espíritos se manifestando. Antes de se despedir, cravava o veredicto de sempre: “Estava cheia.”

Também é onde, em meados dos anos 80, eles começaram a aparecer. Os corpos, os carros queimados. Os rastros de sangue. Os pedaços mutilados. Quando surgiam em Madureira, estampavam as capas dos jornais populares. Uma cabeça amarrada a um poste. Um braço largado na vala. Dezenas de balas. Em Cascadura, seguiam o ritual da obscuridade, cercados apenas de um burburinho miúdo, os meninos zanzando ao redor, numa estranha excitação, enquanto os adultos calavam. Mas se fossem apenas corpos na linha do trem, baleados, nada de surpresa ou desconcerto: foi o Justiceiro quem matou.

O subúrbio de Madureira — e também de Quintino, Cavalcante, Engenheiro Leal, Praça Seca, Piedade — é este onde a cartografia se adapta, como nenhuma outra, à passagem do

tempo e aos ritos do calendário. Vejamos o mês de setembro. À medida que se aproxima o dia 27, caminhar pelas ruas vira um minucioso exercício analítico. São Cosme e São Damião, que durante todo o ano mantêm existência discreta nos altares domésticos, empenham-se em subverter a geografia. Você está ali, por volta do ano 1989, 1990, e de repente não está mais pisando num bairro, mas sim no intrincado tabuleiro de um jogo, no qual a combinação de acaso, perspicácia e agilidade serão determinantes para a conquista de mais marias-moles, suspiros, cocôs de rato, caramelos. Você pode escolher entrar na Rua Barão do Bananal e ter a sorte de encontrar uma festa de bicheiro, na qual vai se engalfinhar com outras crianças na luta épica por saquinhos de doces e brinquedos. Ou você pode optar por seguir pela Sidônio Paes e ser obrigado a visitar um São Cosme e Damião do tipo tradicional, em que, em vez de chocolates e chicletes, vai encontrar doce de mamão e compota de figo, torcendo para ao menos testemunhar a passagem imprevista de algum oró.

Mas agora você já está em 1996 ou 1997, dentro de um Chevette, e descobre que não há melhor forma de conhecer um bairro do que pelos seus espaços ermos, ruas pouco habitadas, territórios baldios. O mapa da euforia cede ao da lubricidade — nada como o subúrbio do subúrbio para fabricar uma cartografia particularmente propícia à urgência dos encontros ilícitos. Como no São Cosme e Damião, o roteiro prévio não abole o jogo de probabilidades. Assim, você sabe que a Rua do Amparo, com seu declive e a pouca circulação dos domingos à noite, é uma das primeiras no *ranking* da volúpia — vinte anos depois, ainda ruboriza ao passar por ela —, mas também tem ciência de que não

pode, em momento algum, prescindir da vigilância e do instinto de competição. Se olhar ao redor, do alto da ladeira, vai constatar: o bairro todo é uma rede de Fuscas, Brasília's, Corsas e Chevettes, estacionados, porém balançando em ritmos variados, ao mesmo tempo alheios e irmanados.

“Cascadura é o subúrbio de Madureira”, dizem, ainda. Mas hoje ele também se parece muito com outra coisa. Uma luminosidade difusa, a nostalgia de um ritmo irrecuperável, o ar de quem está sempre confabulando. Ou se exibindo num voo lento para que, sob o peso da impaciência, se deixe devorar inteiro pelo fogo, antes que possa pousar de novo no chão.



MADUREIRA

Meu pai me disse

MARCELO MOUTINHO

MEU PAI CERTA VEZ ME disse que Madureira tinha a maior arrecadação de ICMS do Rio. Era seu jeito enviesado de valorizar o bairro em que morávamos e onde o pai dele, avô que nunca conheci, aportara ao chegar de Portugal. Não à toa, a loja da família se chamava Casa Luso-Brasileira.

Quando nasci, em 1972, o nome já era outro. Casa Hilda, estampava a logomarca de letras desenhadas, tendo à frente os traços de um jovem casal. Hilda, minha tia, partira vinte anos antes. O pai me disse que morreu de amor. Eu, ainda criança, não entendia o que significava morrer de amor, porque todo mundo que morria à volta era de infarto, ou de câncer.

Logo que meus pais se casaram, o espírito da tia Hilda deu de baixar em outra tia, a Amélia. A tarde corria tranquila na casa recém-montada quando Meloca — era como a gente a chamava — se jogou no chão, começou a tremer e tossir, se revirando. Hilda havia morrido de tuberculose, de modo que a conexão foi

imediate. Segundo o pessoal da macumba, imediatamente acionado, a falecida queria desejar felicidade ao jovem casal. Não deu muito certo.

Essa casa, que ficava na Rua Carvalho de Souza e onde fui morar logo ao sair da maternidade, tinha um grande quintal, com piso de cacos em mosaico. Havia também piscina, churrasqueira e um canil. Na parede principal da sala, os nichos eram preenchidos por canecas dos festivais de chope, tratadas como troféus pelo velho.

A Madureira de minha meninice fica justamente entre a Carvalho de Souza e a Avenida Edgard Romero, onde estava a Casa Hilda. Na divisa dos dois pontos, o viaduto Negrão de Lima era o portal que marcava a passagem do bairro de casas para o bairro do comércio. Antes do viaduto, ruas mais tranquilas, crianças correndo pelas calçadas. Depois dele, a frenética dança de centopeias. Fileiras de gente e carros e camelôs e guarda-chuvas e comigo é mais barato, paga um leva dois, só hoje, freguesa.

Um dia meu pai me disse que Madureira tem as melhores escolas de samba do mundo, a Portela e o Império. Mas eu sabia que, embora a maioria da família torcesse para a Portela, era o Império que mexia com ele. Isso o velho nunca me disse, mas dava para notar quando a gente ia ver o desfile. Bastava a verde e branca entrar na avenida que o rosto do pai ruborizava. O velho, então, ficava de pé. Nenhuma outra ação. Não sambava, não cantava a plenos pulmões. E, contudo, eu conseguia enxergar a paixão escapando dos olhos também já vermelhos. A vazante que ele tentava conter.

Nunca, durante o tempo em que morei em Madureira, cheguei a entrar na quadra do Império, ou da Portela. Meu carnaval tinha um posto fixo — e privilegiado. A varanda do sobrado da bisavó, na mesma Carvalho de Souza, de onde podia assistir do alto à passagem do Bloco das Piranhas.

Ali, ao lado de meus tios, aprendi a ler. Soletrava os nomes das lojas — Casa Olga, Casa Baptista, A Universal —, ignorando que a memória cravaria fundo essa caligrafia. Letras para escrever o futuro. Sempre.

Meu pai me disse que a galeria dos peixinhos na verdade se chama São Luiz e que não há raspadinha melhor que a do Shopping Tem Tudo, onde eu ia com os primos nos fins de semana. Groselha, a melhor entre as melhores. Disse, ainda, que eu devia trazer fitinhas da festa de São José Operário cada vez que subisse o morro no 1o de Maio. São três pedidos, tem que amarrar bem. Quando arrebentar, eles se realizam.

Meu pai me disse que anchova é melhor que linguado, contrafilé é mais saboroso que filé *mignon*, trilha é melhor que sardinha, 22 é maluco, 52 é galo. Que Herivelto Martins é o maior compositor do Brasil, Roberto Ribeiro, o melhor cantor, João Saldanha, o melhor técnico, o Botafogo, o melhor time. Que valente resolve os problemas na rua, que bandido bom é bandido morto.

Um dia meu pai parou de dizer coisas. Já não morávamos em Madureira fazia muito tempo, a Casa Hilda sucumbira às mudanças econômicas. Vida que segue, como no bordão do Saldanha, fui tratar do inventário. Duas caixas imensas de papéis.

Entre extratos de banco, escrituras velhas, certidões, registros, anotações, carteiras de clubes, reencontrei a infância.

Passara duas dezenas de anos longe dela. Remexendo nos documentos, percebi que parei de ouvir o que meu pai dizia bem antes de ele parar de dizer, fossem tolices ou não. Que nunca tomei um chope com o velho, embora tivéssemos nos prometido isso quando fui visitá-lo, já doente, e sabíamos os dois que não aconteceria. Um pacto silencioso feito de mentira e afeto.

Assim como o Negrão de Lima, o inventário foi um portal. Voltei a Madureira, entrei pela primeira vez na quadra do Império, onde, viria a descobrir, funcionou o antigo Mercado. Revisitei a casa da Carvalho de Souza, agora uma clínica médica cercada de inferninhos, o sobrado rosa da bisa. Fui ver jogo do Tricolor Suburbano em Conselheiro Galvão. Às vezes caminho pela Estrada do Portela só para encontrar a Polo 1, o Bob's, as Lojas Americanas, lembrar onde funcionou a Casa Sloper, ouvir os reclames de comida a quilo e pau-de-*selfie*, me abismar com o extenso verde do Parque. Madureira, tão diferente daquela que resiste na retina. E tão igual. É lá que o pai mora hoje.



IRAJÁ

Quem mandava era o Conde

NEI LOPES

NA FACHADA DA CASA DO seu Quitungo estava gravado “Lar de Elvira”. Mas quem mandava mesmo era o Conde; o Conde de Irajá.

A casa era uma daquelas típicas do subúrbio, ampla e baixa, atarracada, com a varandinha que dava pra sala, onde a mobília era a de sempre, mesa, quatro cadeiras e cristaleira. Nas paredes, devidamente emoldurado, o título de utilidade pública conferido à “Sociedade Espiritualista Cristã São Jerônimo e Santa Bárbara”, pela Câmara Municipal da Cidade do Rio de Janeiro. E entre gravuras coloridas de cantores do rádio e jogadores de futebol — além da flâmula desbotada do G.R.E.S. Unidos da Congonha — num cartaz 36 x 48, sorria o pai dos pobres, o estadista, o realizador... Getúlio Dornelles Vargas!

Da sala, chegava-se à cozinha por um corredor largo, com os quartos e o banheiro distribuídos à direita e à esquerda. Mas só entravam por ali os mais chegados e os clientes de cerimônia. Os

que não eram uma coisa nem outra entravam pelo lado esquerdo, por entre a parede lateral e o muro; porque o lado direito funcionava como uma espécie de depósito, onde se acumulavam caixas de cerveja, tijolos, telhas, rolos de arame, latas de tinta... Mas tudo arrumado, direitinho, como num almoxarifado.

No fundo do quintal ficava o barracão das festas. E, nele, o runcó, o peji; e o quarto onde as entidades davam consultas.

Chamava atenção, nessa parte do amplo terreno, uma jaqueira com um pano branco enlaçado no tronco. E pregado num galho, o estrado onde, presa pelo pé esquerdo, ficava a coruja, ave estranha, cinzenta, parecendo uma mulher velha, que só abria o olho de noite, quando piava de um jeito que arrepiava toda a vizinhança. O nome certo, mesmo, dela era Quiçúnzu, como depois eu vim a saber; e por isso, pela homofonia dos nomes, seu Quitungo só chamava ela de “xará”.

Tudo isso era lá naquele canto da Estrada de Brás de Pina, do lado direito de quem vai pro Bicão, no pé daquele barranco alto onde abriram a Rua Nova, naquela covanca que a gente chamava de “Beco da Coruja”, exatamente por causa daquele Quiçúnzu esquisito. Lá é que era o lugar dos cortiços, dos pintabrabas, da batucada, dos maus elementos, da macumba pesada. E lá é que ficava a casa do seu Quitungo. Onde naquela segunda-feira a sessão era especial.

Naquela noite, era tudo por conta do Conde, senhor absoluto da Calunga. Onde, além dos ancestrais locais (Borges, Bral, Campos, Gama...), dormem o sono eterno grandes sambistas imperianos, portelenses e coirmãos; destacados bailarinos do Vitória, do Danúbio; acrobatas e palhaços dos circos Atlântico e

Olimecha; seresteiros do Pau-Ferro; craques do Estrela do Oriente, do Futurista e dos Filhos de Irajá; professores e alunos do Colégio Republicano e do Instituto Marques; normalistas da Carmela Dutra; biraias do Campo da Light e do IAPC; bicheiros da Vila Mimosa etc. Gente que deixou ou não seus nomes gravados na história da gloriosa Freguesia de Nossa Senhora da Apresentação de Irajá! Que descansem em paz!

Naquela noite era a quimbanda. E quimbanda era a umbanda que trabalhava com o povo da rua, com os exus da Calunga; era o vodu brasileiro. E o Cemitério do Irajá, naquele tempo, era a mesma coisa que o cemitério mais afamado do Haiti. O senhor sabe onde é o Haiti, não sabe?

O trabalho daquela noite era especial. O Conde tinha pedido um boi pra entrar naquela briga. Literalmente. E quem encomendou não se fazia de rogado, mesmo porque vinha de anel no dedo e Cadillac com motorista de uniforme. Porque o bom resultado do trabalho era vital para o sucesso de seus propósitos, de seu *curriculum vitae*, de sua trajetória pública e privada. E tudo foi feito dentro dos preceitos e conformes, tintim por tintim, como manda o figurino, na língua do Congo e do povo de Angola.

Então, sete dias depois, exatamente, a noite encoberta, com rajadas de vento, o piloto do helicóptero acionou e o motor engasgou, numa tosse esquisita. Tentou de novo, o bicho roncou, saiu do chão, ganhou altura, foi subindo, subindo, embicou pra esquerda... Catapou! Deu-lhe uma porrada feia na quina do telhado do Palácio, explodiu e caiu em chamas.

Em meio à fumaceira e lugubrememente iluminado pelas labaredas, o piloto saiu cambaleando, balbuciando um pedido de socorro: “O governador... Nossa Senhora!... Ele ia ser o Presidente...”

Longe dali, no Beco da Coruja, a “Xará” soltou seu pio horripilante. Porque naquele tempo, quem mandava mesmo, de capa preta e cartola vermelha, no Distrito Federal, no Estado do Rio, e em todo o Brasil, era o Conde de Irajá.

Seu Quitungo era só o instrumento.



PENHA

Da Muda para a Penha

PAULO ROBERTO PIRES

PREZADO ALDIR,

Aposto que você nunca recebeu carta através de um livro, digo, dentro de um livro, o remetente aqui na página 65 e você, destinatário, na página 20. Isso de escrever uma carta assim também nunca me aconteceu, mas não vi outro jeito: na minha confusa geografia sentimental, o melhor atalho para a Penha, o meu lugar, é a Muda, o seu.

Queria te dizer, não espalhe, que só estou aqui por sua causa. Porque só cheguei à Penha pra valer anos depois de ter saído de lá. O atalho estava nas páginas do teu “Vila Isabel”, cujo subtítulo, “Inventário da infância”, achei que me dizia respeito a ponto de naturalmente misturar sua avó com a minha, que morrera pouco antes da leitura. Lembro que te disse isso numa entrevista, pelo telefone, e desde então passamos a conversar, nos ver e até trabalhar juntos.

Foi da Muda, cercado por livros e servido por Jack, o mordomo de saudosa memória, que passei a ver melhor a Penha. Foi de lá que entrou no foco a imagem de um subúrbio que sempre me pareceu medonho pela sensação de imobilidade, o calor acachapante, o cheiro acre do Cortume Carioca, os bandos de bate-bola no carnaval, a assustadora passagem de pedestres improvisada por baixo da linha do trem, ao lado de um valão. É, Aldir, a Penha nunca foi para mim uma Pasárgada.

Mas se geografia não é destino, tampouco é acaso. Na minha época, na época em que o mundo forçava os limites de um perímetro formado ainda por Madureira, onde estudei, e o Centro, onde passeava com minha mãe e ia ao cinema, ainda não existia algo como o ‘orgulho suburbano’ encabeçando uma lista do ‘cariocamente correto’. Talvez por isso tenha custado a entender que a busca por tudo o que me faltava e continua a faltar na Penha só aconteceu porque eu estava *lá* e, mais do que isso, porque eu era *de lá*.

Quando aprendi a ler, já tinha sido alfabetizado em música pelo piano da mãe e a eclética vitrola de casa: tangos, Martinho de Vila e choro. Na escola da tia Zélia e do tio Carrilho, as notas eram tão presentes quanto as letras. Ela, uma destas professoras vocacionais, doce e rigorosa ao mesmo tempo; ele, Álvaro, um flautista estupendo que gravou tardiamente e ficou menos conhecido do que seu irmão virtuose, Altamiro. Na época, os “tios” tinham dois moleques: Mauricio, que viria a ser o grande violonista, e Cesar, o produtor musical dos sonhos de qualquer artista. Aprender a ler foi, para mim, aprender a ouvir.

No meu mapa, todos os caminhos levavam à música. Recém-separado, meu pai não sabia muito bem o que fazer comigo aos domingos e, na dúvida, criou a rotina do Sovaco de Cobra. No botequim de esquina da Rua Ennes Filho (que é Penha Circular, mas essa é outra história), aprendi a olhar com respeito Abel Ferreira, que era vizinho, e pela primeira vez vi e ouvi um saxofone, que depois descobri ser o de Paulo Moura.

Nos meses de outubro, a outra avó, não aquela que misturei com a sua, me levava à Festa da Penha. Nela já não se lançavam as músicas do carnaval seguinte, mas as crianças ainda usavam um estranho colar de balas de coco embrulhadas em papel colorido e amarradas num barbante, brincavam no parque Xangai e até subiam os famosos 365 degraus esculpidos na pedra, muitas vezes ao lado de gente pagando promessa, de joelhos.

Mais tarde, mas não muito mais tarde, aprenderia a importância da conversa fiada na cerveja antes dos almoços de domingo, regulada pelo horário sagrado da comida. Num botequim sem história ou nome, que jamais entraria num guia, ouvia histórias inacreditáveis de um grupo de coroas figuraças, amigos de meu pai. Coroas? É, pensando bem, naquela época eles deviam ter a idade que tenho hoje.

O que eu queria te dizer é que aos poucos fui percebendo que a vida que conquistei para mim, do jeito que eu queria e podia, fazendo o que mais gostava, já estava desenhada lá, na Penha tão sofrida, nem tão miserável para se transformar numa causa, nem tão pitoresca para virar moda. É como se o bairro tivesse sido esquecido ali, a meio do caminho entre a praia e o morro, perto da

Nossa Senhora que homenageia e, definitivamente, longe, bem longe, do Deus que sequer existe.

Te escrevo Aldir, enfim, para agradecer por me fazer entender que é possível ler o “Ulisses” e dar com ele nos cornos de alguém. Quando perco os bons modos, o que não é exatamente raro, digo que ‘a Penha está subindo’. Mas é mentira, ela sempre esteve lá. Assim como quando autografo um livro ou, de mãos dadas com a Ana, sei que ela é ‘minha garota’. Afinal, foi assim que eu aprendi sem saber que aprendia, que você me lembrou que eu sabia.

Encerro por aqui, pois já perdi a conta de quantas vezes ouvi a “Carta de Pedra” que você e Guinga escreveram. E, uma vez mais em tantos anos, me senti, talvez pretensiosamente, um de seus destinatários. Principalmente nesta parte, que lembro aqui, como um mantra e uma despedida: “A valsa chora eu sei que chora/Pelas Penhas que eu vou inventar/Até que a própria Virgem/ Mande eu descansar”.

Um abraço,
Paulo.



PAVUNA

Da Rua Piauí à Estrada Rio do Pau, levando piau

FELIPE BEZERRA

SABE A RUA PIAUÍ? ALI em Todos os Santos, espremidinho naquela meiúca dos bairros Cachambi e Engenho de Dentro? Pois é. Numa verdade-quimera ainda hoje sustentada por mim, a Rua Piauí — da qual sou cria — é a Atlântida que se perdeu, e se achou!, na poesia das minhas molecagens suburbanas. Já a Rua Toropasso, que tinha pastel de feira aos domingos, primas com pés bonitos e outras delícias que agora não me ocorrem, foi um não-lugar que ganhei de presente, aos sete anos de idade, de meu finado padrasto Décio, imperiano de fé e — desconfiava — filho de Xangô. Ah, sim: foi numa encruzilhada da Toropasso com a Major Medeiros que meus olhos de moleque se deslumbraram, pela primeira vez, com um despacho bem *formoso* (o grifo é do povo de rua), feito de farofa, charuto e Sidra Cereser.

Aí, no início de minha adolescência, em meados da década de 90 (numa época em que UPP seria, no máximo, nome de marca de leite), acabei indo pra Praça da Bíblia, uma ironia cravada — de bala de fuzil? — nos apês do Gabinal Margarida, na Cidade de Deus. Nem te conto, parceiro... Foi sob o céu da CDD, bordado de pipas e — que lindo! — de munições de AR-15, que me liguei na letra do MC Mulato e comecei a aprender a viver. Depois, peguei o 701, até Madureira, bem antes de Arlindo Cruz nos cantar que o caminho era de Ogum e Iansã. De lá, embarquei no 779 e saltei no ponto final do trajeto desta crônica, no bairro da Pavuna: Estrada Rio do Pau. Ou Avenida Chrisóstomo Pimentel de Oliveira, como as empresas de cobrança grafam nos boletos que entopem de preocupação a lateral da geladeira da gente.

(Não posso negar que, neste momento, estou profundamente constrangido e, por isso mesmo, preciso pedir perdão a vocês pela cretinice que vou escancarar neste parêntese. Mas, *di boua*, que logradourozinho broxante! Concordam? Pensem comigo: alguém acreditaria que uma moça minimamente distinta, em sã consciência, que preza pela coerência e pela sensatez em suas atitudes, pudesse topa, logo no primeiro papo, seja no baile ou no zap-zap, sair com um zé-ruela qualquer da Avenida Chrisóstomo Pimentel de Oliveira? Tá de sacanagem, né... Garanto que esse vexame jamais aconteceria com quem fosse da Estrada Rio do Pau. Este, sim, é um endereço que passa mais vigor para as garotas. Claro! Aliás, ao contrário do que gozaria algum trocadalho do carilho, um sujeito da Rio do Pau nunca leva toco pra casa).

Confesso que a Pavuna foi um tremendo “pedaaaaa!” de realidade na minha nuca. Aquele pescotapa que me fez acordar dos delírios infantilóides — acalentados pelo sonho de me tornar um herói japonês, desses da extinta Rede Manchete — para, enfim, encarar a aburrescência. Tipo um peteleco “se liga, mané!”, bem-dado no pé da orelha, como o que recebi do erê de minha mãe, durante uma meia-tarde de cochilo que tirei no apartamento de minha tia Áurea, no condomínio do Bradesco, ao lado do conjunto da Marinha, na Rio do Pau. O danado, no invisível, foi no meu ouvido e... taaaac! Maluuuuuco, doeu pra caceta! Aí, à noite, o erezinho aproveitou que mamãe havia chegado do trabalho para incorporar nela e mandar a deixa... “Foi pra você aprender!”, advertiu-me, sucinto, gargalhando da minha cara-de-bunda.

Mais uma confidência pavunense: devia eu estar com meus 15, 16 anos, quando ralei peito da Chrisóstomo Pimentel de Oliveira e me tornei um digno morador da Rio do Pau; consegui ganhar, na lábria, minha primeira menina! Andreza, mulata, coxas grossas, sorriso de Realengo. Ela estava, à ocasião, visitando sua prima, que tinha um apê no mesmo bloco do Daniel, filho da tia Margarida. “Ah, moleeeeeeeee!” Tsc, que nada... Na sequência, fui *eleito* pela galera do condomínio como o bucha da rodada. Coisa de poucos minutos após minha conquista, Andreza ficou com outro rapaz e, como se não bastasse, botou pra jogo a Lei de Murphy, revelando ao camarada (?) que eu havia indagado se a “beije bem”. É... Os fatos responderam à pergunta e, de quebra, comprovaram o seguinte: uma vez da Chrisóstomo, sempre da Chrisóstomo.



são João EMERITI

Sanja 20 horas Domingo

BRUNA BEBER

CHOVE E FRITA-SE AGORA NO subúrbio. O sol salienta, um cheiro forte de areia chuviscada agrava o abafamento que sinto com o calor, e a água que estala a telha que nem pedra desce pelo cano da calha pra inundar os peixes na vala do quintal. Pintou um arco-íris de fora a fora, troço que eu nunca vi mais rente sair do calcanhar do morro e morrer nas costas das casas desse lado da rua. Parece pintura daquelas que minha avó comprava na feira, que quando não era de natureza morta de fruta em cima da mesa, era barquinho ou paisagem com arco-íris. Sempre desgostei, ousadia eram quadros espelhados com risco de cisne e lago e purpurina vendidos pelos nordestinos de porta em porta. Preço barato, mas o esquema de pagamento era sempre carnê, carnê, carnê, mania de previdência de todos. Minha avó, desconfiada, jogava o olho de lado com medo de tomar uma volta. Mas foi assim a vida inteira

para compor a decoração da casa, desde os quadros até cortinas bordadas a mão, painéis e brinquedos artesanais.

Hoje é domingo, muito primo e muita tia da cozinha pra sala, uma gente que chega de mais longe pro almoço querendo saber quem vai casar, quem comeu a mulher de quem, quem presta concurso pro governo, quem subiu na vida, quem engravidou, quem adoeceu, quem tá preso. Aparecem com desculpa de visita e se deixar ficam até segunda-feira. Trazem bolos embrulhados num bololô de saco com pano de prato, uns remédios milagrosos socados dentro de garrafa de cerveja e lembrancinhas como caixinhas de música, estojo de maquiagem e badulaques de plástico colorido podendo eu ter a idade que tiver. Uma criatividade aliada à falta de noção de quem nunca conseguiu agradar. Só bola fora. E conta causo aqui, mostra foto ali, “Esse aqui é o filho de não sei quem”, “Mas como tá grande!”. Depois do almoço o comboio se esparrama pela copa pra “esticá os ósso” e preenchem a tarde de frases como “Mas como o tempo passa, né?”, “Estamos ficando velhos”, “Essas crianças tomaram chá de bambu? Uns mininão forte, esticado”. No final do dia, todo mundo se levanta pra tomar o café da tarde e seguir o caminho da roça. Claro que alguém sempre “Desculpa por essa visita de médico, a gente volta com mais calma no domingo que vem”. Domingo que vem de novo não, sai, suplício, filhos da peste, se percam no caminho.

A cachorrada vizinha faz a corte dos passantes e passa tombando as latas pra se inteirar do nosso lixo, sobrevivem de sua própria coleta seletiva. Os que não se ensopam debaixo das marquises infiltradas, se embrenham nos becos calados pra fazer

a sinfonia dum latido que compete com o barulho da chuva. Mário, o cachorro mudo da dona Geralda, para desculpar-se por não entoar o coro, tinha mania de *speed racer* e morreu de insistir na ideia de disputar velocidade com ônibus carro caminhão. E num dia aí BLOWFT. Estrebuchava dona Geralda de chorar, e HUIN, o último suspiro, Mário botava os bofe pra fora enquanto a roda de muleques sem camisa perguntava um por cima do outro se o que ele cuspiu “é as tripa ou é cérebro?”. Eu preferi assim, grande aflição aquela disputa. E além do mais, sempre preferi gatos. Gatos são mais espertos, não insistem na bobagem de serem amigos do homem como o cachorro. Eu não sou cega, e mesmo que fosse, cachorro brinca demais, eu sempre canso antes. E gatos, embora me julguem todo o tempo, me ajudam a matar ratos, que no mês passado já me comeram metade dum armário de cerejeira, três pés de meia e a minha calça de tergal preferida. Se não me cuida, me comem livros, cadernos, dinheiro. O rato leva a casa inteira e ninguém vê.

No quintal dos outros, onde a farra é animada, dá pra ver a fumaça de churrasco, feijoada e cozido. Na casa da dona Cosminha, uma antiga parteira do bairro, suas oito filhas desfilam tabuleiros com quitutes da Bahia e seus netos magrelos fazem festa num pedaço de plástico da Casa & Vídeo. Os genros, alguns militares e outros operários, batem bola num pequeno lajeado. Cachaça, torresmo, cerveja gelada de garrafa. A música come solta. É uma alegria de domingo que eu nunca conheci, sempre me ensinaram que domingo era dia de descanso e não de esbórnia, embora nunca tenham me ensinado que eu poderia me permitir uma esbórnia vez ou outra. O cara que lava o carro na

calçada nos finais de tarde, Pedrão, um boa-pinta camelô, sempre se encarrega de botar o som pra rapaziada, e seu bom gosto ganha picos da minha audiência quando entre um forró, um funkão nacional antigo ou uma *black music* de Madureira, ele bota músicas da Marrom. Adoro. Minha vizinha parede-meia conversa com a filha a 300 decibéis e me interrompe a leitura das cartas do Graciliano. O diálogo é denso, elas se odeiam e se juram de morte. Puta a mãe, puta a filha, bem sei e me divirto. Debruço o livro na barriga e acompanho a novela.

A missa das sete já começou numa igreja aqui do lado para os que até nessa altura do ano escondem as pernas em saias longas, calças, e blusas de manga comprida ensopando a Bíblia debaixo do braço. Uma gente que, muito mais intolerante que eu, não se permite nem observar a folia. Miseráveis, tudo pra eles é coisa do demônio, todo mundo é possuído. E nesse papo obcecado de aceitar Jesus e espantar os espíritos sem luz, começa a intermitente rezadagem nas caixas de som no fim da rua. O que eles chamam de CASA DO SENHOR é um lugar quente e de vidros transparentes, se eu passo na porta vejo fulaninho trincando o coco no chão de tanto falar Aleluia. Umas criancinhas bonitas, cheias de vida, tendo que chamar qualquer filho da puta de irmão e gritar glória a Deus até se não concordar. Quando as bocas silenciosas dos becos começam a abrir pro entra e sai da galera oxigenada de amônia e policiais barrigudos de pochete e fusca, a rezadagem se acentua. Os proféticos saem à rua pra encontrar o capeta nas casas de tráfico e só não tomam tiro na venta pra deixar de ser besta que com o tráfico não se mete, porque o gerente tá pensando em ser pastor. E se não der, vereador.

Convivência pacífica, até, mas às vezes na calada da noite, aparece um IRMÃO tombado por ter passado dos limites em sua pregação.

Bolo e restos de delícias na cozinha, nenhuma visita. E não tem beijo jogado nem aceno de longe, a cambada dos filhos da peste tem mania de continuar dando tchau lá do final da rua. Podem estar nos vendo tudo pequenininho e mesmo mal conseguindo enxergar a cabeça, insistem no aceno. Eu me recuso porque acho uma papagaiada ficar dando tchau durante vinte minutos e fingir que meu braço não tá doendo só pra agradar. Ainda mais por ser família que só vejo no domingo, sempre desconfiei de gente que só vejo aos domingos. Fechamos o portão, entramos. Todas as janelas abertas, a casa arejada dá mais liberdade a quem vive nela. Dona Geralda, do lado de lá da parede, balança na cadeira enquanto fura o tecido com linha e traço. A mãe come pão na varanda enquanto lê notícias, o pai joga cartas sozinho. Passei um café, aumentei a música. Até pensei em ver um filme, mas faz um dia tão bonito, se eu olhar pro céu vejo todas as cores.



BANGU

Um chope é pouco à sombra da chaminé

JOÃO FELIPE BRITO

SENDO QUE SOU DE BANGU, nessas idas e vindas pelo Rio, me costumam lançar, na maior cara de pau, sentenças desse perfil: “Lá é quente, né?”; “É onde tem aqueles presídios?”; “O Beira-Mar morou por lá um tempo, não é isso?”; “Tive um namorado por ali que vivia reclamando da volta para casa...”, e em geral soltam risos de canto de boca, como se já tivessem descoberto tudo o que se pode saber sobre esse bairro imenso, tão antigo quanto a República, com tantos tijolos vermelhos que poderia ser facilmente oficializado como a ‘Manchester carioca’. Pilantras! Uns e outros até falam sobre o vice-campeonato brasileiro que o Alvirrubro suburbano, aquele das mais elegantes listras de camisa de time, teve a audácia de perder para o Coritiba num Maracanã lotado, com Marinho e outros catiços em campo, após o Ado, logo

ele!, bater aquele maldito pênalti para fora. Outros, recordando “bons tempos” de ilegalismos pirotécnicos, lembram dos festivais de balões que o Zeca da Amizade levava para a região. Falam ainda da fábrica da Coca-Cola, do motel Pallazzo ou das lojas de caminhão, tudo nas margens da Avenida Brasil, “terra de ninguém” e caminho de um montão. Uns tantos, “cascudos”, resgatam a chapa quentíssima da Furacão, no Casino Bangu, os passinhos ao som de Stevie B, na Know-How, o baile da VK que se escondia lá dentro da Metral. Não é mole, não. Para cada banguense, uma disputa diferente sobre o imaginário do bairro nos cantos, trabalhos e botecos dessa cidade que, cada vez mais, se volta para o mar e não dá conta das muitas possibilidades de se sentir carioca.

Um dia, gostaria de contar aos desavisados sobre o alento que é mirar o Pico da Pedra Branca, a maior altitude da urbe, límpido e cercado de verde-soldado, pela janela do colégio, pelo para-brisa do carro, no espelho de um copo americano suado, às portas da igreja de Santa Cecília dos Lindos Vitrais Preservados. Acho que não consigo. Do passado, dizem os velhos que ali no calçadão da Cônego de Vasconcelos jogam “buraco fechado”: “Não tinha coisa mais bonita que o apito da fábrica dando o ritmo dos proletários.” Tem como definir um lugar onde paira sobre uma mesa de jogatina o vocábulo “proletários”? É de aquecer o coração imaginar aquele monte de gente misturada vagando pelas ruas em tabuleiro no centro do bairro: operários, povo cansado, gente chegando de trem atrás de pano, remendos, tecido estampado.

Seria bom, de quando em quando, descrever com exatidão as idas à Praça da Guilherme em tardes extensas, quando os velhos e

moços do bairro vestem-se de branco e encarnado, para torcerem contra os grandes clubes que nos visitam já sem tanta frequência. Com as cadeiras e radinhos nas calçadas do entorno, provocando os passantes. Com um castor vaidoso na altura do peito, evocando potências. Com as pipas dançando sobre os refletores do Moça Bonita, rabiscando de molecagem o estádio com o nome mais charmoso do mundo. Com o sol do nosso lado, sempre. Mas, eu não tenho tanta resenha para tal cenário.

Eu daria uns dinheiros, e dois galletos do Ponto Chic, para quem explicasse as musicalidades do pedaço, o lume dos que brincam desse negócio de fazer o povo feliz no canto e na dança. Do pagode ao rock de garagem. Do Catiri à Vila Aliança. Da Piscina do Bangu Atlético à Água Branca. Invadindo Padre Miguel e a Mocidade Independente, se espalhando em torno de cervejas, licores, e todo tipo de aguardente; traçados, jurubebas e mesas de sinuca na Doze de Fevereiro e indo em frente. No Viégas, nas festas da praça Primeiro de Maio. Tanta fumaça, beijos na boca e cabeças sacudindo nos “tributos ao inédito” da lona cultural, que tem o nome do albino mais sonoro, localíssimo e esquentado, “Hermeto Pascoal”.

Detalharia, tintim por tintim, o orgulho que temos do pioneirismo de Thomas Donohoe, e, mais simbólico ainda, o de Francisco Carregal (Não os conhece? Vá sabê-los!). Falaria detalhadamente sobre os blocos de rua, os coretos, os grupos de clóvis e piranhas que preenchem essas esquinas nos dias incandescentes de carnaval. Mostraria as cigarras cantando nas tamarineiras da Estampadores, nos oitis da Tecelões, nas amendoeiras do Caminho do Lúcio, anunciando que a

temperatura em riba vai ganhando o meio-dia e os crepúsculos desse Rio de Janeiro bestial. Falaria do buço molhado das meninas e seus cabelos presos em coque, em tranças, em rabos de cavalo caídos nos ombros, que já me indicavam o verão (ou o outono, sei lá) dilatando as portas, móveis, os corpos!, e os azulejos frios do quintal.

Eu queria explicar isso tudo, mas não consigo, não dá! Não me levem a mal.



PADRE MIGUEL

A pimenta do improvável

FÁBIO FABATO

E SEGUINDO O CURSO DO progresso na linha do trem, nos arredores de uma antiga estação, num bairro com nome de padre — Miguel de Santa Maria Mochon —, emoldurado por uma vila de casas tão modesta que, na gíria popular, “não valiam nem um vintém”, sob as bênçãos de uma lendária mãe de santo, na Zona Oeste da cidade que já foi capital... Não se desenvolveu nenhum romance de García Marquez, apesar desta pinta toda de realismo fantástico! Aconteceu uma história real envolvendo os bravos boleiros de um modesto time de futebol de várzea — o Independente Futebol Clube —, ou “Arroz com couve”, para aqueles que eram “de casa”, da Fábrica Bangu, dos feitiços da Moça Bonita, do burburinho morenado e constante das ruas chamadas por letras, dos prédios do IAPI, do que virou um “Ponto Chic” de bambas.

Em 1955, decidiram levar a sério as rodas de samba que improvisavam após as pelejas, trocando chuteiras gastas por sapatos lustrados, bolas por surdos e os desconcertantes dribles pelo riscado do samba no pé. Estava fundada a Mocidade Independente, escola de samba pentacampeã do Rio de Janeiro. A história, porém, começa mesmo no futebol do time-berçário três anos antes, a partir das aventuras e desventuras d'um autêntico perna de pau de corpo franzino — ares, postura e elegância de um príncipe —, e marrentinho toda vida. Ivo Teixeira, o popular Ivo Lavadeira, jamais poderia imaginar que a farra de criar um time de futebol apenas para ser escalado nas partidas de Padre Miguel pudesse virar capítulo destacado na história do carnaval.

Foi Ivo quem comprou a bola e o jogo de camisas do time, aprontando um fuzuê daqueles dentro de casa. O dinheiro separado pelo pai seria para o abastecimento do lar, e sua mãe não se intimidou com o mais de metro e oitenta daquele magricela que acabara de completar 18 anos: a surra foi ouvida do outro lado da rua. O uniforme voou pela janela, mas, por sorte, a turma de jovens boleiros recolheu o material espalhado. O time estava a salvo. Além das surras, os pais gostavam de obrigá-lo, como castigo, a se enfiar num vestido feminino e cuidar da arrumação dos quartos. A turma do futebol, claro, não perdoava, e aí nasceu o codinome Lavadeira, com fita amarrada na cabeça e pernas peludas, uma coisa.

O homem morreu em 14 de outubro de 2014 sem entender direito que foi ele, ele mesmo, quem “inventou” Padre Miguel para o Centro, e em razão da Mocidade. Aos olhos dos diários da cidade, o bairro — um intervalo do primeiro para o segundo

tempo entre Bangu e Realengo —, sempre foi um minúsculo pedaço de nada um pouco depois do fim do mundo. Só. Mas, sim!, tinha (e tem!) uma vocação dos diabos para arrumar festa e criar samba, algo que o tempo tratou de fazer o povão e os intelectuais — de orelha e de fato —, reconhecerem. Não pendure uma cueca em varal ao ar livre por lá. Vai ter mulher engravidando no dia seguinte. Orozimbo Oliveira, ex-presidente da Mocidade, não montou um time de futebol, mas uma bateria inteira, só com filhos. E não deixe um tamborim, caso não goste de fandango, dando sopa, incauto. Logo terá um guri que vai apanhá-lo. E vai juntar o dito cujo aos surdos com a afinação característica, invertida, da Estrela. E tome de farra e mesa postas. Ora, a fertilidade é a marca da terra com nome de padre, coisa de Deus, e que também é profana, liturgia da roça. Plantou — “ih, f...” —, nasceu.

Mestre André, o genial genioso, forjou a maior das baterias, inventou a paradinha (instrumentos que se calam e renascem no tempo certo, como que por mágica), mas não cansou de aprontar. Padre Miguel não é para amadores e, no começo, briga se resolvia no fio da navalha. O *homi* vendeu até mesmo os sapatos da bateria nos anos 60, às vésperas de um desfile, e deixou os batuqueiros mandando no couro com as solas dos pés beijando a brasa. Desfile ao meio-dia, sol a pino, imaginou? “Tá quente, seu André”, chiaram. “Não existe mais quente que a gente”, retrucou na malandragem. Virou samba de Luiz Reis anos mais tarde na voz de Elza Soares, a filha ilustre que saiu de Padre Miguel para, na televisão, amparada por um estupefato Ary Barroso, apresentador do programa de calouros, consagrar seu talento.

Padre Miguel é isto, a terra do improvável. É classe média, é favela. Ilusão e desilusão. Chique — ou “chic” —, e cafona até o último fio. Independente e raiz também. Mocidade e Unidos. Um tipo de equilíbrio mal ajambrado que desequilibrou o carnaval. Talvez a proximidade com a monumental Fábrica de Tecidos Bangu, de origem inglesa e já extinta, tenha influído na construção de um caldeirão cultural que misturou tantas cores, sabores, odores. A receita, mesmo com o costumeiro esquecimento do poder público para questões cruciais que envolvem a vida da terra do padre, deu certo. Mas tem pimenta à beça. Para provar, é preciso coragem.



REALENGO

Aquele abraço

BÁRBARA PEREIRA

“TU É DE QUE LADO? Sou do lado de lá.” Esse diálogo nunca me foi estranho, eu que sou do lado de *lá*. O *cá* foi sonho de consumo na adolescência — no outro lado tinha de tudo. A praça mais bonita, a igreja Nossa Senhora da Conceição, a loja de doces, o melhor galeto, as sapatarias, as lojas de roupas, a casa de produtos de macumba, os salões de beleza, o único cinema do bairro, farta condução, condomínios parecidos com os da Barra, as universidades particulares, as academias de ginástica, os supermercados com corredores largos. Tinha lazer também, matinês no domingo ou pagodes na quarta à noite no Grêmio Esportivo Estudantes de Realengo. Deste lado ficavam ainda os principais quartéis militares, com seus prédios antigos, sem nenhuma mancha fora do lugar no verde e branco das paredes, que via no caminho da escola municipal Gil Vicente. Foi lá que cursei o antigo ginásio, e que custei a descobrir que o nome se

tratava de homenagem ao teatrólogo português. Sempre houve dois lados para quem mora em Realengo. Quem divide esse imaginário é a linha do trem, mesmo que o *cá* e o *lá* sejam códigos compreendidos apenas por quem é local.

O lado de lá, o da Avenida Brasil, era um pouco mais escuro. Iluminação pública era coisa de privilegiados. O meu lugar era mais poeirento, com ruas sem asfalto, mais conjuntos habitacionais e favelas com nomes estranhos: Curral das Éguas, Fumacê, Macacolândia. Somente duas linhas de ônibus ligavam as metades das terras realengas: 741 para ir, 743 para voltar. Nunca entendi o porquê dos números diferentes. Eu tentava pegar o 741 todas as manhãs para ir pra escola. Tentava porque não havia horário certo. Era contar com a sorte e com o humor do motorista, quando ele se deparava com as camisas brancas e seus emblemas de escola pública, sinais exteriores de que a roleta não iria rodar, de que as passagens não seriam pagas. O trajeto também poderia ser feito a pé, bastava atravessar o viaduto chamado de ponte pelos moradores — quem define o nome das coisas no subúrbio é quem se julga proprietário de uma imaginária carteirinha de morador. E o viaduto, ao mesmo tempo em que ligava os dois lados, representava o hiato entre a vida lá e cá. A travessia era uma prova de resistência, em especial naqueles dias em que algum gatuno resolvia tirar umas merrecas da garotada bem na hora do sol escaldante. Correr era preciso, mas o vulcabras, exigência da época assim como a saia plissada, não ajudavam na fuga. E olha que a compra dos sapatos pesava na delicada renda familiar, par que só durava até o meio do ano.

No meu lugar também tinha festas de São Cosme e Damião no terreiro de umbanda, carnaval no coreto do Coletivo, festas juninas no Basquetão e a turma que se juntava todo sábado à noite pra ir pra Mocidade Independente de Padre Miguel. O samba sempre foi nosso dom. Mas lá como cá as senhorinhas colocavam suas cadeiras de praia no portão, estratégia para enfrentar o calor das noites de verão em Realengo, alça do caldeirão do inferno — o caldeirão mesmo é logo ali em Bangu, com ou sem chuveirinho. O hábito e as cadeiras perderam lugar com a chegada dos bondes, os do tráfico. Mas Realengo é João Teimoso. Como diz um ditado que circula pela ZO, Zona Oeste pra quem não é de lá: “Tantos anos de bueiro e eu vou dar mole pra rato?” É assim que faz o povo que vive no meu lugar. Burla, escapole, esquiva, desvia, dá seu jeito. Recuar jamais. Como já foi bairro de milico, hoje se adapta a novas ditaduras. Não dá pra ficar na rua nas madrugadas? Então, muda-se o horário da feijoada, da caldeirada, da sirizada, da peixada, da churrascada, nada que lembre os pratos cheios de guéri-guéri da Zona Sul e seus raios gourmetizadores. E se não tem dinheiro pra abrir um bar, não tem perrengue. Basta abrir o portão da garagem e fazer do seu quintal um estabelecimento, familiar, e aberto para todos. O vizinho samba, toma um caldo e vai pra casa feliz enfrentar a dona Maria ou o seu José. Ser feliz no subúrbio, quase sempre, é sem rivotril ou fluoxetina. A realidade tem mais eficácia que remédio.

Se insistir está no DNA dos nascidos e criados em Realengo, então que seja com humor. Na alegria ou na tristeza. Na minha rua, a extensa Estrada São Pedro de Alcântara, seu Joaquim, baixo e magrinho, com seus mais de setenta anos, virava e mexia ia

parar no hospital. De tanto ir e voltar, foi apelidado de Imortal. Nunca se estressou com a brincadeira, respondia com um sorriso. Na academia realenguense de criações literárias, *bullying* é palavra pomposa usada apenas por quem jogou bola de gude no tapete ou soltou pipa no ventilador.



JACAREPAGUÁ

Jacarepaguá e a saudade da lembrança do futuro

HENRIQUE RODRIGUES

“Burrup Sou neurastênico
Burrup Preciso me casar
Se não eu vou pra Jacarepaguá
E Jacarepaguá é longe pra caramba
Jacarepaguá só se eu tiver de carro
Jacarepaguá só se eu tiver na Barra
Se não não vou nem se amarrado”

ONIBUSFOBIA, JOTA QUEST

SOU DE SEROPÉDICA, MAS LOGO cedo desbravei o mundo, e toda a minha formação se deu entre Pavuna, Irajá e Madureira, tás pensando o quê? Cheguei a Jacarepaguá ainda garoto, em 1991,

quando o bairro já começava a se cansar do passado e não via a hora de tropeçar no futuro.

Logo que nos mudamos para a Taquara, meu irmão e eu arrumamos o primeiro emprego, no McDonald's. E com a carteira assinada, a felicidade rara de se encontrar, veio a parte boa da adolescência. Pobres, porém honrados, à lá seu Madruga, com o direito de gastar metade do salário (a outra parte era para ajudar em casa) com o que bem entendêssemos. Eu gostava de sair com os amigos.

Em Jacarepaguá tudo sempre foi longe, mesmo quando se está em Jacarepaguá. Isso significava enveredar pela noite de uma danceteria a outra, cruzando quilômetros a pé, na esperança de achar um lugar aberto, nem que fosse uma festinha de rua. As festinhas desapareceram, e o termo danceteria também acabou junto com elas. Ontem mesmo passei em frente onde funcionava uma, hoje um laboratório de análises clínicas. Um restaurante, a Noivinha da Taquara, virou um centro médico. Em vez de comer e dançar, o bairro adoece. Talvez seja uma lei de mercado.

Sim, e o McDonald's, quem diria, foi demolido recentemente, atropelado pelo caminho pseudoexpresso do BRT.

Bons os tempos em que cruzávamos isso tudo aqui a pé. Eu ria das carroças se mesclando aos engarrafamentos. Um deputado chegou a culpar os meios de transporte antigos pelo trânsito ruim da região, e propôs fazer um... cadastro das carroças. Brilhante. Elas continuam circulando, muitas vezes mais rápidas que os carros, como um tipo de deboche. Eu estou num deles, bufando e espremido, sem opção. Correr, mas para onde, José? Muitos

chamam Jacarepaguá de bairro dormitório, por conta da falta do que fazer, na eterna dependência da Barra da Tijuca.

Jacarepaguá é um velho esclerosado, safenado, cuja memória dá constantes sinais de falha, mas o coração pulsa ainda. A Barra é um adolescente mimado e com obesidade mórbida. Quem vai primeiro?

Ao longo dessas décadas, acompanhei o desenvolvimento (ou a falta de) urbano da região, e sempre me pareceu que alguma coisa estava sendo deixada para trás. Parece que falta algo, e os recursos tecnológicos vêm chegando, cheios da ostentação típica das soluções rápidas, mas algo básico foi esquecido. E não sei se me refiro à estrutura física das ruas, mas também às pessoas. Seria só daqui ou é geral o sentimento de que se vive num bairro *cyberpunk*?

Flanar em Jacarepaguá é uma contradição em termos. Por isso é que vale garimpar a urbanidade, guardar o pouco que resta e, com esforço e esperança, reconstruir(-se). Meus amigos do McDonald's estão se reencontrando, 25 anos depois de separados, num refúgio saudoso e bom da nossa memória seminova.

Por isso o bairro: pensá-lo e vivê-lo é um exercício de observar mais o tempo que o espaço, porque a cidade sempre fica enquanto passamos por ela. E aqui ficamos, passamos, longe pra caramba. Perdido na oscilação caducante entre o ontem e o amanhã, tenho a sensação de que Jacarepaguá nunca chegou a ser hoje.



LEBLON

Leblon entre parênteses

LÚCIA BETTENCOURT

QUANDO ERA CRIANÇA, O LEBLON, para mim, era distante e perigoso. Meu avô me levava para brincar no Jardim de Alá e nunca atravessamos o canal, exceto uma vez em que fomos visitar uma senhora que morava num lugar *perigosíssimo*, ao lado da CEG. A visita foi rápida, pois meu avô acreditava que o depósito de gás que ali existia poderia explodir a qualquer momento e nos levar a todos pelos ares.

Na minha juventude, o Leblon se dividiu em alto e baixo. No “Alto” construía-se novos prédios e havia um clube muito frequentado, o Federal, visando a abrigar e divertir famílias de classe média. No “Baixo” reinava o pecado e a boemia. Bares e restaurantes fervilhavam com os exageros do Cazuza, enquanto os uísques do Antonio’s embebedavam Chicos e parceiros. A churrascaria Plataforma alimentava a todos os esfomeados e as mesas cativas dos artistas eram atentamente observadas pelos

fregueses que repetiam suas idas ao banheiro só para ver quem estava comendo quem e o quê.

Namorava o bairro e foi com surpresa que vi os predinhos pequenos serem substituídos por arranha-céus, as oficinas mecânicas desaparecendo pouco a pouco, os armazéns, os açougues, as lojas de material de construção se apagando, como velas que fossem sopradas pelo bafo ganancioso do progresso.

Sempre achei que os dois canais que marcam o início e o fim de sua praia eram parênteses que protegiam e mantinham o bairro destacado, com sua personalidade própria, cheia de contradições. Nascido rural e humilde, o Leblon virou sinônimo de luxo e sofisticação. Na verdade, a gente aqui percebe como essas coisas são efêmeras e como é preciso cultivar nossa tradição e passado sem estagnar no tempo.

Os parênteses não isolaram o bairro. As pontes foram construídas, as avenidas se movimentaram, mas o passado insiste em nos surpreender seja nas árvores antigas que margeiam o canal da Visconde de Albuquerque, seja nos nomes indígenas de algumas de suas ruas. Pois o Leblon já foi uma pequena aldeia indígena, Kariané. Assim podemos passear pelo ancoradouro de canoas (Igarapava), esperando não entrar no caminho errado (Aperana) nem sujar nossa roupa passeando no caminho de poeira (Tubira). Se bem que agora, com as obras do metrô, esteja difícil escapar da poeira e dos caminhos errados, bem como salvar as Sambaíbas, as árvores e os passarinhos e micos que nelas sobrevivem. Ainda bem que temos um dendólatra famoso no bairro: Rubem Fonseca defendeu a

vegetação da Antero de Quental com unhas e dentes, conseguindo, com seu prestígio, evitar maiores hecatombes.

Nem só adoradores de árvores frequentam o bairro. Outro escritor, apreciador de livrarias e de pessoas, Manoel Carlos, transita por aqui. Embora ande traindo sua querida Argumento, já que tem frequentado a Travessa de Ipanema, onde talvez esteja buscando uma nova Helena ou recordando Leila, a eterna.

Quem caminha pela praia e contempla extasiado o belo relevo combinando, por capricho ótico, os Dois Irmãos com a Pedra da Gávea, talvez não saiba que nos contrafortes da montanha floresceu um Quilombo, nas terras de um português abolicionista, o Seixas. Em sua chácara os escravos cultivavam camélias, flores que se tornaram o símbolo do movimento abolicionista. As chácaras desapareceram, mas sobram algumas lembranças do século XIX, guardadas nas placas de rua, homenageando personagens da Guerra do Paraguai. Bartolomeu Mitre, General Urquiza, Venâncio Flores e General Artigas são relembrados juntamente com General San Martin (e diz-se Martin e não martã, como escuto alguns desavisados repetindo), herói das guerras de independência da Argentina e do Chile. Mas o Leblon é bairro político, não guerreiro. Delfim Moreira ocupou a presidência da República por um breve período entre a morte de Rodrigues Alves e as novas eleições. Seu ministro de viagens e obras públicas foi Afrânio de Melo e Franco, também homenageado. As praças daqui são nomeadas por poetas (Antero de Quental) e menestréis (Cazuza, que unia música e poesia). No entanto, ao invés de um poeta ou músico terem sua efígie aqui no bairro, a estátua que nos coube foi a de Zózimo Barroso do

Amaral, “o mais famoso e respeitado colunista social brasileiro”. Entre seus aforismos, encontra-se: “Brega é perguntar o que é chique. Chique é não responder.”

Como ninguém me perguntou nada, mas gosto de dar palpite, digo que chique é ir tomar café da manhã no Talho (mesmo tendo que pegar senha para poder sentar numa das mesinhas). Chique é ir de banca em banca de jornal, procurando um número especial do Magazine Littéraire que acabou de sair na França (e encontrar). Chique é marcar encontros de negócio no café (Severino, da Livraria Argumento) e ter loja de piano (em frente a hortifruti e a bazar antiquinho). Chique é ter galeria com amolador de facas (a pouca distância do granfino Shopping Leblon). E ter teatros (e cinemas). E ter também festival de jazz (e carnaval de rua). Chique é o Leblon (com suas breguices).



IPANEMA

Pé-di-panema

MANUELA OITICICA

PÉ-NO-BRONZE, PELINHOS DOURADOS em cima do dedão, uma quase marca de chinelo laranja: pé-brother, sarado, que vai pro muay thai rapilO no camelo, um tchibum na volta, depois manguairada na entrada de banhista pra não encher de areia nenhum dos seis ou sete cômodos do apartamento envidraçado da Garcia D'Ávila.

Pé-de-dunas-da-gal, a cocotinha pazamor dos anos 70 leva os netos à praia em frente à Casa de Cultura Laura Alvim. Malha na Smartfit segunda e quarta, terça e quinta corre com faixa de monitoramento cardíaco e suporte para Iphone. Pé hidratado com hidratante pra pé da L'Occitane.

Pé-com-esmalte véudinoiva, uma correntinha no tornozelo, perna lisa do Pello Menos, segundo andar na Visconde que, por dois dias, foi Rua Antonio Carlos Jobim.

— Virilha completa e ânus, por favor.

— Senhora, virilha completa já dá direito a ânus. Gostaria de trocar ânus por buço?

Pé-da-moça que informa: virilha completa já dá direito a ânus — gostaria de trocar ânus por buço, quer aproveitar a promoção da axila, assim, não vou dizer que não dói nada virilha cavada que eu estaria mentindo, é, mas a gente trabalha com um gel especial-importado que dá uma aliviada, anrã. Par de rasteirinha descalça embaixo do balcão 9h às 17h, sábado 9h às 13h, e que depois se esfrega no chão do metrô, faz baldeação pra linha 2 e outro dia arrebentou no sufoco da hora de sair. De saltar. De soltar.

Pé-garrado-no-strep, furando marola quando o mar tá fléti, metendo o pé quando o mar tá cralde. De dentro d'água é que se aplaude pôr-do-dol, no relax. Pra fumar unzinho depois.

Pé-que-dói-que só. Joanete, artrose, sei lá, naquele tempo só se usava salto. Andação danada pela Montenegro: que hoje é Vinícius. Pelo Castelinho: que depois foi Barril. Pelo bar Jangadeiro: que sumiu. Banda de Ipanema ainda com o Albino Pinheiro. Hoje deus me livre todo mundo pisando meus ossinhos.

Pés-manjados da areia, vinte e nove anos de barraca no Nove, três filhos criados na caipirinha, caipiroska, morango, abacaxi e laranja-lima, sanduíche de linguiça temperado com molho uruguaio desde casa — que a fiscalização agora deu de incomodar. Parte é cliente, pero la maior parte és amigo.

Pé com unha estampada, malhou às 6h no Pavão, deu beijinho no marido às 7h15, 8h30 limpou banheiro da Madame Tal, 15h pingou X-14 no vidro do Seu Fulano, 18h se espremeu no banheiro da cozinha, 19h10 tatuou a calça estréti, equilibrando no salto

plataforma o caminho muito exausto pro supletivo ali na praça General Osório.

Pé-rachado-de-areia-quente. Vai água, vai biscoito. Um dia já foi isopor de Dragão Chinês e Maria Tereza Weiss. Depois Kibon-Yopa e chocolate africano do sorvete Itália. Mas areia pesa, coluna entorta: quem que dera ser pé-de-dunas-da-gal e pagar um pilates pra desentortar.

Peito-de-pé, chapa, chilena, sola. Joga bola no Galo desde os cinco, aos treze descobriu a altinha. Começou no Posto Oito, top e short jeans, mas no Coqueirão é que enchia, bem lá: com a pleiboizada pé-no-bronze. No primeiro olhar torto pro biquíni não-Salinas e nagô no cabelo, estufa o torácico na bola pra levantada ostentação, depois queima de testa no ataque. Nem-vem.

Pés-faltando-no-chinelo-tipo-kenner, os moleques vão mansos de bermuda caindo, óculos na testa, chave, celular com a tela rachada, RioCard no bolso. Futebol na água, jiu-jitsu na areia: pra valer cada minuto da viagem abafada e lenta. Junta os merréis de cada, não dão pro biscoito Globo sal ou doce. E vem PM revistar na fila do ponto final, a jornalista pra escrever em fonte dezesseis: Ônibus em direção às praias da Zona Sul serão parados pela polícia. Uzômi, urgringo, moradô, lojista. Geral falou no jornalão. Menos os meninos pés-faltando-no-chinelo-tipo-kenner, RioCard no bolso, viagem abafada e lenta e longa e agora vigiada.

Pé-ímpar, diabete rancou fora — uma moedinha, dotô — ainda assim embalado com sacola do Zona Sul, R\$ 25 o pacote 200g de cuscuz marroquino importado. Uma ajudinha pra tia, senhora.

Vem um pé-de-coturno e expulsa da esquina do Country Club, R\$ 680 mil o título de sócio.

Cambada de pé-inchado, eu hein. Botafogo perdeu do Olaria, eu hein. Vi metrô abrir, loja de macumba fechar, bicho mudar de ponto, sapateiro virar casa de iogurte, casa de iogurte virar sushi, a Oi é onde era a Telerj. Olha, me disseram que aluguel de quitinete aqui vai pra mais de três mil, será? Entrega, faço. Porção de calabresa com cebola, reclamam que tem muita cebola, eu-hein. O que sirvo muito é pê-eфе, porção caprichada pra quem tá de serviço aqui perto. O português vendeu. O espanhol comprou. Didi, Girimum, Prancha, Raimundo, Biu, Chico Dias, Chico Antunes, Chiquinho, Cicinho, Geraldo, Uéslei, o irmão de Uéslei, o Neto: teve de um tudo servindo por aqui. Eu hein. Agora se isso virar outra coisa eu não sei. Mas aí também não sei onde esse povo vai comer pê-eфе barato assim em Ipanema. Se virar outra coisa, eu tô é subindo uma casinha vai pra mais de dez anos no Norte. Isso aqui não fechou acho que é por causa do nome mesmo. Pé-quente. Eu hein: se o Botafogo tivesse um desses não perdia pro Olaria.



COPACABANA

Copacabana e a tribo bipeana

LUÍS PIMENTEL

CARIOCA DE FEIRA DE SANTANA, morei em muitos bairros desta cidade, jamais em Copacabana. Na verdade, não prestara atenção na praia de Copacabana, no calçadão de Copacabana, nos bares de Copacabana ou na vida noturna de Copacabana até conhecer o bar Bip Bip. Foi a partir daí, nas esticadas pré ou pós Bip, que descobri Alcazar, Posto 6, Miguel Lemos, Sat's, Cervantes e outras reentrâncias (ali também tem breubas, Nei Lopes, que nem as de Turiaçu). A fama que o bairro ostenta não é à toa. Do Arpoador até o Forte (dois cartões-postais divinos), a Copa que é do ímpio e da Nossa Senhora se encrespa à beira-mar, com tudo o que a vida proporciona, da festa à angústia, do circo à tragédia. Tem até uma piadinha: a moça passeava ali pelo calçadão, distraída, quando o paquerador se aproximou: “Oi, linda. E aí, como é que é?” E ela, bem singela: “É assim: pra entrar e sair, trinta. Pra dormir, cem.”

Mas senta ao meu lado aqui, no nosso bar, o quarteirinho que me interessa, e eu te conto mais. Diz um samba de Paulinho do

Cavaco:

“Eu vou pro Bip bater papo com Alfredinho / Porque eu não ando com a tristeza do meu lado.”

Diz outro, de Moacyr Luz e Aldir Blanc:

“No Bip Bip eu te vejo qualquer dia...”

E um terceiro, de Tomaz Miranda e Manu da Cuíca, completa:

“Não tem sala VIP... / Final de domingo, esporro do Alfredo, é o samba do Bip...”

Pois é. Não tem sala VIP, mas é um bom lugar para a gente se ver qualquer dia, bater um papo entre taças de amizade e goles de convivência. E tem muito mais: o Bip Bip, que como já disse e repito, para mim não é bar, é útero (quentinho, maciozinho, aconchegante), já foi cantado em verso e prosa, em vida e palavrão. Já ouvi um descompensado gritar da porta: “Não piso mais os pés nessa porra!”, para dois dias depois estar de volta, o peito em festa e o coração gargalhando na melhor roda de samba da cidade.

Já foi dito, por algum filósofo de balcão, que o bar é o segundo lar. Para o Aldir, que em vidas remotas e passadas carimbou com o cotovelo os mais sujos e belos balcões da Zona Norte e subúrbio do Rio, o lar é que é o segundo bar. Em alguns a gente entra porque encontrou a porta aberta; noutros, porque errou o caminho de casa; nos melhores, porque não há lugar melhor para ir.

Entrei naquele bar da Rua Almirante Gonçalves, um ventrículo do coração de Copacabana, para lançar um livro (“Geraldo Pereira – um escuro direitinho”), a convite do meu parceiro na obra, Luiz Fernando Vieira, e nunca mais saí. Fiquei porque fui recebido pelo

dono da casa, que nunca me vira mais feio, com o “Seja bem-vindo, meu amor” mais sincero que já ouvi. E porque ali conheci João Pinéu, o maluco-beleza e acrobata do circo da vida, que bebeu a orla, cheirou o morro, incendiou a mente e o próprio corpo, e que agora cura a ressaca com as estrelas. Aprendi a amar o convívio com tribos das mais diversas, engoli lições servidas em pílulas de vida, ajudei a contar um pouco a história do bar, sendo coautor de dois livros (“Bip Bip – um bar a serviço da alegria”, com Chico Genu e Marceu Veira e “Bip Bip 40 anos – histórias de um bar”, com Chico Genu e Marcelo Moutinho), vi cometas descabelados darem voos rasantes, ouvi o dono do bar dar esporros transcendentais em amigos do peito e colocar desafetos no colo, mergulhei em noites e rugas e desaforos e azias que se misturaram com poemas feitos de cinza e fumaça.

No Bip Bip a gente entra hoje simplesmente porque entrou um dia, e o coração ficou quando fechamos a conta ou quando o Alfredinho arriou a porta de aço. Porque o Bip é minimamente além da porta: um pouquinho, pra dentro, dois ou três metros quadrados, outro pouquinho para fora, um toldo mínimo e três ou quatro mesas (nos dias de semana, porque aos domingos é público de pé mesmo!). Não vou mais a bares. Hoje só vou (quando ainda vou, cada vez menos) ao Bip. Porque ali não me sinto mais num bar, e sim num beco afetivo com entrada e saída. E porque o Bip é antes de tudo Alfredinho, corpo (cansado) e alma (lavada) do boteco, para quem um dia fiz um poema que num trecho diz assim:

“Certos homens são espumas, feitos do efeito do nada. / Outros, assim, pedra pura, nervo exposto, casca dura, flores que

cospem os espinhos. (...) / Conheço os que se exibem, os que se enroscam, se inibem, e os que se bastam sozinhos. / Uns homens são tantos nomes, outros são só Alfredinho.” (*in* “O calcanhar da memória”, Bertrand, 2004).

Parodiando o norte-americano (Dee Brown) que parodiou o cacique da tribo Suaquamish, escrevo que enterrem o meu coração na curva de Almirante com Ayres Saldanha (mais Copacabana impossível), ouvindo a tribo bipeana batucar nas latinhas.



NOVA IGUAÇU

A verdadeira Copacabana

LUIZ ANTONIO SIMAS

É CERTO QUE NO JARDIM Nova Era, em Nova Iguaçu, não havia flores. Noves fora isso, não faltavam biroskas, terreiros de macumba e presuntos desovados, de preferência com bilhetes do Mão Branca enfeitando os corpos. O exterminador da Baixada Fluminense era previsível no rabisco: Esse foi conversar com Satanás e fulano é o próximo.

Enquanto o esquadrão fechava a tampa da rapaziada, minha avó comandava um terreiro trançado entre os candomblés do Nordeste e as umbandas cariocas. Tudo na paz, já que naquele tempo vagabundo respeitava tambor e baixava a cabeça para bronca de caboclo. Hoje quem manda é o bonde da aleluia e fim de papo.

Era lá também que nós passávamos a festa do Ano-Novo. A macumba para Iemanjá rolava dias antes, para evitar a muvuca da virada, quase sempre pelas bandas de Magé, onde além da praia havia um trilho de estrada de ferro bom para dar o galo de Ogum e arriar o despacho do povo de rua.

Acontece que os sonhos de fim de ano da molecada — amigos, irmãos e primos — não incluíam o Jardim Nova Era: o povo queria virar o ano nas areias de Copacabana, em grande estilo. E tome de perturbar os mais velhos com pedidos para um festão na princesinha.

A orla da Zona Sul carioca, afinal, era lenda para a maioria das crianças da Baixada. As famílias que gostavam de praia preferiam quebrar para Itacuruçá, montar a barraca com os comes e bebes e arrematar a farra dando uns cacetes para abrir siri no Genoval, o rei dos frutos do mar. Os que iam para os lados de Copa tiravam onda. Ipanema não vivia nem no nosso imaginário de lugares concretos; era um delírio fabular, como a Fábrica de Chocolates Wonka que víamos na Sessão da Tarde.

Um dia meu avô, cheio de mandureba nas ideias, declarou que o fim de ano seria com mergulho em Copacabana. A alegria foi geral, já que o velho não costumava vacilar nas promessas. Alô, Cidade Maravilhosa, segura a turma que a receita é essa: gira na praia, caboclo defumando gringo com charuto da marca Índio — o preferido das entidades — fogos, bênção da Vovó Cambinda e outros salamaleques.

Estava tudo muito bonito, se não fosse por um detalhe: na véspera da virada, chegou o vô com uma Kombi lotada de coisas para o fim do ano. No meio dos pacotes, a novidade: uma piscina

Tone, a alegria da garotada, com capacidade para cinco mil litros de água. Modelo Copacabana.

O povo ficou danado com o migué do coroa, mas não teve jeito. Copacabana, a piscina, foi inaugurada nos estertores do último dia do ano, com direito a estouro de sidra de macieira Cereser, queima de fogos, discurso, fita cortada e mergulho de cachorro.

Perto da meia-noite, como acontecia todo ano, uma vizinha católica, que não gostava de macumba, recebeu o caboclo Urubatão da Guia e bateu na nossa porta. Seu Urubatão, dando porrada no peito e atirando flechas imaginárias, benzeu a piscina, distribuiu esporro — caboclo que não distribui esporro nos filhos de pemba é mandrake — e deu passagem ao erê, que se esbaldou dentro d'água. A meninada começou a se divertir com o Pedrinho da Mata.

Na zona da contagem regressiva, minha tia jogou flores em Copacabana, a piscina, para homenagear lemanjá. Um convidado cheio de gramática puxou uma curimba que homenageava a orixá dos mares. Tenho certeza que a mamãe sereia sacou as boas intenções e aceitou o mimo.

O tempo correu. De lá pra cá o que mais fiz na virada do ano foi dar vazão ao sonho de moleque e passar o réveillon no bairro de Copacabana. Pena que a festa hoje não é mais de lemanjá. Privatizaram a praia e na areia o que mais se vê é cercadinho para bacana tirar chinfra no branquinho. Fica a bronca.

As amizades, e a cidade do Rio também, me desculpem a heresia para fechar o papo, mas sou obrigado a confessar algo que o sujeito não deveria dizer nem ao médium de mesa branca

depois de morto: hoje eu acho que Copacabana, antes de ser a Princesinha do Mar, é uma piscina de responsa, montada para sempre no quintal de um jardim que não tinha flores. À exceção, é claro, das lançadas para lemanjá numa noite quente de Ano Bom.



BOTAFOGO

Botafofo visto do bar da Adelina

PAULO THIAGO DE MELLO

COM O VELHO VIOLÃO AINDA sem corda, esquecido num canto do bar, Vavá pegou a caixinha de fósforo e puxou o samba que eu pedira:

— Em Botafogo/ nosso bairro tão amado/ já não existe mais espaço/ pra gente sambar...

Deu um breque e continuou:

— Quando se encontra/ um pedaço de chão/ surge logo um espigão... — E fez coro com Adelina, Léa e Verinha: — La laiá...

E, por fim, arrematou:

— Expulsando/ gente de tradição/ e antiga do lugar...

Vavá repetiu o samba duas ou três vezes, feliz da vida, ressaltando sempre ser uma composição sua com Jorge Primo, seu primo. Apesar de seus mais de 75 anos, Vavá, batizado Norival Goes, parece um menino. Ele é uma parte da velha guarda de

Botafoogo se encontram diariamente no bar da Adelina, exceto aos domingos, quando o botequim fecha e eles bebem nos pés-sujos vizinhos. É uma turma que reúne uns 15 a 20 fregueses, todos “nascidos e criados” no bairro, além dos agregados.

Eles formam uma geração cujas noções de tradição, família e amizade são bastante coesas. O que não impediu que fosse beneficiada por duas revoluções sexuais provocadas pela indústria farmacêutica: a pílula anticoncepcional nos anos 1950 e, mais recentemente, o Viagra. Este último reanimou, por assim dizer, o que de juventude se manteve intacto neste grupo, com namoricos, rompimentos, flertes e um frenesi quase adolescente. Tudo isso em meio a dezenas e dezenas de ampolas mofadas e uma vasta experiência de vida.

Vavá, aliás, é descendente da mais alta aristocracia do samba botafooguense. Além de compositor, é filho de Alcides Goes, dono do mitológico Cantinho da Fofoca, uma pensão com frente de quintal na Rodrigo de Brito, que reunia a nata do samba do bairro, como Mauro Duarte, Mical, Zorba Devagar, Paulo Cesar Faria (pai de Paulinho da Viola), Walter Alfaiate, entre outros. O Cantinho foi demolido para dar lugar a um condomínio fechado, desses cuja maioria dos moradores vive ilhada no próprio medo de sair à rua e viver o cotidiano do bairro. A pensão de seu Alcides, porém, sobreviveu nas histórias que ainda hoje são contadas e fazem até quem não o conheceu sentir saudade.

Embora tenha vivido em Botafoogo mais da metade da minha vida, só fui conhecer pessoalmente a turma do bar da Adelina há alguns anos, levado por meu compadre Jason Vogel, jornalista e dono de um olhar sensível para a vida de bairro. Ele se instalara na

Álvaro Ramos temporariamente, enquanto se organizava para subir definitivamente para Santa Teresa. Mas bastaram duas semanas nesse velho canto de Botafogo para fazer meu amigo decidir não mais sair do bairro.

Em suas explorações por Botafogo — que se presta bem a caminhadas —, Jason descobriu o “clube” da Adelina e foi logo apadrinhado pela turma do bar. Em pouco tempo, parecia que ele era filho de Vavá (ou vice-versa), tamanha a sintonia entre ambos. Sempre que podia me juntava ao grupo em tardes memoráveis de conversas e cervejas. E quando alguém da turma fazia aniversário, Adelina e suas comadres preparavam uma feijoada 0800. Nesse momento, a alegria atingia sua plenitude. Entre os assuntos, os novos vizinhos que chegam, atraídos por modernos condomínios que se multiplicam febrilmente, erguidos sobre os escombros de velhas construções, memórias e sentimentos.

Um dia, parei com meu amigo para comer um sanduíche de pernil em outro botequim, próximo ao bar da Adelina. Notei que Jason estava aflito, o corpo encolhido, como se estivesse se escondendo. Perguntei a razão e ele me disse temer que alguém da Adelina o visse ali, comendo no rival. Disse a ele para relaxar. O bar estava cheio, a rua, movimentada. Dificilmente seríamos vistos ali. Mas, 15 minutos depois, ao passar pelo bar, Verinha nos fulminou com o olhar. Parou, pôs as mãos nas cadeiras e nos fez entender que iria contar tudo à Adelina. Mais 15 minutos e lá estava a própria Adelina, nos observando como a mãe que pega os filhos aprontando. Aquele olhar me fez perceber a diferença entre ser freguês de botequim ou um mero consumidor de bar.

Tal experiência só é possível num lugar que permita a existência de um comércio de proximidade e que tenha vida nas calçadas. Botafogo sempre foi considerado uma espécie de Zona Norte fora de lugar, sendo inclusive a única área da Zona Sul legitimamente vinculada ao samba, com escola, quadra, blocos e compositores de primeira. Área popular localizada em região nobre da cidade, Botafogo foi tachado pelas elites de “bairro de passagem”, como um lugar para passar, não para morar. Mas justamente por abrigar uma população diversificada, de segmentos sociais distintos, a região tem uma vida intensa nos seus espaços públicos: calçadas, praças, praia e ruas.

Essa exuberância urbana, paradoxalmente, atraiu projetos imobiliários que estão desfigurando o bairro, demolindo velhos prédios, sobrados e vilas. Também atraiu um morador com recursos, encarecendo o custo de vida e expulsando velhos residentes. Botafogo corre o risco de se fechar em si mesmo, como um Leblon, e perder justamente o que o torna interessante: sua diversidade. A velha guarda, porém, ainda resiste. Diariamente, no bar da Adelina.



HUMAITÁ

Um bairro pouco existente

HUGO SUKMAN

FOI NA MUDA DA TIJUCA, um bairro também pouco existente (feito a perna da sereia, como diria Aldir Blanc, o bardo de lá), que tomei o pito de Walter Alfaiate, o “magnata supremo da elegância moderna”, aliás fazendo jus ao epíteto:

— O Humaitá não existe, você deveria saber — disse, um tanto quanto decepcionado, o cantor estilista. E o dizia com a bossa com que entortava o “Sacode carola” e com o saber de quando ensinava a letra original do “Tristeza”, o samba de Niltinho como quando era cantado nas ruas de Botafogo (este sim, o bairro) no carnaval de 65, antes de Haroldo Lobo copidescá-lo e transformá-lo em sucesso internacional.

Walter, coitado, me pedira uma inocente carona depois de uma noite de lua e batucada que terminara em grossa pancadaria, justamente na casa do Aldir.

— Menino, vai pra onde? — perguntou Walter sem saber da punhalada que estava prestes a receber (e, sim, eu era menino e naquele tempo ainda se dirigia depois de beber).

— Para o Humaitá, senhor Walter Nunes, mas não importa, pego o Túnel Velho e deixo o senhor em Copa...

Não adiantou nem os ridículos termos respeitosos de garoto novo. Com o coração oprimido, como no seu samba imortalizado por Paulinho da Viola, o velho botafoguense me olhou como quem preferisse nem atravessar o Túnel Velho, mas ficar por lá mesmo, pelos lados do São João Batista.

— O Humaitá não existe — repetiu. Você não é Botafogo, menino? O que existe é Botafogo, que vai do Largo do Humaitá ao Mourisco.

Há de fato um mundo que vai da praia onde Olavo Bilac cantou em 1900 a épica vitória do Salamina, barco de seu Clube de Regatas Botafogo, na “curva da baía, fechada pelo fundo verde-negro de S. João e do Pão de Açúcar”, ao Túnel Rebouças, lá para os lados da Lagoa, o que uniu os até então isolados sambistas de Botafogo aos seus confrades da Zona Norte. Mas e o Humaitá dos parques e ladeiras, das ruas escondidas, da noite que fervilha, do comércio de rua, tão mais caro que Botafogo, os imóveis com maior liquidez do Rio? Mera invenção de corretores imobiliários?

Foi pelo Rebouças, é claro, depois de margear desde a Muda as também pouco existentes águas do rio Maracanã, que vim dirigindo em constrangido silêncio ao lado do autor de “Sorri de mim” (do verso, tão apropriado para aquele momento, “Pode zombar eu sei”). Já ia retornar no Maconhão, onde rolava como todas as noites uma rumorosa partida de casados contra

solteiros, para atravessar o (com perdão da palavra) Humaitá e rumar para Copacabana, quando Walter, como um mestre quando pega o aluno pela mão, me pede para seguir pela Lagoa e retornar na Fonte da Saudade.

— Vamos ver o Humaitá do começo...

Segui até um pouco mais pela Lagoa, até a Curva do Calombo. Lá paramos para admirar a mais linda sede náutica do mundo, a do Botafogo de Bilac, toda em pedra, já não mais com “baleeiras” como a Salamina, mas com *yoles* gordos e *skiffs* elegantes que riscam o espelho d’água. No Botafogo, onde quer que ele esteja, é que de certa forma começa o Humaitá, me ensinou Walter, sem precisar dizer quase nada.

— É a prova de que o Humaitá não existe: o Botafogo nasceu no Humaitá. Humaitá é Botafogo...

Em silêncio, retornamos pela Lagoa, pegamos a Fonte da Saudade e o carro rodou macio pela terra sagrada que veio do Morro do Castelo, onde a cidade começou, para aterrar aquele início de Humaitá, antes tomado pelas águas de Sacopenapã.

— Vamos para a Cobal — ordenou o Alfaiate.

Naquele doce e estranho mercado, que na verdade é um estacionamento que faz as vezes de polo gastronômico, neste lugar, torto como ele, nasceu de fato o Botafogo. Foi ali o seu primeiro campo. Num dos bares, ainda rolava um choro no fim da noite, mas Walter não queria propriamente a música, mas sentir o gramado de 1904 debaixo dos pés, abaixo ainda do chão concretado daquele mercado-estacionamento.

Ali, na Cobal do Humaitá nasceu o Botafogo, talvez o único clube de futebol do mundo criado por garotos que queriam, da

forma mais pura, apenas jogar bola. Na verdade, a ideia do time nasceu ali ao lado, no Largo dos Leões, no colégio Alfredo Gomes, no meio de uma aula de matemática, no final de 1903. A centelha veio ao garoto Flavio Ramos, de apenas 14 anos, que durante uma aborrecida explicação de álgebra rasga uma folha do caderno para escrever um bilhete para o amigo Emmanuel Sodré: “O Itamar Tavares tem um time de *football* na Rua Martins Ferreira. Vamos fundar outro no Largo dos Leões? Podemos falar aos Werneck, ao Arthur César, ao Vicente e ao Jacques.”.

Desse bilhetinho, dessa traquinagem em sala de aula nasceu o Glorioso que para sempre manteve o espírito lúdico e apaixonado de seus fundadores. Dias depois, num casarão da Rua Humaitá, Flavio, Emmanuel, os Werneck, Arthur César, Vicente, Jacques e alguns outros se reuniram para escrever os estatutos do clube.

Andando pela Rua Humaitá como dois amadores, Walter e eu fomos até o quartel do Corpo de Bombeiros, logo adiante. Aparentemente não havia fogo em Botafogo e ele me pediu para ouvir o silêncio que vinha daquele quartel. Junto com o silêncio, veio uma melodia ainda mais antiga que o gramado de 1904. Era uma polca, executada por uma banda, a Banda do Corpo de Bombeiros formada por Anacleto de Medeiros naquele quartel, e que tocou pela primeira vez nas comemorações do 7 de Setembro de 1896. Se Anacleto deu as bases do que seria o choro e a Banda do Corpo de Bombeiros foi o primeiro conjunto dedicado à música popular brasileira (e que fez as primeiras gravações em disco no Brasil) pode-se concluir que a tal música popular brasileira, como o Botafogo, nasceu no... Humaitá.

Entramos na rua ao lado do quartel, a Viúva Lacerda, talvez a única do mundo que termina num portão que dá para uma floresta, a da Tijuca. Andamos mais, passamos pela favela do Humaitá, urbanizada, digna e pacífica; passamos pelo verde Parque dos Martelos, pelo histórico colégio Pedro II, pelo hospital São José, onde nascem os cariocas da Zona Sul. Passamos por incontáveis bares, restaurantes, casas, prédios, mercados, a vida real de um jeito muito próprio.

Pegamos o carro na Cobal, seguimos pela Voluntários da Pátria, viramos a Real Grandeza, passamos pelo cemitério, Túnel Velho, Copacabana. Ao deixar Walter Alfaiate na sua casa-ateliê vi que o velho estava com os olhos cheios d'água. Mas ele não se deu por rogado.

— Eu não te falei que o Humaitá não existia?



COSME VELHO

Herberto no Cosme Velho

ALEXANDRA LUCAS COELHO

1. CHAMAVAM-LHE O BRUXO DO COSME Velho porque no século XIX morava ali abaixo, mais ou menos onde agora há um café com mau café e manuais de sedução. Mais ou menos porque a casa já não existe, mas talvez algumas árvores ainda o tenham conhecido: Machado de Assis. *Olhas para a guerra, o murro, a facada / como para uma simples quebra da monotonia universal / e tens no rosto antigo / uma expressão a que não acho nome certo / (das sensações do mundo a mais sutil): / volúpia do aborrecimento? / ou, grande lascivo, do nada?*, escreveu Carlos Drummond de Andrade, de tanto devorar Machado, e chamou ao poema “A um bruxo, com amor”.

2. No Largo do Boticário só restam fantasmas, mortos e vivos. Os turistas entram pé-ante-pé, vigilantes, porque estão no Rio de Janeiro. Viram costas ao rio Carioca, tiram fotografias à ruína, regressam à Rua Cosme Velho com o bilhete do Corcovado no

bolso. Têm o bondinho para o Cristo logo adiante, no outro passeio, e os mosquitos seguem-nos, atrás de sangue fresco. A dengue continua o seu trabalho. Ainda ontem o bairro acordou nublado com fumacê, o inseticida das autoridades. Na esquina que sobe para a favela, os meninos circulam de moto, braços em arco, músculos tensos.

3. Desço a pé, de preferência pela direita, porque depois do bondinho fica a bica que não curou a loucura de Dona Maria, e logo a seguir aquele casarão taoísta com portadas de madeira e uma placa que diz Templo da Transparência Sublime. Ao crepúsculo, todas as janelas estão abertas, com uma luz quente no interior. Nunca vi o vulto de ninguém, mas penso sempre que um dia hei-de entrar.

4. A Rua Cosme Velho desemboca na das Laranjeiras, que por sua vez, lá bem ao fundo, desemboca no Largo do Machado, babel com igreja, botecos, estação de metrô e milhares de serviços. Na minha cabeça chamava-se do Machado por causa do Bruxo, mas afinal é por causa de um talho que tem um machado à porta. “Agora que expliquei o título, passo a escrever o livro”, diz Dom Casmurro na página 425 da minha edição três-romances-de-Machado-de-Assis, que antes tem “As Memórias Póstumas de Brás Cubas” e “Quincas Borba”. Não trouxe de Lisboa, comprei-a cá. *A todas decifrastes íris e braços/ e delas disseste a razão última e refolhada/ moça, flor mulher flor/ canção de mulher nova.../ E ao pé dessa música dissimulas (ou insinuas, quem sabe)/ o turvo grunhir dos porcos, troça concentrada e filosófica/ entre loucos que riem de ser loucos/ e os que vão à Rua da Misericórdia e não a encontram.* Ainda Drummond, vagueando

por essa “fenda necessária” onde os mortos nos tornam mais vivos.

5. Também não trouxe Drummond para o Cosme Velho. Cheguei com duas pequenas caixas de livros. Todos os outros ficaram em Lisboa, como um grande navio encalhado. Não podemos saltar para um bote com dez mil livros.

6. As duas caixas vieram pelo correio desde Lisboa. Demoraram um mês para chegar. Biografias, diários, cartas do Médio Oriente, livros para um trabalho específico. Na chuva torrencial entre a minha primeira morada e a minha segunda morada, aguentaram sem se desfazer. Mas depois mudei-me para esta casa, e o Cosme Velho é um ecossistema tropical, sobretudo quando se mora ao nível do chão, ou mesmo um pouco abaixo. Como a casa onde moro fica numa encosta, o meu quarto de trás está semienterrado. É preciso tirar a água que se concentra no ar. Sempre que faço isso são litros, límpidos como numa fonte. No Rio de Janeiro não temos qualquer ilusão sobre isto, a natureza acabará conosco em segundos.

7. Um dia, ao fim de dias, quando voltei a casa tudo o que era preto passara a ser verde. Uma fina camada de veludo que se soprava como pó mas estava viva. Os portugueses dizem bolor, os brasileiros dizem mofo. Em Lisboa os livros cegam ao sol, com a vaga memória de terem tido cor. No Cosme Velho não há esse risco, as cores ficam envoltas num manto. Os meus cadernos tornaram-se espécies anfíbias, semivegetais. Ainda Drummond: *Contudo em longe recanto, a ramagem começa a sussurrar alguma coisa /que não se entende logo /e parece a canção das manhãs novas.*

8. Os únicos livros que vieram de Lisboa comigo foram os de Herberto Helder. Um deles foi impresso na tipografia do Jornal do Fundão em maio de 1968. Já saiu pelo Rio de Janeiro, pegou o 569, desceu ali atrás da Cobal, junto à Davi Campista, uma rua com extrema concentração de psicanalistas. Nesta cidade em que até os corretores de casas acreditam em forças imateriais, a Davi Campista deve ter acumulado muita energia. Mas o que fizemos, eu e o livro, foi continuar em frente, porque íamos para a rua seguinte. Moro no Rio de Janeiro sem ainda me ter deitado no divã de um psicanalista.

9. À exceção da psicanálise, tudo e qualquer coisa no Rio de Janeiro nos mantém de cabeça levantada, e essa não é a posição do leitor. A última vez que fui a São Paulo li todas as noites, como quem enfim descansa. Não me lembro de ler tão pouco quanto no Rio. Quantos Machados, Euclides e Gracilianos me esperam, entretanto chegados ao Cosme Velho, para já não falar dos vivos. Mas talvez os livros, à semelhança das casas, mesmo casas agnósticas do Cosme Velho, também acumulem forças imateriais, além de microcogumelos. Assim estão os de Herberto, facas e ofícios e visitas, como búzios de candomblé, voltados para a frente.



LARANJEIRAS

Onde o tempo parou

JOÃO PIMENTEL

NUNCA PENSEI QUE PUDESSE AMAR um lugar como amo um amigo. Menos ainda que pudesse sentir saudades, raiva, amor, felicidade, ciúmes como aqueles que escolhemos para fazer parte da nossa breve estadia terrena. Minha vida sempre foi meio nômade por conta de grana, da gangorra que é ser classe média por aqui. Sou criado na Zona Sul, sem problemas, sem culpas, mas o carpete onde eu jogava minhas bolinhas de gude não era tapete persa e nem o ventilador com o qual eu nunca empinei minhas pipas era tão potente.

Talvez o período que morei em Manaus tenha incutido em mim uma alma um pouco suburbana. Impossível viver no Norte se não for de bermuda e chinelo, comendo peixe frito, bebendo uma gelada e, de preferência, submerso até o pescoço. A vida era mais simples, minha avó sentava na varanda nos finais de tarde para ver o movimento da rua, para ter uma prosa com os vizinhos. E minhas brincadeiras de criança, com meus primos e amigos,

foram no terreno baldio da rua. As peladas, as pipas, as pequenas confissões, as revistas de sacanagem e um LP roubado de um irmão mais velho. Aquilo eu creio ter mudado a minha vida.

Mais tarde viria o samba e o nômade da Zona Sul se embrenhou aos 16, 17 anos pelos subúrbios mais distantes onde houvesse um pagode. E assim fui para Madureira, nas festas que amigo Fernando Cerole fazia na vila da Tia Surica, antes dela virar celebridade, antes da minha Zona Sul baixar por lá. Lembro que certa vez deixei o seu Osmar, cavaquinho glorioso da Portela, em Marechal Hermes, e de lá fui parar no Candongueiro, em Pendotiba, bêbado e com uma muda de roupa na mão. Neste dia, Hilda, mulher do Ilton, dono do reduto, escondeu as minhas chaves e acordei no chão do quarto do Ivan, filho do casal, na época um menino de 6, 7 anos que já deixava a todos embevecidos com seu clarinete.

Zé Kéti me apresentou o Conjunto dos Músicos, em Inhaúma. Dorina me levou para Irajá. Moacyr Luz e Aldir Blanc fizeram eu me apaixonar pela Muda. Luiz Carlos da Vila, pela Vila da Penha. O craque das percussões, Mestre Trambique, me levou para ver a vista do Morro dos Macacos. E assim, aos poucos e sem nenhuma pretensão ou organização, numa época em que era menos arriscado andar por aí, fui desvendando a cidade.

E foi justamente um bairro que não é Zona Sul nem Zona Norte, ao mesmo tempo sendo os dois, sem nenhum vínculo familiar, que se tornou meu lugar, meu paraíso, ou meu purgatório na Terra. Conheci Laranjeiras menino, meu pai passou uma temporada na casa de um amigo — nem ele lembra o nome

da rua — mas a lembrança que tenho é a de uma recorrente invasão noturna de morcegos.

Tempos depois, minha mãe morou na Rua Ortiz Monteiro, próxima a General Glicério. Em minhas ralas memórias destes tempos, uma visita do meu avô amazonense, Sérgio, meu irmão vendendo revistinhas velhas na rua para comprar as novas e eu jogando bola com os moleques da feira onde, hoje, eu ouço chorinho e bebo minhas cervejas na barraca do Luizinho dos Drinks.

Quando Rodrigo, meu companheiro de muitas andanças pela cidade, me disse que estava saindo da casinha que alugava na Rua Cardoso Junior, não dei muita bola. Mas ele insistiu que eu tinha tudo a ver com aquele lugar. Até que um dia, convenci um fotógrafo amigo, o Fábio Seixo, a beber uma cerveja e me ajudar nas minhas impressões sobre a rua.

No botequim da esquina, dois malucos jogavam sinuca, um deles com um rodo; um senhor, seu Gustavo, me explicou que cuidava, por conta própria, do jardim da praça; e a moça do balcão, hoje minha amiga Valéria, me convenceu que ali era um lugar tranquilo de se viver e confirmou que a imagem no canto do estabelecimento, iluminada por uma luz vermelha, era mesmo a de Cosme e Damião, santos que abençoam o dia em que nasci.

E para ali me mudei, sem saber que seria eternamente feliz. Laranjeiras tem um pacto com seus moradores: o de não perder suas características interioranas. Ali ainda se conhece o jornaleiro, o padeiro, o mendigo da esquina, os vizinhos, o dedoduro e, ô sorte, a boazuda que sobe e desce a ladeira requebrando.

Hoje a Cardoso Junior é uma rua mais badalada do que a que conheci há 14 anos — com dois blocos de carnaval e um botequim, o Cardosão, que ganhou notoriedade no circuito molambo-gourmet — mas mantém ainda sua característica suburbana, humana, plural. A Cardoso da rua de paralelepípedos, de calçadas disformes, de senhoras sentadas em cadeiras de palhinha na varanda, de gente simples e crianças descalças é a síntese de uma Laranjeiras que insiste em desafiar o tempo e suas transformações.



CATUMBI

435

Gávea-Grajaú, via Catumbi

MARIANA FILGUEIRAS

O ÔNIBUS PODIA MUITO BEM sair do Santa Bárbara e ir direto para a Avenida Presidente Vargas, fazendo render uns 15 minutos o caminho de quem vai da Zona Sul em direção ao Centro. Mas não é o que acontece, claro. Mal ganha a luz à saída do túnel, o coletivo rebola sua carcaça na entrada do Morro da Coroa, avança pelo Largo do Catumbi, sobe a Rua do Catumbi, dá uma volta inteira pelo Catumbi. Todos os dias, antes de chegar ao trabalho, eu passo pelo Catumbi. Há uns cinco anos, no barato, assisto da janela encardida do 435 a uma novela urbana que não tem fim: o Catumbi.

E cá estou a escrever sobre um bairro onde jamais tive uma sogra, onde não sei para que lado ficam os Correios ou a manicure; um bairro que não sei se tem mais problemas com enchente ou com a dengue. Tampouco sei se o Catumbi é Comando Vermelho ou Terceiro Comando; se tem mais oitis, amendoeiras ou bilés dançando na frente da loja de discos. Não faço ideia de quanto custa um pingado ou um traçado numa das tantas biroskas batizadas de “Salete”.

É o que vejo da janela do ônibus que me autoriza a descrevê-lo. Vejo mais o Catumbi do que a minha mãe, e isso não é pouco.

Vejo, por exemplo, que no Catumbi há um bar chamado Pedras Salgadas que aluga quartos no andar de cima. Não só aluga quartos, como “toma conta de crianças”, como diz o anúncio à entrada. Esta semana lavaram os colchões dos quartos, e puseram todos enfileirados, secando ao sol, na calçada do bar. O prato do dia era linguíça com batatas, dizia o cardápio exposto. Havia dois sujeitos almoçando apoiados num dos colchões, numa cena que parecia tirada de um filme do Fellini com corte de orçamento. Criança, nunca vi nenhuma.

Vejo que o Catumbi tem uma jaula no meio da rua, onde os vovôs do bairro se trancam para jogar biriba. Foi presente de algum vereador, sinaliza a placa comemorativa que nunca consegui ler direito de dentro do coletivo. Ao lado da gaiola de jogatina, há uma barraca que só vende bananas. Todos os dias, há pelo menos cinco anos, velhinhos comem banana enquanto esperam sua vez na partida.

Vejo que em algumas esquinas (no viaduto do Morro da Coroa, por exemplo, no Largo do Catumbi e em frente ao cemitério São

Francisco de Assis) um sujeito pendura diariamente uma faixa diferente com a frase “Leia a Bíblia”. Feitas com caixas de leite, sacos de arroz ou papel alumínio, as letras são recortadas com habilidade, costuradas com arame e alçadas bem na altura dos olhos de quem passa, num imperativo enfurecido reluzindo à sucata. Um louco à Bispo do Rosário? Um ex-aderecista de carnaval que trocou o profano pelo sagrado? Uma senhorinha devota de Nossa Senhora da Salette, padroeira do bairro? Mistérios do Catumbi.

Espremido entre um túnel e uma das principais avenidas da cidade, o bairro tem o consolo de não ser apenas um bairro. É o camarote do maior espetáculo da Terra — segundo os que jamais viram um parto normal acontecer no meio da rua. Todo morador do Catumbi vê ou ouve de casa o carnaval da Marquês de Sapucaí. É no meio do bairro que passa o Sambódromo, e é sobre as vielas do Catumbi que vagam os sem-ingresso, tentando ver um naco da folia (dá para ver tudo isso da janela do coletivo nos meses de fevereiro). É lá que vão os turistas estrangeiros para comprar um pedaço de fantasia depois do Desfile das Campeãs, é no bairro que almoçam os operários da folia. Quem já viu uma criança nascer no meio da rua e já viu um carnaval do topo de alguma laje do Catumbi pode se considerar um privilegiado neste mundo.

O ônibus segue o percurso, como se o Catumbi não acabasse nunca. Passa pela marmoraria (são muitas), pela borracharia, pelo estacionamento do futuro, um galpão que há anos promete abrir “em breve”. Passa pela Igreja de Nossa Senhora da Salette, pela curiosa “Rua do Chichorro”, onde viviam muitos ciganos no Rio em meados do século XX. Quando o ônibus passa em frente à

sede do “Grêmio Recreativo Vai Quem Quer” eu sempre leio a placa e penso em descer e me filiar. Penso, não desço, mas desceria, se não pensasse muito. Afinal, vai quem quer, essa verdade retumbante.

As placas do bairro, aliás, têm em comum uma simplicidade quase romântica: o que não se chama “Salette” se chama “Catumbi”; e há um bar que se chama apenas “BAR”.

É mais ou menos na frente dele que resiste uma placa colocada em 2011: “Welcome to Catumbi”. Integrantes do coletivo Filé de Peixe começavam ali uma série de intervenções urbanas para dar aquela catumbada na autoestima da vizinhança, depois de um período de tiroteios constantes entre os traficantes da Coroa e a polícia. Embaixo do fogo cruzado, o Catumbi, com suas Saletes, imperativos, bananas. Desde então, quem é “welcomed” no Catumbi ainda vê alguns postes com os coraçõezinhos de estêncil e a frase “I ♥ Catumbi”, outro dos gracejos do grupo. Uma frase bem mais enigmática do que o “Leia a Bíblia” que o ônibus deixou lá atrás: nessa mistura curiosa de inglês com tupi-guarani, a oração significa, em português, algo como “eu amo couve” ou “eu amo agrião”. Ca-tum-bi é como os índios chamavam a região, farta em vegetais escuros, lá nos idos pré-coloniais. Mas isso tive que pesquisar bem longe da janela do 435...



LAPA

Lapa, anos 80

ALEXEI BUENO

MINHA MAIS ANTIGA LEMBRANÇA DA Lapa, da primeira infância, é a grande impressão que me causava, dentro de um táxi, o súbito surgimento do aqueduto, monumental, a partir de ruas estreitas, cheias de casas velhas, por onde eu vinha com minha mãe ou minha avó. Tratava-se, bem se vê, da Lapa anterior à grande demolição do final dos anos 60, preconizada por Lúcio Costa — um entre os seus diversos equívocos modernistas que tanta coisa destruíram no Rio de Janeiro — para abrir vista para o aqueduto, e a demolição projetada ainda era bem maior do que a que foi realizada. Sem entrar no mérito do que sobraria de Roma, Lisboa ou Praga com a ideia do “abrir vista”, o resultado foi o mesmo criado pelo *parvis* haussmanniano de Notre-Dame em relação à catedral, ou seja, o aqueduto achatou-se, encolheu no meio do descampado onde um dia se erguera o coração da Lapa boêmia. Outro detalhe de que nunca me esqueci foi a data de 1773

— para mim de uma antiguidade vertiginosa — no frontão da capelinha anexa à igreja de N. S. do Carmo da Lapa do Desterro, igreja de uma torre sineira só, fato atribuído, numa música cantada pelo grande Nelson Gonçalves, a uma bala de canhão de Floriano, na Revolta da Armada de 1893, confusão total, pois a igreja que perdeu a torre era a da Lapa dos Mercadores, e o obus não foi lançado pelas tropas do Marechal de Ferro, mas pela esquadra revoltosa.

Anos se passaram, e, em fins de 1979, mudei-me pela primeira vez para fora da Zona Sul, indo morar na Tijuca. Ainda estudante, voltava para casa todos os dias num ônibus que descia a Avenida Mem de Sá. Naquele momento, entre o fim da adolescência e o início da juventude, teve início a minha relação estreita com o bairro, que nunca terminou, e a sua origem foi o que posso chamar de atração do *bas-fond*, rigorosamente. As numerosas boates de *strip-tease*, as sinucas, os bares, os pardieiros, a estranha fauna humana, tudo isso me atraiu de tal forma que, poucos anos depois, lá passava as madrugadas, todos os dias da semana menos os sábados, sempre voltando para casa dia claro. *Abyssus abyssum invocat*. Essa velha Lapa, sobrevivente da grande demolição, foi para mim, só como exemplo, o que a Montmartre da década de 1920 foi para Joseph Kessel, admiravelmente descrita por ele no seu “Nuits de Montmartre”, só que uma Montmartre infinitamente menos cosmopolita, imensamente mais pobre, e talvez menos violenta, apesar de um ou outro assassinato, trocas de tiros, duelos e outros crimes mais ordinários a que assisti.

Essa Lapa de minha juventude, a Lapa de 1980, mantinha ainda, apesar de tudo, algumas semelhança com a Lapa de Luís Martins, aquela que ele descreveu superficialmente no seu mau romance homônimo, de forma bem melhor no seu muito superior “A terra come tudo”, e de forma definitiva no seu admirável “Noturno da Lapa”. Nela ainda vivia uma fauna semelhante — quem foi rei nunca perde a majestade — ou seja, prostitutas em quantidade, travestis, um ou outro valente ou metido a malandro, pouquíssimos gigolôs — espécie em extinção —, biscateiros, fotógrafos da noite, pequenos comerciantes, motoristas de táxi, policiais, transformistas, mendigos, loucos de todos os tipos. Uma fauna notívaga, antes de tudo, composta por um arco que ia da baixa classe média ao proletariado, num período que posso dizer áureo em sua degradação e que durou muito pouco, imediatamente anterior à explosão da violência na cidade e ao catastrófico advento da AIDS, da qual vagamente se começava a ouvir falar como de uma obscura peste norte-americana.

Foi o período em que pontificava na “área” o Detetive Brasil, funcionário do IML, motorista do rabecão — se houvesse vivido mais, o Dr. Castro Lopes sugeriria, quiçá, o neologismo *necromóvel* —, sempre de branco, com um 38 enferrujado e um par de algemas na cintura e uma vela na meia, para acendê-la defronte ao cadáver antes de metê-lo na bandeja. Figura algo chaplinesca, parava o rabecão, lotado com seis *presuntos*, na porta do bar Carlitos, para tomar cerveja, quando não entrava por todas as boates para distribuir umas flores sofridas, que apanhava nas funerárias, a todas as moças da noite. Era a época de algumas vedetes e transformistas que deixaram memória, o Ator Vanderli,

o Besta Humana, a coreógrafa dos três shows da noite, Celinha Mengão.

Em 1987, num momento mais galhofeiro do que sério, tornei-me membro fundador do AMALAPA, Associação de Amigos da Lapa e Adjacências, em reunião confusa, como tudo que lá acontecia, na Rua do Riachuelo, junto à capelinha do Menino Deus. A Lapa era então, para nós, seus frequentadores de antes da sua recente delimitação e transformação em bairro de fato e de direito, uma espécie de *continuum*, que da Conde de Lajes seguia até a Praça da Cruz Vermelha, e de lá, pela Rua do Riachuelo e Joaquim Silva, até o ponto inicial, algo muito próximo do que depois foi delimitado.

No ano 2000, finalmente, após outras variadas vicissitudes do destino, acabei por comprar uma cobertura no velho Caminho de Mata-Cavalos, com uma linda vista para Santa Teresa, apartamento para o qual me mudei no ano seguinte, com minha desmarcada biblioteca e minhas muitas tralhas, inaugurando, portanto, o novo milênio na mesma Lapa dos meus vinte anos, e isso bem antes de sua espontânea e inesperada revitalização, sem qualquer dedo do Estado. E nela continuo, entre as suas numerosas sombras ilustres e suas bem mais numerosas sombras anônimas, perfeitamente esquecidas, não fosse pela persistência com que povoam a minha memória.



GLÓRIA

O Castelinho da Lili

ALVARO COSTA E SILVA

A CÂNDIDO MENDES TINHA SUA foz na Glória. Dali, você podia escolher, proustianamente, entre o Caminho da Lapa ou o Caminho do Catete. Mas, antes de aventurar-se à esquerda ou à direita, devia viver e aprender na rua, ladeira que hoje é memória.

A história registra que, em 1845, abriu-se o logradouro D. Luisa, mulher de Joaquim Clemente da Silva Couto e dona da chácara que ali havia. Passou a Cândido Mendes em 1881, quando morreu o senador maranhense. Do lado fica a Benjamin Constant (antes Santa Isabel), outro braço do corpo pensado de um bairro residencial entre as ruas e a encosta de Santa Teresa.

Cheguei na Cândido (pegamos logo intimidade) em meio às transformações dos anos 1960, com a substituição quase completa, pelos prédios de apartamentos, dos casarões de estilo português e francês. Só resta, mais para cima, chegando ao Largo

do Guimarães, uma ou outra das antigas moradas, que “insiste em continuar de pé para ser namorada dos saudosistas”, na frase do vizinho Pedro Nava. (Outro ilustre morador era Ítalo Rossi, a Rainha da Banda da Glória.)

A rua sempre foi, e hoje é mais ainda, de alta rotatividade. Sobretudo rotatividade sexual. Mas, para um menino de 9 anos, era um parque de brinquedos. Colada ao Centro e primeiro bairro da Zona Sul, a Glória carrega o subúrbio no sangue: pelo menos até a década de 1970, eram comuns os jogos de pipa (cerol preparado nos trilhos de Santa), pião, bola ou búrica, rolimã (logo substituído pelo *skate* de fabricação caseira, ai, os tombos, ai, as humilhações), linha de passe com gol na porta de garagem (“Valeu!”), altinho, garrafão, queimado, mamãe-posso-ir e a sublime carniça (cemitério-pegou-fogo ia até os Arcos da Lapa, com a turma de mais de vinte moleques em endoidada carreira entre os carros no lusco-fusco da tarde). Não jogávamos botões pela calçada, como Ataulfo Alves na sua feliz infância em Miráí, pois tínhamos as melhores mesas, verdadeiros maracanãs, de gramado levemente poroso, perfeito para o desfile dos galalites, cocos, vidrilhas, ossos, no domínio da bola redonda mais sofisticada de feltro ou da mais comum de miolo de pão. Meu prédio, o Roni, número 236 (camelo no jogo do bicho), blocos A e B, do lado direito de quem sobe, antes da primeira grande curva, tinha a novidade engana-trouxa imobiliária do momento: *playground* (meu pai, de sacanagem, só dizia “pleigrundi”). Mas eu não queria outra coisa: só rua.

Lá havia bulício, cheiro, medo, gente. E apelidos: Celso Perereca ou Celso Baliza, Wellington Porroca, William Zé Colmeia,

Monkey, Macacão, Paulinho Karatê, Paulinho Capoeira, Robertinho Paraíba, Zé Bola, Juca Narigudo, Nei Biritá, Rasec, Miquimba, os irmãos Breckinho e Breckão, Hugo Sorriso, Barata, Mazinho, Lula, Dudu, Marco Acreano, Jorge Sanduíche, Negão de Boca, Jaime Instantâneo, Paulo Louro, Bagaço, Vaselina. Alguns beiravam a marginalidade, ou caíram nela. As meninas eram conhecidas pelos nomes, no máximo um diminutivo: Marcinha, Kerma, Vânia, Celeste, Fernandinha, Laura e até uma Amazônia.

Era perigoso: diziam que, nos terraços do Caiapó, edifício soturno, um garoto “deixou fazer por trás”.

No bar Solange — e não bar da Solange, como chamavam alguns, pois jamais soube da existência de uma Solange de carne e osso na rua —, havia uma escarradeira no chão. De porcelana — barata, mas porcelana —, do tamanho de um prato, um pedal para apertar com o pé e sair a água que escorria para um buraco no meio. Onde estão as escarradeiras de antanho? Em que momento dos anos mais antigos o utensílio deixou de ser imprescindível aos botequins cariocas de fino trato?

Encimando a já citada primeira grande curva, ficava o casarão. A lenda urbana refere uma Isolina, que, no dia do casamento, vestida de branco, véu e grinalda, despencou das escadarias da entrada — que até hoje existem conservadas pelo enorme prédio de apartamentos erguido no terreno — e morreu. Virou assombração.

Mas o que nos inflamava a imaginação era outra hipótese. Ali funcionou o Castelinho da Lili, lupanar chique. Estava abandonado, mas o esplendor do passado gritava no palacete em muros de pó de pedra. À frente do portão, havia dois pilares e, no

topo de cada um, a escultura de um felino. Dentro, vencida a defesa do muro alto, uma ampla sala de estar com janelões, mais escadarias, muitos cômodos, dependências de serviço. “Aqui dormia a *cocotte* francesa?”, perguntávamos, ao invadir o casarão, em missões secretas. Dávamos um ‘shangai’ nas paredes — a corrida, o grito, o salto e o chute, como Bruce Lee —, com o risco de tudo cair em nossas cabeças.

Paulinho Capoeira, mais velho e mais valente, mulato que andava gingando, levava algumas meninas para o palacete. O mesmo mulato valente que, mais tarde, morreu com quatro tiros no Aterro do Flamengo. Motivo: as investidas de Duque, o *husky* siberiano que Paulinho deixava passear solto, na cadela *husky* de um coroa. Fim da infância.



MARÉ

As crônicas de Carlos

ANA PAULA LISBOA

JÁ ERA A TERCEIRA TENTATIVA de suicídio, pelo menos naquela semana. Eu que estou todos os dias, ou pelo menos nos dias que consigo acordar, às 7h30 no ponto de ônibus na altura da Passarela 9, já sabia que ele não iria pular. Aconteceu o mesmo na terça, na quinta e agora já era sexta, o trânsito estava péssimo, a irritação era tanta que valia mais a pena não prestar atenção.

Alguém no ponto chamou o homem de Carlos, isso foi na terça-feira. Passei a prestar mais atenção porque Carlos é o nome do meu pai, é um nome grave, ninguém pensa num suicida chamado Carlos, pelo menos não eu.

O Carlos parecia ser só mais um cracudo que, inebriados, veem macacos em cima de postes e girafas andando pela Rua Teixeira Ribeiro. O Carlos até era engraçado, um tanto quixotesco, já o havia visto dançando forró com alguma amiga imaginária e também no baile *funk* do Parque União. Além disso, ele usava chapéu de palha, aquele de festa junina e um paletó

surrado por cima de uma camisa da campanha do Brizola de 1982, mesmo em dias quentes.

Não implicava com ninguém e uma vez até comprei um fone de ouvido por cinco reais com ele. Vira e mexe tem alguém oferecendo eletrônico pela favela, o chamado cracudo-eletro, mas foi a única vez.

Na quinta-feira ouvi alguém cochichando que conheceu o Carlos quando ele era jovem, ainda que fosse impossível saber sua idade atual, que ele era um dos melhores pedreiros da Nova Holanda, que construiu muitas casas por toda a Maré, mas que depois que a mulher morreu ele ficou desgostoso da vida.

Seria uma pena se Carlos morresse assim, ainda mais numa sexta de trânsito já tão ruim. A via ficaria parada por horas e sabe-se lá que horas as pessoas chegariam ao trabalho, as pessoas no caso eu.

Então imaginei que aquela poderia ter sido uma semana ruim pra ele, vai que era aniversário dele e ninguém havia lembrado, ou pior, aniversário de morte da mulher. As pessoas enlouquecem nessas datas, como em “Karatê Kid”. Desculpe leitor, mas meu repertório vem todo da Sessão da Tarde.

Até que um senhor sensato conseguiu descer o Carlos e eu passei muito tempo sem vê-lo. Vai ver ele havia escolhido alguma outra passarela ou algum outro horário para seu último suspiro.

Ainda assim, suponha que você esteja parada dentro do ônibus 362, no engarrafamento diário da Avenida Brasil. Suponha que entre no ônibus um vendedor de balas *toffee*, suponha que as balas sejam recheadas de maracujá e chocolate. Suponha ainda que o vendedor seja pardo, de olhos verdes e que ele use calça

jeans, camisa social e tenha um sorriso bonito. Agora suponha que ele chame o motorista, o trocador e todos os passageiros de “Bença” e que isso seja uma alusão a bênção. Dito isto suponha que o homem comece o seu discurso pedindo desculpas pelo incômodo na viagem. Aí você supõe que ele começará a contar uma história triste, certo? Suponha que sim. Suponhamos que ele foi viciado em *crack*, que numa alucinação atravessou andando as pistas da Avenida Brasil, foi atropelado, ficou inválido, mas que agora, graças a Deus, está lavado e remido pelo sangue do Cordeiro. Suponha que ele tenha vendido suas balas, agradecido, abençoado os que compraram e os que não, e descido.



ILHA DO GOVERNADOR

A preço de banana

CECILIA GIANNETTI

Dedicado Às Senhoras.

NÃO SEI SE SOFRIA MESMO de algum desequilíbrio mental ou se essa era apenas a impressão que espalhavam a respeito dela, decretada louca pelo peso da opinião da classe média — desavisada da brevidade de seu status social —, que na década de 1980 crescia com prédios e casas de dois andares na Ilha do Governador, nos entornos do terreno dessa senhora.

As saias dela eram sempre iguais na simplicidade: um elástico na cintura segurava um pano que caía sobre a barriga até as canelas — cor de antigamentes. As blusas, uma versão menor de cada saia, com buracos para os braços. Seu terreno devia estar ali desde sempre, desde muito antes de chegarem à rua com nome

de vulcão os casais com dois ou três filhos, protegidos por grades de ferro pontiagudas como lanças e muros altos com vidros no topo, o que hoje é proibido, naqueles tempos era lei entre quem tinha uma casa ali. Muitos assaltos a residências, o que, na década seguinte, escalaria para sequestros e crimes com armas, centenas de moradores venderam suas casas na Ilha a preço de banana.

Mas, do ponto de onde eu conto, imóveis e terrenos na Ilha ainda eram caros. E o terreno de dona Cléia irritava muita gente. Não tinha muro, não tinha grades.

À frente, crescia um matagal alto, farto, impenetrável. Separava-o da calçada uma cerca de arame farpado e uma sequência de tocos de madeira enfiados na terra, de tamanhos e formatos irregulares, entortados pelo tempo. Tiravam do sério os vizinhos, ainda: os perigos do arame afiado e enferrujado, das farpas dos tocos de madeira — a feiura daquilo, enfim. Aquilo, sim, era considerado um iminente perigo para as crianças, dentre as quais figurávamos eu e O. Não os nossos próprios muros com cacos de vidro, nem as lanças de ferro prontas para rasgar uma barriga repleta de bananas, biscoitos de polvilho e vísceras. Não. Somente o arame farpado da cerca da velha. Só aquilo era o mal, pensavam.

De vez em quando a velha nos surpreendia, com boa disposição e saúde, e desbastava o capinzal, ela mesma, com um facão. Somente a parte da frente do terreno já era trabalho para um dia inteiro, a que ela dava início em fins de madrugada.

Tentativa de reparação. Tardia, póstuma, inútil. Livrar dona Cléia da pecha de louca, mesmo que isso fique só entre nós. É o mínimo, como paga pela quantidade de bananas que comi cada

vez que invadia seu terreno pelos fundos, igualmente mal guardados pelo mesmo tipo de cerca e tocos de madeira. Eu e O. nos enfiávamos pelas brechas entre os arames, que às vezes nos lanhavam mesmo, levando um pedaço de camiseta, outro de short, um pouco de sangue. O mato era o nosso parque, o nosso segredo, nossa prática diária: as bananeiras, a terra úmida e escura grudando na pele, os bichos fantásticos que encontrávamos ali. Insetos, aranhas, minhocas, formigueiros polpudos, traiçoeiríssimos. Nunca topamos com as cobras que mães neurastênicas garantiam que havia lá, à nossa espera, para uma picada e a morte.

Dona Cléia nunca implicou com a nossa presença. De vez em quando a víamos surgir de dentro do barraco que ocupava no centro do terreno. Ela dava sobras de comida às dezenas de ninhadas de gatos que nasciam e cresciam ali, e, como nós, por ali vagabundeavam. E que eu saiba gato não come cobra. Se existiam, não mordiam: eram cobras muito camaradas, caraminholas das donas de casa da vizinhança.

A velha sabia encontrar e distinguir, dentre mato, moita e capim, as ervas certas para curar dor de barriga, baixar febre, fechar ferida, proteger de todos os males. Colhia uma quantidade dessas folhas mais úteis e de vez em quando mandava a gente levar para casa, para vizinhos desconfiados, em punhados bem divididos, o uso de cada planta memorizado por nós: sabatinavamos antes de irmos. Uma gentileza de dona Cléia que passava incompreendida por quem a recebia.

Gentileza despendida das calosidades das suas mãos, à porta do barraco que lembrava os escombros de um bombardeio, de

uma guerra que não vimos acontecer, mas quem sabe?, a velha estava lá desde sempre, muito antes de nós, e o seu mundo era outro, mais vasto de possibilidades. A selva a poucos metros de nossa casa.

Eu bebia todo chá feito daquelas ervas: minha mãe era da turma do ‘se bem não fizer, mal não faz’. Nunca tive catapora, sarampo, rubéola, coqueluche, e as gripes que se apresentaram foram raras e fracas, apesar de eu conviver com bastantes crianças doentes no posto de saúde do INAMPS, colado à favela do bairro Bancários, onde trabalhavam os meus pais, e eu ficava depois da escola, quando não tinham com quem me deixar. (*Mea culpa*: havíamos perdido a diarista, moça que se preparava para o noviciado, pois, aos 6 anos, eu reagia diariamente com pavor brutal diante da futura freira. Ela ainda me dava pesadelos por ter uma irmã gêmea idêntica, também criada para o noviciado, que me causava medo também idêntico: arranjava trabalho justo na casa em frente a nossa, onde eu sempre calhava de vê-la feito alma penada vagando pelo jardim, a mesma tez pálida da irmã, colhendo flores para enfeitar a casa do patrão, conhecido na rua apenas pelo título de Coronel.)

Dona Cléia poderia facilmente ter se tornado a pessoa mais rica da rua, do bairro. Se tivesse atinado de vender o imenso terreno a quem quisesse construir ali prédios ou casas. Isso nunca aconteceu. Lembro que morreu sem que filhos nem sobrinhos, nenhuma espécie de família aparecesse para enterrá-la e herdar tamanha riqueza, terreno localizado perto do *shopping center* da Ilha do Governador, foco de lazer com seus cinemas que só exibiam *blockbusters* e uma pequena praça de alimentação, onde

o consumo de álcool por menores de idade era socialmente aceito, noite e dia. Causou grande assombro na vizinhança a ideia do valor do terreno, cujo destino desconheço. Causou espanto e, por fim, decidiram que tinha sido mesmo louca, pois Dona Cléia — negra, idosa, em andrajos, poucos dentes — viveu por mais de quarenta anos sentada sobre um tesouro imobiliário, coberto de mato alto, cravado numa rua residencial valorizada, onde moravam médicos, advogados (o próprio O., meu amigo de explorações na selva, tornou-se juiz), diretores de banco, donos de lojas. Ninguém que soubesse o valor de suas ervas.



SOBRE OS AUTORES

MARIEL REIS, nascido em 1976, cria do bairro da Pavuna, portelense, botafoguense e inclinado aos assuntos marginais. Realizou seus estudos na rede pública de ensino. Arriscou-se nos ramais da Leopoldina e Belford Roxo e hoje trafega pelo de Santa Cruz. É escritor, ensaísta e editor. Não quer abafar ninguém, só quer mostrar que faz literatura também.

ZEH GUSTAVO é músico e escritor. Faz parte do grupo Terreiro de Breque e do Samba da Saúde, além de ser intérprete do Cordão do Prata Preta e da Banda da Conceição, blocos de carnaval da Zona Portuária do Rio. Publicou, entre outros títulos, os livros de poesia “Pedagogia do suprimido” (Verve, 2013), “A perspectiva do quase” (Arte Paubrasil, 2008) e “Idade do zero” (Escrituras, 2005). Em 2012 e 2014, foi um dos organizadores do FIM (Fim de Semana do Livro no Porto). Em 2012, integrou a coletânea “Porto do Rio do início ao fim” (Rovelle, 2012), com o conto “Comuna da Harmonia”. Em 2014, seu livro de contos “Eu algum na multidão

de motocicletas verdes agonizantes” (inédito) venceu o Prêmio Lima Barreto, da Academia Carioca de Letras.

RAPHAEL VIDAL é escritor, editor e produtor. Como editor assistente da Vieira & Lent Casa Editorial criou o primeiro livro transmídia no Brasil. Foi coordenador editorial da Pallas Editora e produtor cultural do Museu de Arte do Rio. Idealizou e produziu o Fim de Semana do Livro no Porto, vencedor do Prêmio Porto Maravilha Cultural em 2014. Fundou a Casa Porto, onde atua como gestor. Produziu ainda o Festival de Gastronomia À Moda do Porto, o Festival do Porto e a Banda da Conceição. Publicou “O livro do pai chato” (Memória Visual, 2014) e a antologia “Porto do Rio do início ao fim” (Rovelle, 2012), da qual é, também, organizador.

ALDIR BLANC é compositor, escritor e médico psiquiatra por formação. Parceiro de diversos compositores da música brasileira, como Moacyr Luz, Cristovão Bastos e Guinga. Ao lado de João Bosco, com quem mais compôs, recebeu o Prêmio Shell de Música de 2004, pelo conjunto da obra. Publicou, entre outros, os livros “Rua dos Artistas e transversais” (Ediouro, 2006), compilação dos livros “Rua dos Artistas e arredores” (1978) e “Porta de tinturaria” (1981), lançados pela Editora Codecri, do jornal Pasquim, de que foi colaborador. Também “Brasil passado a sujo” (Geração Editorial, 1993) e “Um cara bacana na 19ª” (Record, 1996). Para adolescentes, “Uma caixinha de surpresas”, (Rocco, 2010) e para crianças, “Cantigas do Vô Bidu” (Lazuli, 2011). Foi

colunista dos jornais JB, O Dia e atualmente escreve para O Globo.

MAURÍCIO BARROS DE CASTRO nasceu em 1973, em Niterói (RJ), e vive no Rio de Janeiro. É escritor, doutor em História pela USP e professor do Instituto de Artes da UERJ. Publicou, entre outros, o livro “Zicartola: política e samba na casa de Cartola e Dona Zica” (Azougue, 2013, 2ª ed.).

EDUARDO GOLDENBERG é Flamengo, Salgueiro e nasceu na Tijuca, onde vive até hoje e onde pretende morrer e ser enterrado, razão pela qual anseia por um cemitério no bairro. É autor de Meu lar é o botequim (Casa Jorge, 2005) e advogado militante formado na PUC/RJ em 1992.

JOSÉ TRAJANO é carioca do Méier, virou tijucano aos sete anos, depois de morar no Catumbi. Entrou aos 16 anos no jornalismo e trabalhou no Jornal do Brasil, Correio da Manhã, Última Hora, Jornal dos Sports, Diário de Notícias, Tribuna de Imprensa, Isto É, Placar, Folha de São Paulo, Jornal da Tarde, Panorama, de Londrina; e nos tablóides alternativos Ex, Mais Um e Canja. Passou pela TV Globo, Bandeirantes e TV Cultura. É fundador dos canais ESPN do Brasil. Torcedor fanático do América, tem quatro filhos, duas netinhas inglesas e mais um a caminho. É autor dos romances “Procurando Mônica” (Paralela, 2014) e “Tijucamérica” (Paralela, 2015).

RODRIGO FERRARI nasceu às margens do rio Maracanã, na rua Guaxupé, Tijuca. Livreiro e editor, é fundador da livraria e edições Folha Seca, que há mais de 10 anos funciona na rua do Ouvidor, Centro do Rio.

ALBERTO MUSSA nasceu no Rio de Janeiro, em 1961. Sua ficção abarca o conto e o romance, com destaque para o “Compêndio mítico do Rio de Janeiro”, série de cinco novelas policiais, uma para cada século da história carioca, publicadas pela Record. Recriou a mitologia dos antigos tupinambás; traduziu a poesia árabe pré-islâmica; e escreveu, com Luiz Antônio Simas, uma história do samba de enredo. Premiada no Brasil e no exterior, sua obra está hoje publicada em 17 países e 14 idiomas.

MOACYR LUZ é compositor, com cerca de 200 músicas gravadas por artistas como Beth Carvalho, Zeca Pagodinho, Maria Bethânia e Leila Pinheiro. Recebeu, em 2015, o Estandarte de Ouro com o samba-enredo composto para a Renascer de Jacarepaguá, no Grupo de Acesso do carnaval carioca. Lançou 11 discos, sendo o mais recente deles o CD comemorativo dos dez anos do Samba do Trabalhador, roda semanal que acontece no tradicional Renascença Clube. É autor, entre outros, dos livros “Manual de sobrevivência nos butiquins mais vagabundos” (Senac Rio, 2006) e “Botequim de bêbado tem dono” (Desiderata, 2008).

FERNANDO MOLICA é autor dos romances “Notícias do Mirandão” (Record, 2002), “O ponto da partida” (Record, 2008), “O inventário de Julio Reis” (Record, 2012) e “Bandeira negra, amor” (Objetiva, 2005). Lançou também o infanto-juvenil “O misterioso craque da Vila Belmira” (Rocco, 2010) e o livro-reportagem “O homem que morreu três vezes” (Record, 2003). Foi, por duas vezes, finalista do Prêmio Jabuti. “O homem que morreu três vezes” recebeu menção honrosa do Prêmio Vladimir Herzog. Tem contos publicados em diversas antologias e no site *Rio, passagens*. “Notícias do Mirandão” foi publicado na Alemanha pela Nautilus. A também alemã Edition Diá lançou, em e-book, “Bandeira negra, amor”.

JULIANA KRAPP nasceu em 1980, no Rio de Janeiro. Publicou poemas em revistas como Inimigo Rumor e Modo de Usar & Co e no dossiê de poesia contemporânea brasileira do Diário de Poesía de Buenos Aires (organização e tradução de Cristian De Nápoli). Integra a coletânea “Otra línea de fuego. Quince poetas brasileñas ultracontemporáneas” (Selo Maremoto, Málaga/Espanha, 2009, edição bilíngue), organizada por Heloisa Buarque de Hollanda e traduzida por Teresa Arijón. É jornalista da Fundação Oswaldo Cruz.

MARCELO MOUTINHO é escritor, jornalista, Império Serrano e Fluminense. Publicou os livros “Na dobra do dia” (Rocco, 2015), “A palavra ausente” (Rocco, 2011), “Somos todos iguais nesta noite”

(Rocco, 2006), “Memória dos barcos” (7Letras, 2001), e o infantil “A menina que perdeu as cores”(Pallas, 2014). Também organizou as antologias “Dicionário amoroso da língua portuguesa” (Casa da Palavra, 2009), “Contos sobre tela” (Pinakothèque, 2005), “Prosas cariocas” (Casa da Palavra, 2004), das quais é coautor, o livro de ensaios “Canções do Rio – A cidade em letra e música” (Casa da Palavra, 2010) e o especial “Bravo! – Literatura e Futebol” (Abril, 2011).

NEI LOPES é compositor e intérprete de música popular, escritor e estudioso das culturas africanas, no continente de origem e na Diáspora. Bacharel em Direito e Ciências Sociais pela Faculdade Nacional de Direito da antiga Universidade do Brasil, atual UFRJ, publicou, em livro, vasta obra toda centrada na temática africana e afro-originada. Entre seus livros publicados estão: “Mandingas da mulata velha na cidade nova” (romance, Língua Geral, 2009); “Enciclopédia brasileira da diáspora africana” (Selo Negro, 2011, 4ª.ed.); “Novo dicionário banto do Brasil” (Pallas, 2012); “Poétnica” (Mórula Editorial, 2014); “Rio Negro, 50” (romance, Record, 2015).

PAULO ROBERTO PIRES é jornalista e escritor. Professor da Escola de Comunicação da UFRJ, publicou o perfil biográfico “Helio Pellegrino – A paixão indignada” (Relume Dumará, 1998) e os romances “Do amor ausente” (Rocco, 2000) e “Se um de nós dois morrer” (Alfaguara, 2011). É editor da Serrote, revista de ensaios do Instituto Moreira Salles.

FELIPE BEZERRA é carioca do Méier, criado na Pavuna, e vive no eixo Marapé-Cachoeiro, no Espírito Santo. Jornalista e escritor, assina crônica no caderno C2+Pensar, do jornal A Gazeta. Foi repórter e colunista do jornal Espírito Santo de Fato. Colaborou, também, para as revistas Cachoeiro Cult e Cineclube Jece Valadão.

BRUNA BEBER nasceu em 1984, em Duque de Caxias, Rio de Janeiro, e vive em São Paulo. Estreou na poesia com “a fila sem fim dos demônios descontentes” (7Letras, 2006), e é autora de “balés” (Língua Geral, 2009), “rapapés & apupos” (7Letras, 2012) e “Rua da padaria” (Record, 2013). Seus poemas já foram publicados em antologias e sites na Alemanha, Argentina, Espanha, Itália, México e Portugal. Já participou como autora convidada de diversos eventos literários no Brasil e no exterior, entre os mais recentes a FLIP (Festa Literária Internacional de Paraty), em 2013, e a Göteborg Book Fair 2014 na Suécia, integrando a comissão oficial de escritores que representaram o Brasil.

JOÃO FELIPE BRITO é carioca, banguense, mestre e doutorando em sociologia pela UFRJ. Escritor nos dias bons. Nos últimos anos, dedica-se a pesquisas, deslumbres e a toda sorte de atividades que tenham as cidades e as vidas de seus bairros como elementos de animação do mundo.

FÁBIO FABATO é flamenguista, Mocidade Independente, jornalista e escritor. Curador da série “Família do Carnaval” (Editora Nova Terra), biografias em crônicas das principais agremiações do Rio, é, ainda, um dos autores, dentre outras obras, do livro “Pra tudo começar na quinta-feira: o enredo dos enredos” (Mórula Editorial, 2015). Já comentou a folia carioca pela TV Bandeirantes e, atualmente, integra o time de comentaristas da Super Rádio Tupi.

BÁRBARA PEREIRA é jornalista há 19 anos. Já trabalhou no Sistema Globo de Rádio, na Ediouro, na TVE do Rio de Janeiro e na TV Escola, canal do Ministério da Educação. Autora do livro Estrela que me faz sonhar - Histórias da Mocidade (Verso Brasil Editora, 2013), é mestre em Educação pela UNIRIO e doutoranda em Memória Social na mesma universidade.

HENRIQUE RODRIGUES nasceu no Rio de Janeiro, em 1975, e desde 1991 mora em Jacarepaguá. É doutor em Letras pela PUC-Rio, e autor do romance “O próximo da fila” (Record, 2015), além do livro de poemas “A musa diluída” (Record, 2006) e vários infantis e juvenis, como “Versos para um Rio Antigo” (Pinakothèque, 2007) e “O tesouro na sombra da árvore” (Garamond, 2013). É organizador e coautor das antologias de contos “Como se não houvesse amanhã” (Record, 2010) e “O livro branco” (Record, 2012), inspiradas respectivamente nas músicas de Legião Urbana e Beatles.

LÚCIA BETTENCOURT nasceu no Rio de Janeiro (RJ). É autora dos livros de contos “A secretária de Borges” (Record, 2006) e “Linha de sombra” (Record, 2008, prêmios SESC, Josué Guimarães e Osman Lins), do romance “O amor acontece” (Record, 2006), dos infantis “O sapo e a sopa” (Escrita Fina, 2013), “A cobra e a corda” (Escrita Fina, 2011), “Botas e bolas” (Escrita Fina, 2011) e “A oca e a toca” (Escrita Fina, 2014) e do ensaio “O Banquete: uma degustação de textos e imagens” (Vermelho Marinho, 2012, Prêmio da Academia Brasileira de Letras). Seu próximo livro, “O regresso, os últimos dias de Rimbaud”, sairá pela editora Rocco no segundo semestre de 2015.

MANUELA TRINDADE OITICICA escreve música em versos e contos em prosa. As músicas aos poucos estão sendo gravadas por novos cantores do samba carioca. Já os contos foram publicados nos concursos “Nossas gentes, nossas letras” (Record, 2005), “Contos do Rio” (Bom Texto, 2006) e na antologia “Ler a Lapa” (Imã Editorial, 2015).

LUÍS PIMENTEL é jornalista e escritor. Trabalhou em diversas redações de jornais e revistas do Rio de Janeiro, foi autorroteirista de programas de humor para a TV, e tem livros publicados em variados gêneros (contos, poesia, infanto-juvenil, textos de humor e sobre personagens ou aspectos da música brasileira), por diversas editoras. Assina crônica semanal em *O Dia*, *CartãoPostal*, tendo a cidade como cenário e inspiração.

LUIZ ANTONIO SIMAS é Império Serrano e Botafogo. Cresceu entre o Rio de Janeiro e a Baixada Fluminense. É historiador, colunista do jornal O Dia e autor, dentre outros, de “Pedrinhas miudinhas: ensaios sobre ruas, aldeias e terreiros” (Mórula Editorial, 2013).

PAULO THIAGO DE MELLO é jornalista e antropólogo. Atualmente, trabalha no jornal O Globo e atua como pesquisador do Laboratório de Etnografia Metropolitana do Rio de Janeiro (LeMetro), sediado no Instituto de Filosofia e Ciências Sociais (IFCS), da UFRJ. Com apoio da Capes, realizou em 2011 uma pesquisa de pós-doutorado sobre o processo de gentrificação (aburguesamento) dos bairros de Botafogo, no Rio, e Aligre, em Paris.

HUGO SUKMAN é jornalista e crítico de música, curador do novo Museu da Imagem e do Som, do Rio de Janeiro. É autor, entre outros, dos livros “Martinho da Vila: Discobiografia” (Casa da Palavra, 2013), “Histórias paralelas: 50 anos de música brasileira” (Casa da Palavra, 2011), “Heranças do samba” (Casa da Palavra, 2004), com Aldir Blanc e Luiz Fernando Vianna. Colabora com diversas publicações brasileiras e foi repórter, editor e crítico de música no jornal O Globo e no Jornal do Brasil. Dirigiu para a televisão programas como Feira Carioca do Samba (Canal Brasil, 2008) e Hoje é dia de música (Conspiração/HBO, 2014) e shows como “Edu Lobo: 70 anos”.

ALEXANDRA LUCAS COELHO é jornalista e escritora portuguesa. Lançou no Brasil os livros “Caderno Afegão” (Tinta Negra, 2012), “Viva México” (Tinta da China, 2013), “Tahrir” (Língua Geral, 2011), “E a Noite Roda” (Tinta da China, 2012) e “Vai, Brasil” (Tinta da China, 2015). Em Portugal, publicou ainda “Oriente Próximo” (Relógio D’água, 2007) e “O Meu Amante de Domingo” (Tinta da China, 2014). Foi correspondente do diário Público no Brasil, onde morou entre 2010 e 2014. O seu romance, “Deus-dará”, a publicar em 2016, passa-se no Rio de Janeiro.

JOÃO PIMENTEL é jornalista. Trabalhou no Segundo Caderno, do jornal O Globo, de 1995 a 2011, e atualmente é assessor de Relações Institucionais do Museu da Imagem e do Som (MIS) e colunista do jornal O Dia. É autor dos livros “Blocos: uma história informal do carnaval de rua” (Relume Dumará, 2001), “Marcadas para viver: a luta de cinco escolas” (Verso Brasil, 2012), e do documentário “Jards Macalé: um morcego na porta principal”, vencedor do Prêmio Especial do Júri no Festival do Rio, em 2008, em parceria com Marco Abujamra. É compositor dos blocos cariocas e redator do programa Faixa Musical, do Canal Brasil.

MARIANA FILGUEIRAS tem 34 anos e faz reportagens nas ruas do Rio de Janeiro há mais de dez. Trabalhou no Estadão, no Jornal do Brasil, na TV Globo, colaborou para a revista Piauí e atualmente é repórter de cultura do jornal O Globo. Recebeu quatro prêmios de jornalismo e tem um Master Erasmus Mundus em Literatura

Comparada na University of St. Andrews, na Escócia, e na Universidade de Santiago de Compostela, na Espanha.

ALEXEI BUENO, poeta, tradutor, crítico e editor, nasceu no Rio de Janeiro, em 1963. Publicou, entre outros livros, “A via estreita” (Nova Fronteira, 1995, Prêmio Alphonsus de Guimaraens, da Biblioteca Nacional, e Prêmio da APCA), “Poemas reunidos” (Nova Fronteira, 1998, Prêmio Fernando Pessoa), “Gamboa” (Relume Dumará, 2002), para a coleção Cantos do Rio, “O patrimônio construído”, com Augusto Carlos da Silva Teles e Lauro Cavalcanti (Capivara, 2002, Prêmio Jabuti), “Glauber Rocha, mais fortes são os poderes do povo!” (Manati, 2003), “Poesia reunida” (Nova Fronteira, 2003, Prêmio Jabuti, Prêmio da Academia Brasileira de Letras), “Machado, Euclides & outros monstros” (B4 Editores, 2012), “Cinco séculos de poesia: poemas traduzidos” (Record, 2013).

ALVARO COSTA E SILVA é jornalista. Trabalhou nos jornais O Globo, Última Hora, Jornal do Brasil, Gazeta Mercantil, A Notícia, e nas revistas Manchete e Ele&Ela. Foi editor do suplemento literário Ideias&Livros, do Jornal do Brasil. É autor do “Dicionário amoroso do Rio de Janeiro” (Casarão do Verbo, 2015). Marechal, seu nome de guerra nas redações, é quase indissociável da sua assinatura.

ANA PAULA LISBOA é a mais velha de quatro irmãos, filha de dois pretos. Moradora do Complexo da Maré, faz parte do Coletivo Palafita, agência e produtora com foco na arte e cultura das

favelas. Formada em Letras e escritora desde os 14 anos, publicou contos e poesias em coletâneas nacionais e internacionais como a revista “Estrelas vagabundas”, “FLUPP Pensa: 43 novos autores” (Aeroplano, 2012) e “Je suis favela” (Éditions Anacaona, 2013). Em 2014, recebeu o 1º Prêmio Carolina de Jesus, dado a pessoas que tiveram suas vidas mudadas pela Literatura. Desde 2011, faz parte da equipe de coordenação da Agência de Redes para Juventude.

CECILIA GIANNETTI é escritora e roteirista carioca, autora do romance “Lugares que não conheço, pessoas que nunca vi” (Ediouro/Agir, 2007), e de vários contos publicados em antologias no Brasil e no exterior; colaboradora em minisséries e telenovelas desde 2010.



Este livro foi composto em Mackinac e Goshen. A primeira edição aconteceu em outubro de 2015, 450 anos depois de Estácio de Sá ter fincado o marco de fundação da cidade do Rio de Janeiro no Morro Cara de Cão; 448 anos depois da batalha de Uruçumirim, consolidando o domínio português na Guanabara, e da refundação da cidade no Morro do Castelo por Mem de Sá.

FOTO: Morro do Castelo quase todo destruído em 1924. Augusto Malta/AGCRJ

ESTÁCIO VA IGUAÇU

GP CENTRO Z MÉIER

N SÃO JOÃO LEBLON M

B A B MERITI I O

JACA REPAGUÁ C R

CAU... A... R...

GAMBUA PADRE
CATUMBI MIGUEL DA
AS MARACANÃ
PRAÇA BANDEIRA
MADUREIRA
GRA Y HUMAITÁ

FAJÁ ↓ REALENGO
ILHA DO GOVERNADOR